U.PORTO
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Telma Elisabete de Oliveira Duarte

2º Ciclo de Estudos em Ensino do Português no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário e de Língua Estrangeira (Espanhol) no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

CINCO UNIDADES DIDÁTICAS COM PROVÉRBIOS: A PRODUTIVIDADE DOS PROVÉRBIOS NA SÍNTESE E MEMORIZAÇÃO DE CONHECIMENTOS

2013

Orientadora: Professora Doutora Isabel Morujão

Classificação: Ciclo de estudos:

Dissertação/Relatório/Projeto/IPP:

Versão definitiva

Agradecimentos

À minha Orientadora e Supervisora Pedagógica, Professora Doutora Isabel Morujão, pelas sugestões de trabalho e pela permanente disponibilidade na orientação deste relatório/dissertação.

Aos meus Orientadores de Estágio, pelos conselhos e pela experiência partilhada.

Aos meus pais e aos meus avós, porque sempre acreditaram em mim e por me terem dado asas para voar.

Aos meus sobrinhos, Juliana e Leonardo, e à minha prima Rute, por serem fonte de inspiração eterna.

Por último, sobretudo, ao meu namorado, Jesús, pelo apoio incondicional e imensurável e pela paciência para me animar nos momentos mais difíceis.

RESUMO

Numa sociedade globalizada em permanente mutação, na qual tudo (ou quase tudo) parece ser descartável, também o conhecimento que procuramos transmitir aos nossos alunos parece ser efémero. Cabe, assim, a todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem ajudar os alunos a desenvolverem estratégias que lhes possibilitem reter os conteúdos programáticos veiculados e, consequentemente, alcançar melhores resultados académicos.

Neste sentido, após uma breve análise da problemática que envolve a definição de provérbio e partindo de algumas reflexões sobre as potencialidades do texto proverbial no ensino e sobre a pertinência da sua inclusão nas planificações de aula (com base nos programas homologados pelo Ministério da Educação), apresentamos e avaliamos uma proposta de utilização dos provérbios como meio para dinamizar uma melhor e mais eficaz síntese e memorização, por parte dos alunos, dos conhecimentos transmitidos na sala de aula.

Palavras-chave: provérbios, síntese, memorização, ensino.

RESUMEN

En una sociedad globalizada en permanente cambio, en la cual todo (o casi todo) parece ser desechable, también los conocimientos que intentamos transmitir a nuestros alumnos parecen ser efímeros. Es, de este modo, fundamental, por parte de todos aquellos implicados en el proceso de enseñanza y aprendizaje, ayudar a los alumnos a desarrollar estrategias que les permitan retener los contenidos transmitidos y, por consecuencia, alcanzar mejores resultados académicos.

En este sentido, después de una breve análisis de la problemática que rodea la definición de refrán, y partiendo de algunas reflexiones sobre las potencialidades de los refranes en la enseñanza y sobre la pertinencia de su inclusión en nuestras planificaciones de clase (con base en los programas homologados por el Ministerio de Educación), presentamos y evaluamos una propuesta de utilización de los refranes como medio para dinamizar una mejor y más eficaz síntesis y memorización del conocimiento transmitido en clase.

Palabras clave: refranes, síntesis, memorización, enseñanza.

ABSTRACT

In a globalized society permanently changing, in which everything (or almost everything) seems to be disposable, also the knowledge that we try to transmit to our students seems to be momentary. It is, thus, the task of all those involved in the teaching-learning process to help students develop strategies that will help them retain the conveyed programmatic contents and, consequently, achieve better academic results.

Given this, after a brief analysis of the problematic surrounding the definition of proverb and based on some reflections on the potentialities of the proverbial phrases in teaching and on the pertinence of its inclusion in our class planning (according to the programmes homologated by the Ministry of Education), we present and evaluate a proposal of the use of proverbs as a resource to promote a better and more effective synthesis and memorization, by students, of the knowledge transmitted in class.

Keywords: proverbs, synthesis, memorization, teaching.

Índice

Introdução..... 1

PARTE I – Investigação..... 5

1. Enquadramento teórico…….. 6

1.1. Considerações prévias..... 6

1.2. O provérbio: ensaio de definição..... 6

1.3. Potencialidades do provérbio no ensino…….....…… 14

1.3.1. Potencialidades do provérbio no ensino da Língua Materna..... 18

1.3.2. Potencialidades do provérbio no ensino de uma Língua Estrangeira e, em particular, no ensino do Espanhol…… 20

1.4. O lugar do provérbio nos Programas Oficiais do Ensino Básico e Secundário……..... 25

1.4.1. O lugar do provérbio no Programa de Português do Ensino Básico…….....…… 25

1.4.2. O lugar do provérbio no Programa de Português – 10.º ano – Cursos Científico - Humanísticos e Cursos Tecnológicos…… 27

1.4.3. O lugar do provérbio no Programa de Língua Estrangeira – Espanhol - 3.º Ciclo……... 29

1.4.4. O lugar do provérbio no Programa de Espanhol - Nível de Continuação - 10.º ano……..... 33

PARTE II – Ação…….. 37

1. Caracterização do universo de ação: escola e turmas…… 38

1.1. A Escola Secundária Manuel Gomes de Almeida……. 38

1.2. Turmas……..... 39

1.2.1. As turmas de Português…… 40

1.2.1.1. A turma do 8.º1…….. 40

1.2.1.2. A turma do 10.º 2……... 41

1.2.2. As turmas de Espanhol…….. 42

1.2.2.1. A turma do 7.ºano: o 7.º1 + 7.º2……..…….. 42

1.2.2.2. A turma do 10.º7…… 44

2. Problema que suscitou este projeto de investigação-ação e objetivos do projeto.. 46

3. O projeto em ação: procedimento metodológico e etapas……. 48

3.1. Inquérito de diagnose…… 50
3.1.1. Resultados do inquérito de diagnose na turma do 8.º1 (Português)….. 51
3.1.2. Resultados do inquérito de diagnose na turma do 10.º2 (Português)… 53
3.1.3. Resultados do inquérito de diagnose na turma do 7.º1/2 (Espanhol)… 55
3.1.4. Resultados do inquérito de diagnose na turma do 10.º7 (Espanhol)…. 57
3.2. Propostas didáticas: o provérbio como síntese de conteúdos…… 59
3.2.1. Propostas didáticas aplicadas nas turmas de Português…… 60
3.2.1.1. Primeira unidade didática: *Saga* - «Quem espera sempre alcança»……. 60
3.2.1.2. Segunda unidade didática: Camões lírico - «Quem vê caras não vê corações»…….**.....** 62
3.2.1.3. Terceira unidade didática: *O conto da ilha desconhecida* - «Água mole em pedra dura tanto dá até que fura»…… 62
3.2.1.4. Quarta unidade didática: *Perdido num livro* - «Quem conta um conto acrescenta um ponto»…… 64
3.2.1.5. Quinta unidade didática: *As palavras* - «Mais fere má palavra do que espada afiada»……... 64
3.2.2. Propostas didáticas aplicadas nas turmas de Espanhol…….**.....** 65
3.2.2.1. Primeira unidade didática: *La descripción de carácter* - «*Caras vemos corazones no sabemos*»…….**.....** 65
3.2.2.2. Segunda unidade didática: *Material escolar* - «*Para gustos los colores*»…… 66
3.2.2.3. Terceira unidade didática: *Tecnología* - «*Quien la sigue la consigue*»……**...** 66
3.2.2.4. Quarta unidade didática ¡*Feliz Cumpleaños!* - «*A caballo regalado no le mires el diente*»……. 68
3.2.2.5. Quinta unidade didática: Barcelona «*Allá donde fueres haz lo que vieres*»…….**.....** 68
3.3. Avaliação intermédia de procedimentos e de resultados: segundo inquérito…… 69
3.3.1. Resultados do segundo inquérito na turma do 8.º1 (Português)…… 69
3.3.2. Resultados do segundo inquérito na turma do 10.º2 (Português)…….. 71
3.3.3. Resultados do segundo inquérito na turma do 7.º1/2 (Espanhol)…….. 72

3.3.4. Resultados do segundo inquérito na turma do 10.º7 (Espanhol)…….. 73
3.4. Avaliação global da ação: terceiro inquérito……. 74
3.4.1. Resultados do terceiro inquérito na turma do 8.º1 (Português)……. 74
3.4.2. Resultados do terceiro inquérito na turma do 10.º2 (Português)…….. 76
3.4.3. Resultados do terceiro inquérito na turma do 7.º1/2 (Espanhol)…….. 77
3.4.4. Resultados do terceiro inquérito na turma do 10.º7 (Espanhol)…… 79
3.5. Conclusões da aplicação deste projeto…….. 80
3.6. Limitações/Dificuldades…… 84
Considerações finais…….. 86
Bibliografia……... 90
Anexos……... 95

Índice de figuras

Figura 1: Espaço físico da Escola Secundária Manuel Gomes de Almeida……... 38

Lista de abreviaturas

LM	Língua Materna
LE	Língua Estrangeira
PLM	Português Língua Materna
ELE	Espanhol Língua Estrangeira
PPEB	Programa de Português do Ensino Básico
PP10.ºCCHCT	Programa de Português de 10.º ano para os Cursos Científico-Humanísticos e para os Cursos Tecnológicos
PLEE	Programa de Língua Estrangeira - Espanhol – 3.º Ciclo
PENC10.º	Programa de Espanhol – Nível de Continuação – 10.º ano

Introdução

«The genius, wit and spirit of a nation are discovered in its proverbs.»

Francis Bacon

Quando, no inverno de 2009, iniciámos a leitura de *Cinco horas con Mario*, do escritor espanhol Miguel Delibes, apercebemo-nos de imediato da força e da atualidade das expressões proverbiais na literatura espanhola contemporânea. Tal facto marcou-nos impressivamente, sobretudo por constatarmos que este recurso, longe de criar repulsa ou tédio junto do leitor, suscitava, pelo contrário, fascínio e leituras comparadas com a cultura portuguesa. Nessa altura, possuíamos já um conhecimento da Língua Espanhola que nos permitiria ler o livro entendendo todas as suas palavras individualmente; no entanto, as expressões idiomáticas e os provérbios impediam a leitura fluida da obra e obrigavam-nos a parar para procurar o significado daquelas «combinações fixas» (Vilela, 2002: 170) que ignorávamos. Tomámos então consciência de como o desconhecimento das mesmas pode representar um entrave para todos aqueles que desejam aprender uma Língua Estrangeira (doravante LE).

Já em setembro de 2012, na Escola Secundária Manuel Gomes de Almeida, em Espinho, ao iniciarmos o estágio bidisciplinar em Português e Espanhol, e ao tomarmos contacto com as turmas de Português Língua Materna (doravante PLM) e de Espanhol Língua Estrangeira (doravante ELE), a impressão deixada pela leitura de Delibes regressou com força. Verificando-se, em atividades de diagnose, o rápido esquecimento dos alunos relativamente a matérias lecionadas em anos anteriores, atraía-nos a ideia de tentar levar os estudantes a memorizar com mais eficácia, por caminhos não muito comuns, os conteúdos programáticos que lhes iriamos expor. E a memória dos provérbios que tínhamos pesquisado durante a leitura de *Cinco horas com Mario* trouxe-nos rapidamente até ao tema deste relatório. Se nós próprias não esquecêramos esse livro, talvez o uso do provérbio, em contexto de sala de aula, quer na Língua Materna (doravante LM), quer na Língua Estrangeira, facilitasse também nos alunos que tínhamos na frente o processo de síntese e memorização de conteúdos programáticos. Dando-se a coincidência de termos de lecionar cinco unidades didáticas em cada área disciplinar, a glosa de Delibes tornou-se, de repente, no título óbvio deste trabalho: cinco unidades didáticas com provérbios.

Apercebermo-nos da importância da linguagem parémica numa LE levou-nos a ponderar acerca do papel que esta desempenha na língua e cultura portuguesas. Tendo despontado em nós esta curiosidade, começamos a notar como os provérbios surgem com grande frequência em variadíssimas tipologias textuais, sendo utilizados em canções, em anúncios publicitários, em títulos de livros e de artigos científicos, entre outros[1]. Concluímos, desta forma, que ignorar este recurso nas nossas aulas de língua, quer fossem elas de LM ou de LE, seria desperdiçar um conhecimento ancestral de manifesto interesse para os nossos alunos, como se verá mais adiante no ponto 1.3. da primeira parte deste relatório/dissertação.

Este desejo de estudar a produtividade dos provérbios como recurso educativo nasce, igualmente, da perceção de que o estudo formal dos provérbios é ainda um tema menor na didática das línguas e, de forma mais acentuada, na didática da LM. Como refere María Jesús Fernández Prieto, que se lhes refere linguisticamente como fraseologia, «tenemos que reconocer que esta (la fraseología) ha sido y sigue siendo una asignatura pendiente, pues no se ha abordado en el aula didáctica de la fraseología con la misma sistematización que se ha empleado en otras áreas como el léxico o la gramática» (2004: 349). Parece-nos, portanto que a paremiologia[2] é um conhecimento valioso que se tem subvalorizado em contexto didático apesar dos estudos que insistem na sua vitalidade[3]. Consequentemente, ganha, para nós, todo o sentido incorporá-la nas nossas aulas, dando-lhe um papel ativo na construção do conhecimento dos nossos estudantes. Como refere Leonor Melo (2002: 20), é aconselhável «aproveitar esse património na formação e enriquecimento cultural dos nossos alunos». «A Escola como veículo de transmissão de saberes e de valores culturais, tem uma grande responsabilidade em manter aceso esse legado da nossa memória colectiva» (idem, 2002: 21) e em contribuir para a «preservação e revitalização da nossa cultura tradicional oral, mais concretamente do provérbio, enquanto elemento de identificação cultural» (idem, 2002: 151).

[1] Confrontar NÓBREGA, Marlene Assunção (2008): *Quando os provérbios dão a manchete: a oralidade no texto escrito jornalístico – o caso Jornal da Tarde* (tese de doutoramento), São Paulo: Universidade de São Paulo.

[2] Disciplina que estuda os provérbios.

[3] Confrontar BRAZÃO, José Ruivinho (1998): *Os Provérbios estão vivos em Portugal*, Lisboa: Editorial Notícias.

A vontade de preservar a nossa riqueza cultural, associada à potencialidade didática do provérbio, coadunava-se perfeitamente com as normativas do Programa de Português do Ensino Básico (doravante PPEB) que recomenda «evitar a repetição de práticas estereotipadas» (PPEB, 2009: 145) e que aconselha que o professor «deverá criar uma dinâmica de ensino que impulsione percursos interpretativos variados e criativos» e «estabelecer associações criativas a serem memorizadas» (idem, 2009: 147). Apesar do nosso papel enquanto professoras estagiárias e da nossa capacidade de ação estar limitada a um número reduzido de aulas, parecia-nos fundamental ousar pôr em prática uma ação diferente que, alicerçada numa prévia e consistente investigação, pudesse resultar numa experiência com êxito.

Por último, tal como acontece com muitos autores que se dedicam ao estudo dos provérbios, como se pode comprovar, por exemplo, pela observação que Ana Maria Vellasco faz de que «em família pois, aprendi a maioria das parémias que hoje me vêm prontamente à memória e que integram, consistentemente, o meu léxico e as minhas estratégias conversacionais» (2000: 4), também a nossa opção pelo estudo dos provérbios se prende com razões afetivas. Pretendemos, deste modo, recuperar a memória da nossa infância e fazer com que também os alunos possam sentir o «prazer de redescoberta de fórmulas frásicas que nos relembram pessoas e momentos da nossa infância» (Duarte, 2006: 22). A utilização de provérbios nas nossas aulas constituiria assim uma forma de ter em consideração as vivências dos alunos e permitiria «abrir a escola à comunidade, isto é, gerar situações de ensino/aprendizagem centradas na comunidade, envolvendo os alunos, e os adultos» (Melo, 2002: 110). Finalmente, fazendo dos afetos e das memórias um instrumento de trabalho, constitui objetivo central da nossa ação utilizar em cada unidade didática um provérbio de modo a que este funcione como síntese dos conteúdos expostos ao longo dessa unidade.

Tecidas estas considerações, cabe agora assinalar a estrutura deste relatório, que se encontra dividido em duas partes: uma primeira parte, em que expomos algumas ideias teóricas resultantes da investigação efetuada; e uma segunda parte, em que descrevemos detalhadamente a ação levada a cabo junto dos alunos.

Assim sendo, na primeira parte, analisamos o conceito de provérbio, referindo e comentando alguns dos seus traços característicos mais significativos. Tecemos, em seguida, algumas considerações sobre a importância que estes têm vindo a desempenhar na sociedade e cultura universais e refletimos, posteriormente, sobre as potencialidades das parémias no ensino, tanto da LM como da LE. Mencionamos, por fim, a pertinência

de estudar a linguagem parémica com base numa leitura e análise atentas do conteúdo dos Programas de Português e de Espanhol para o Ensino Básico (7.º e 8.º anos) e para o Ensino Secundário (10.º).

Na segunda parte deste relatório, começamos por apresentar o universo de ação com o qual trabalhámos. Delineamos, em seguida, o problema que suscitou o projeto de investigação-ação levado a cabo e os objetivos que, com ele, nos propusemos alcançar. Passamos então a explicitar o procedimento metodológico utilizado, descrevendo minuciosamente todos os passos dados em direção à consecução das nossas pretensões e, por último, refletimos sobre as limitações que dificultaram a ação desenvolvida e retiramos algumas conclusões a partir dos dados analisados, efetuando um balanço de todo o trabalho desenvolvido.

PARTE I - INVESTIGAÇÃO

1. Enquadramento teórico

1.1. Considerações prévias

Dadas as características deste projeto de investigação-ação e o tempo disponível para a sua realização (sempre escasso, sobretudo se atendermos às unidades curriculares que ainda se frequentam no segundo ano, no âmbito do plano de estudos em vigor), não constituiu nossa intenção ter a pretensão de afirmar que cobrimos a totalidade da bibliografia disponível, no que a este tema diz respeito. Tentámos, de forma geral, abordar bibliografia pertinente e, ao mesmo tempo, variada, retirando algumas reflexões que nos auxiliassem no desenvolvimento do projeto de ação que pretendíamos levar a cabo.

1.2. O provérbio: ensaio de definição

A afirmação de Mário Vilela (2002: 229) de que «são mais as perguntas do que as respostas à volta dos provérbios» resume, de forma geral, as conclusões a que chegamos quando tentamos empreender um estudo em torno do provérbio: definição, estrutura, origem, conteúdo ou função. Deste modo, quando iniciámos o nosso estudo sobre essa tipologia, verificámos imediatamente que não há propriamente consensos, nem quanto à sua definição, nem quanto à sua distinção face às restantes expressões que com ele confinam e se lhe assemelham. Apesar de todas essas flutuações e incertezas, existem, todavia, características que vários autores atribuem aos provérbios e sobre as quais, regra geral, todos parecem estar de acordo**.**

Como se disse, são vários os autores que nos dão conta, quando confrontados com a necessidade de definir um provérbio, da dificuldade com que se deparam ao encetar essa tarefa. Helena Vaz Duarte, por exemplo, fala-nos da «dificuldade de encontrar a definição objectiva que pretendíamos» (2006: 31), a qual reforça com a constatação de Wolfgang Mieder de que «the problem of defining a proverb appears to be as old as man´s interest in them» (apud Duarte, 2006: 31). De igual modo, Marlene Assunção Nóbrega pensa que «a perfeita ou definitiva conceituação do provérbio é muito difícil» (2008: 117) e Parafita e Fernandes (2007: 68) comentam que «não falta mesmo quem considere impossível defini-lo».

Na sua dissertação de doutoramento *Texto proverbial português – elementos para uma análise semântica e pragmática*, um estudo académico de referência nesta área, Ana Cristina Macário Lopes define o provérbio como «um texto breve e sentencioso, que se transmite oralmente de geração em geração, acabando por adquirir o estatuto de texto anónimo institucionalizado» (1992: 1).

Leonor Melo, após proceder à análise de diversas definições, conclui que:

> (…) os provérbios são breves frases sapienciais, com origem na sabedoria popular, daí o seu carácter de textos anónimos; que o seu êxito se deve fundamentalmente à sua brevidade e a elementos mnemónicos como a métrica, a rima, os paralelismos, as metáforas, a deformação intencional de determinadas palavras, entre outros; que a sua leitura pode ser literal ou metafórica e que o seu carácter sentencioso ou didáctico tanto serve para "apontar o dedo", com algum cinismo, a determinados comportamentos humanos, como para enaltecer virtudes, ou indicar normas de conduta». (2002: 152)

Definido também como um «enunciado cristalizado» (Duarte, 2006: 32), o provérbio adquire, apesar da sua "fixidez", uma plasticidade que o torna adequado a diversas situações de comunicação e a diferentes tipologias textuais.

Não nos decantamos neste relatório de estágio por nenhuma definição em particular, por não nos parecer relevante para o trabalho que nele desenvolvemos. Pretendemos apenas, ao longo desta breve síntese, dar uma ideia da sua especificidade, para ponderarmos posteriormente sobre a sua aplicabilidade no contexto de sala de aula.

Outra das questões que oferece alguma fricção no estudo dos provérbios diz respeito à sua inclusão ou não dentro do estudo da fraseologia. Ainda que a maioria dos autores consultados não atribua grande relevância a esta questão, pensamos que ela pode gerar alguma confusão. No seu artigo «La enseñanza de la fraseología. Evaluación de recursos y propuestas didácticas», María Jesús Fernández Prieto resume esta problemática de forma bastante clara, referindo que «no se encuentra unanimidad entre los estudiosos en cuanto a una tipología definida de las unidades fraseológicas» (2004: 350). Para esta mesma autora, no entanto, «la tendencia general es integrarlas como ufs de pleno derecho» (idem, 2004: 350). Antonella Sardelli, no entanto, discorda desta autora, desacordo este que podemos entrever, por exemplo, nas seguintes afirmações emitidas pela autora: «en la opinión general, los refranes están mejor en boca de personas que ya tienen una buena colección de años. Otra cosa son los fraseologismos,

que parecen ser unidades fraseológicas más dinámicas y se ajustan más a los ritmos de la vida moderna» (2010: 326).

À dificuldade em encontrar uma definição relativamente objetiva subjaz ainda o problema de «identificação destes ditos, distinguindo-os de outras expressões, igualmente concisas e gerais que são os aforismos, as frases feitas e os lugares comuns» (Duarte, 2006: 32). Assim, tal como se verificava quanto à dificuldade em oferecer uma definição objetiva e concisa de provérbio, são igualmente vários os autores que constatam este problema terminológico. No prefácio ao livro *Os Provérbios estão vivos em Portugal*, Arnaldo Saraiva refere, por exemplo, que «problemática é também por vezes a distinção entre um provérbio e uma locução adverbial e até uma frase idiomática ou uma frase sentenciosa» (Saraiva in Brazão, 1998: 10).

Uma vez mais, as propostas de distinção são inúmeras. Helena Vaz Duarte propõe que a distinção entre aforismo e provérbio seja estabelecida com base na autoria, sendo os provérbios textos anónimos e os aforismos «citações ou pensamentos de um autor» (2006: 33). Em relação à distinção entre provérbio e expressão idiomática, esta autora considera que a mesma reside nos juízos de valor presentes em todos os provérbios e ausentes das expressões idiomáticas.

Para Leonor Melo, no entanto, o provérbio distingue-se de expressão idiomática pela sua autonomia de todo e qualquer contexto linguístico ou extralinguístico, sendo que, do seu ponto de vista, a expressão idiomática depende do contexto para ser totalmente entendida. De acordo com Ana Cristina Macário Lopes, é este mesmo traço que distingue os provérbios das expressões idiomáticas pois enquanto os primeiros têm «sempre um valor semântico autónomo em termos comunicativos», as últimas «são apenas constituintes de frase e nunca podem ocorrer como enunciados completos» (Lopes, 1992: 10). Apesar de não pretendermos entrar, pela falta de relevância para o nosso relatório, nesta preocupação de distinção, este parece-nos ser também o melhor critério para estabelecer a distinção entre provérbio e expressão idiomática.

A diferença entre provérbio e máxima, segundo Mário Vilela, pode estabelecer-se com base no facto de a máxima ter um autor conhecido. O mesmo é, de acordo com este autor, ainda passível de ser distinguido das sentenças, as quais, em sua opinião, têm um fundamento científico ou filosófico; e do ditado, que é essencialmente denotativo, fundado na experiência, e que permite corrigir ou ensinar.

Segundo Ana Cristina Macário Lopes, o provérbio distingue-se dos aforismos, apotegmas, máximas e textos breves porque estes «correspondem a ditos memoráveis

de personagens ilustres» (1992: 9), enquanto os provérbios constituem textos anónimos. Esta autora reconhece, não obstante, que, por vezes, se utilizam, na Língua Portuguesa, termos sinónimos ou parassinónimos, nomeadamente «adágio», «ditado», «rifão» e «anexim».

Tal falta de consenso é também constatada na literatura consultada em espanhol, o que nos leva a concluir que a dificuldade em distinguir os provérbios de outros termos e formulações semelhantes não é um problema que enfrentem apenas os autores portugueses. Julio Peñate Rivero (1995: 289), por exemplo, dá também conta desta problemática, afirmando que «en el lenguaje cotidiano, el término *refrán* suele usarse alternando con una serie de expresiones afines, tales como proverbio, máxima, sentencia, adagio, pensamiento, frase proverbial, idiomatismo, etc». Para este autor, o que caracteriza a máxima é a sua origem culta, a sua autoria conhecida e o seu tom grave. Por outro lado, em sua opinião, as frases feitas não acarretam a lição de moral que se encontra presente nos provérbios.

Ao longo deste relatório/dissertação de estágio, faremos predominantemente uso do termo «provérbio» para referir o enunciado linguístico com as características que de seguida sistematizaremos, sobretudo porque se trata do vocábulo que «alcançou mais largo uso na nossa oralidade e que (...) maior aceitação conhece na expressão escrita nacional e (...) internacional» (Brazão, 1998: 21). Utilizaremos também, não obstante, outras expressões que consideramos suas equivalentes, nomeadamente as expressões «parémia», «texto proverbial» e «estrutura proverbial».

Apesar da dificuldade em definir e distinguir o provérbio de outras expressões semelhantes, partilhamos a opinião de Leonor Melo que conclui que, apesar da falta de consenso, «há convergência nas diversas definições» (2002: 26). Nas várias definições apresentadas por distintos autores, sobressaem, deste modo, algumas características comuns que analisaremos em seguida. Uma vez que «parece infindável a tentativa de levantamento de características que os provérbios podem apresentar» (Nóbrega, 2008: 131), salientaremos apenas aquelas que nos parecem mais pertinentes para o nosso projeto de investigação-ação.

O uso do provérbio aparece, em vários autores, circunscrito ao contexto popular. No entanto, como menciona Leonor Melo, ainda que muitos provérbios sejam «filhos legítimos do povo, que os gerou e os foi moldando até atingirem a sua autonomia (...) outros nasceram da boca de algum filósofo, fabulador, ou pessoa ilustre» (2002: 31). Assim, apesar da comum associação do provérbio ao registo popular, o enunciado

proverbial parece não se circunscrever a esse registo, como podemos comprovar pela sua utilização em variadíssimas circunstâncias de comunicação, nomeadamente nos discursos parlamentares. Como refere Leonor Melo (2002: 31), «seja qual for a sua génese, o mesmo provérbio tanto se pode revestir de roupagens populares, como erguer-se espartilhado nas conversas mais ilustres, dependendo do contexto em que é utilizado». Concordamos, deste modo, com Ana Cristina Macário Lopes (1992: 1-2), que defende que «o que nos interessa é realçar que um provérbio nasce, não no acto da sua invenção, mas no processo da sua absorção pela comunidade, que se concretiza em reutilizações permanentes». Essa potencialidade de reutilização pela comunidade interessará sobremaneira ao nosso projeto, que visará uma reutilização do provérbio no contexto da comunidade escolar.

Provenientes do povo ou não, os provérbios fazem parte do património popular que devemos preservar e divulgar, e veiculam, consequentemente, uma sabedoria acumulada e transmitida ao longo de várias gerações. Deste modo, quando alguém enuncia um provérbio, através dessa pessoa fala toda uma comunidade e é também por essa razão que geralmente os acompanhamos de expressões indefinidas tais como: «como dizia a minha avó...»; «bem diz o provérbio que...»; «como todo o mundo sabe...»; «lá diz o povo...». A este respeito, Helena Vaz Duarte considera que «ao concordarmos com os provérbios estamos a manifestar a nossa concordância com a visão do mundo que estes nos oferecem e portanto entramos na colectividade que os criou, que os preserva e que os reproduz» (2006: 32). Ao reproduzirmos um provérbio reafirmamos, deste modo, a nossa sensação de pertença a uma comunidade e à cultura que esta veicula e, nesse sentido, o provérbio é construtor de identidade.

Outra das características dos provérbios bastante salientada nas leituras efetuadas diz respeito ao facto de estes poderem constituir uma estratégia que permite despersonalizar o discurso. Neste sentido, o provérbio pode constituir uma tática à qual o locutor recorre quando quer dizer algo que possivelmente não será bem aceite ou que o comprometerá, evitando assim a total responsabilidade por aquilo que diz. De acordo com Regina Rocha, os provérbios são dotados de uma «vantajosa dubiedade referencial, que permite o dizer sem dizer, prestando-se à atividade argumentativa do sujeito, que os usa em proveito de seus objetivos ilocutórios» (1995: 11). De igual modo, o autor espanhol Miguel Ángel de la Fuente González salienta esta vantagem da linguagem parémica ao afirmar que os provérbios «nos pueden servir de base para dar un consejo que sólo de esa manera impersonal, tradicional, nos atrevemos a dar» (2004: 172). Ana

Maria Vellasco, por outro lado, reconhece que «optando por um enunciado já pronto e de consenso geral, o(a) falante evita a necessidade de emitir, por si mesmo(a), um enunciado original» (2000: 142). Ora, em nossa opinião, tal facto não impede o provérbio de, mediante uma relação estabelecida com outros textos, se associar a uma mensagem original. Os provérbios devem ser encarados como uma herança, um conhecimento que os nossos antepassados fazem questão de perpetuar e de nos legar, e que deixam à nossa disposição para que dele possamos desfrutar. Na nossa perspetiva, estes não devem, por este motivo, ser encarados como preguiça de usar as nossas próprias palavras ou como um empobrecimento da língua e, portanto, partilhamos a opinião de Regina Rocha (1995: 176) que refere que «mesmo que o fato de citar o discurso do Outro revele um aspecto passivo, é preciso admitir que o reenunciador o faz (...) em proveito de sua atuação numa determinada situação discursiva, o que implica "atividade"». Para além disso, continua a autora, «a relação do locutor com esse discurso estereotipado não consiste apenas de citação, mas também de ruptura, recriação, inovação, para a obtenção de seus objetivos ilocutórios particulares (...), ou seja, para manipular seu alocutário no sentido de fazê-lo fazer/pensar algo» (Rocha, 1995: 177). Pensamos, deste modo, que utilizar equilibrada e adequadamente os provérbios pode inclusivamente dotar o discurso de maior espontaneidade e expressividade e dotar o próprio provérbio de funcionalidades inusitadas.

Outra das características distintivas das parémias, reiterada pelos vários autores consultados, é a sua autonomia sintática, isto é, segundo Archer Taylor, a sua capacidade de «funcionar como enunciado completo num acto de comunicação» (Lopes 1992: 10). Não precisando de qualquer contexto linguístico ou extralinguístico para ser completamente descodificado, há quem não conceba o entendimento total da sua função sem ser no âmbito do contexto em que ele foi utilizado, pois nenhum enunciado é destituído do seu contexto de referência.[4]

De facto, a possibilidade de os provérbios se poderem aplicar em variadíssimas situações, isto é, a sua abertura contextual, é uma das características mais apreciadas nas parémias. A sua formulação abstrata, ou seja, o facto de não se referirem a nenhum caso em concreto, conseguida pela quase total ausência de indicações espaciais e temporais específicas, bem como de marcas pessoais, confere-lhes uma validade universal que os torna «passíveis de eterna reutilização» (Rocha, 1995: 86) e, por esse motivo, um

[4] Confrontar Melo, 2002: 39; Vellasco, 2000: 146 e Brazão, 1999: 26.

recurso bastante prático e aliciante. De acordo com Regina Rocha (1995: 86), «a total generalização é um dos fatores determinantes para que um enunciado seja provérbio, e portanto possa ser indefinidamente reempregado onde e quando quer que seja».

De todas as especificidades mencionadas, ressaltamos a sua concisão e brevidade. Como é facilmente visível, o provérbio é um texto breve, por vezes mínimo ou elíptico. Esta estrutura concisa, geralmente binária e rítmica, concentra, não obstante, «em poucas palavras um significado não trivial» (Lopes, 1992: 10), capacidade esta que tanto Leonor Melo como Ana Cristina Macário Lopes denominam de expressividade lapidar.

De igual modo, são também bastante indicadas outras propriedades retóricas e estilísticas que, embora não sejam indispensáveis à definição do que pode ou não ser um texto proverbial, se verificam com grande frequência no mesmo. De entre elas, salientamos a presença de repetições, de jogos de palavras, de aliterações, de rima interna e final, de inversões da ordem padronizada das palavras na frase, de construções paralelísticas e ainda de comparações, metáforas e símiles. Todas estas propriedades facilitam a sua memorização e desempenham, portanto, uma função mnemónica que assegura a sua sobrevivência ao longo do tempo. Relativamente às características formais dos provérbios, destaca-se ainda o uso do presente gnómico, que lhes confere o seu carácter geral e atemporal.

De entre as inúmeras funções que o provérbio pode desempenhar, tem-se salientado a função de «argumentos de autoridade consensualmente aceites, que os falantes invocam para justificar ou rebater uma determinada elocução» (Lopes, 1992: 343). Constituem, desta forma, um elemento bastante poderoso na argumentação, uma vez que acumulam anos de experiência e sabedoria, o que lhes confere, como manifesta Regina Rocha (1995: 153), uma «autoridade inatacável» que os torna mais válidos para todos aqueles que os ouvem e leem. Quando pronunciamos um provérbio, procuramos, ao apoiar-nos e apropriar-nos dessa sabedoria ancestral incontestável, adaptá-lo às nossas necessidades e interesses e, assim, reforçar as nossas ideias e opiniões. De forma resumida, Regina Rocha refere as enormes potencialidades argumentativas que as parémias oferecem:

> «É justamente esse dizer sem dizer propiciado pelo provérbio, mais a sedução produzida por seus elementos prosódicos e mnemônicos, assim como sua essência de verdade geral incontestável, proveniente de uma fonte de sabedoria admitida como infalível, que faz dele uma arma apreciada na argumentação». (1995: 151)

Se a esta função argumentativa, juntarmos ainda a função didática e moral, pela qual se transmitem também valores e normas com o intuito de conformar e regular os comportamentos dos nossos interlocutores, concluímos pela sua complexidade e multivalências.

Cabe assinalar, finalmente, que estas funções só se cumprirão caso o recetor possua a competência linguística e pragmática indispensável que lhe permita identificar e descodificar o texto proverbial aplicado. Como refere Marlene Assunção Nóbrega (2008: 127), «a interpretação do provérbio requer estratégias para reconhecer o que ele traz de implícito».

1.3. Potencialidades do provérbio no ensino

Os provérbios constituíram, ao longo de várias gerações, um veículo privilegiado de conhecimento. Na China e Índia antigas, eram utilizados para incutir normas morais e transmitir ideias filosóficas e, na Antiguidade Clássica, os filósofos utilizavam-nos nas suas peças de oratória para transmitir valores éticos e morais. De igual modo, na Idade Média eram bastante apreciados, funcionando inclusive como regra jurídica, e no Romantismo, época por excelência do redescobrimento das raízes dos povos e, portanto da cultura popular, gozavam de um lugar de destaque. Assim sendo, ao longo de vários séculos «escritores, filósofos, pensadores tiraram proveito dos provérbios, ora empregando-os em seus textos (escritores), ora compilando-os (filósofos)» (Nóbrega, 2008: 125).

Segundo Gabriela Funk[5], o seu poder experimentou, entretanto, um grande abalo com o aparecimento da Revolução Industrial e com a decorrente massificação do ensino e consequente sobrevalorização da cultura escrita. A partir desse momento, a cultura oral é relegada para um segundo plano e perde importância enquanto fonte de transmissão de conhecimentos, lugar subalterno este que, em nossa opinião, ainda ocupa. Por outro lado, como constatam Helena Vaz Duarte[6] e Gabriela Funk[7], também a apropriação da cultura popular, que se verificou por parte dos regimes ditatoriais, quer nacionais quer internacionais, contribuiu, em grande medida, nos últimos anos, para o exílio dos provérbios das nossas salas de aula.

Apesar desta tentativa de desvalorização e exclusão da cultura popular, várias são as expressões desta cultura que sobrevivem no nosso inconsciente. Como constata Marlene Assunção Nóbrega[8], a comunicação quotidiana continua a integrar massivamente a fraseologia, onde o provérbio continua a ter um papel fundamental.

[5] Confrontar o artigo «O provérbio: um género marginal(izado)?!» de Gabriela Funk, in MORUJÃO, Isabel; SANTOS, Zulmira (coord.) (2011): *Literatura culta e popular em Portugal e no Brasil: homenagem a Arnaldo Saraiva*, Porto: Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória.

[6] Confrontar Duarte, 2006: 8.

[7] Confrontar Funk, 2011: 198.

[8] Confrontar Nóbrega, 2008: 99.

Como comprova Helena Vaz Duarte[9] em *Provérbios segundo José Saramago*, o provérbio é um conhecimento que, quer de forma passiva quer de forma ativa, todos possuímos em maior ou menor grau. Tal crença é partilhada por Marlene Assunção Nóbrega, que acredita que «qualquer usuário da língua é capaz de citar um provérbio ou de reconhecer uma frase dele derivada» (2008: 125). Faz, portanto, todo o sentido incorporar este conhecimento valioso nas nossas escolas e na nossa prática pedagógica, devolvendo-lhe o papel relevante que outrora teve, renovando-o agora com novas funcionalidades e novos desafios.

No que diz respeito ao contexto educativo, existe pouca bibliografia relacionada com a utilização dos provérbios no ensino, e muito pouco material que se dedique à sua aplicabilidade como recurso pedagógico. Apesar desta escassez geral, notamos, no entanto, que existe mais material referente ao seu ensino na LE do que relativamente ao seu ensino na LM. Quanto a esta última, encontramos, sobretudo, alguns estudos aplicados ao seu uso na obra de autores representativos da Língua Portuguesa, nomeadamente na obra de José Saramago[10].

Em nossa opinião, como explicitaremos em seguida, os provérbios constituem «un soporte y un contenido de enseñanza cuya productividad pedagógica y significación cultural merecen ser profundizadas» (Peñate Rivero, 1995: 294). Contudo, apesar de acreditarmos nas potencialidades do provérbio no ensino, existem autores que consideram que não é necessário ensinar e aprender provérbios. Como referem Julia Sevilla Muñoz e María Teresa Barbadillo de la Fuente (2004: 200), «alguien puede pensar que, si el uso de los refranes ha disminuido, ya no hace falta conocerlos (...) que son fósiles lingüísticos». Não obstante, como consideram estas mesmas autoras, é precisamente esta antiguidade que constitui uma das suas principais vantagens, uma vez que o provérbio, por ter atravessado gerações sem sofrer grandes alterações na sua forma, «contiene informaciones lingüísticas y culturales, en bastantes ocasiones imposibles de recuperar por otros medios» (idem, 2004: 200). Apesar da sua estrutura mínima, o texto proverbial concentra «un contenido de gran interés y trascendencia socio-cultural» (de la Fuente González, 2004: 169). Não podemos pois desprezar uma

[9] Confrontar Duarte, 2006: 35.

[10] Confrontar DUARTE, Helena Vaz (2006): *Provérbios segundo José Saramago*, Lisboa: Edições Colibri e SERENO, Maria Helena Sampaio (2002): «Provérbios e ironia na narrativa de José Saramago», in *Actas do encontro comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*, vol. 2, pp. 83 - 97.

sabedoria que carrega a nossa história e que tem sobrevivido ao passo do tempo, nem menosprezar a utilidade de conselhos baseados na experiência real, mesmo que esta seja passada.

Quanto à acusação de que os provérbios estão a cair em desuso e que, portanto, não é necessário (nem aconselhável) incorporá-los nas nossas aulas, consideramos que a ausência de marcas espaciais e temporais, que conferem à expressão proverbial um carácter universal, permitem que esta seja permanentemente reatualizável e que possa ser «reinterpretada por cada geração de acordo com o desenvolvimento da sociedade» (Funk, 2011: 205), adaptando-se à nova realidade. De acordo com Marlene Assunção Nóbrega (2008: 107), «essas fórmulas fixas ou cristalizadas estão enraizadas na memória colectiva, ou seja, pertencem ao inconsciente cultural de um povo e, sempre que o contexto permite, serão utilizadas». Prova desta reatualização permanente é o facto de aparecerem em diversos contextos de comunicação. Longe de pensar que estas fórmulas estão desatualizadas, acreditamos, tal como Marlene Assunção Nóbrega[11], que elas podem ser extremamente criativas e renovadoras no quotidiano atual.

Coerentemente, as vantagens que o provérbio nos oferece a nível pedagógico passam também pela sua função didática ou moralizante, que, como vimos anteriormente, ele já desempenhava desde épocas remotas. Deste modo, os provérbios podem constituir a base de atividades cujo objetivo final seja fomentar valores éticos e morais, tais como a paciência ou a tolerância, entre outros. Como refere Ana Cristina Macário Lopes:

> (…) enquanto item tradicional armazenado na memória colectiva da comunidade, o provérbio tem sido encarado como um instrumento didáctico, através do qual se ditam normas de comportamento e se perpetuam valores axiológicos que funcionam como alicerce da vida comunitária. (1992: 11)

Por este motivo, na escolha dos provérbios utilizados neste projeto de investigação-ação, embora a sua convocação obedecesse a critérios alheios a esta perspetiva, houve também a preocupação de recorrer a parémias que veiculassem ensinamentos que pudessem ser úteis para a formação cívica dos alunos.

Os provérbios são igualmente pertinentes enquanto recurso educativo, na medida em que as suas características formais, nomeadamente a sonoridade e o ritmo, agradam

[11] Confrontar Nóbrega, 2008: 107 – 108.

muito aos alunos, tornando-os, deste modo, recursos motivadores. Julio Peñate Rivero, por exemplo, após dinamizar atividades com provérbios, salienta «el interés que las pequeñas investigaciones en este campo despiertan tanto en los alumnos que las preparan como entre los que asisten a su presentación en clase» (1995: 293). De facto, como pudemos constatar ao longo deste ano, a grande maioria dos alunos reage com interesse e curiosidade a estas estruturas. Para além disso, também o facto de os podermos truncar ou recriar de forma a dar vida ao nosso discurso contribui para esse fascínio que despertam nos discentes.

Por outro lado, as já mencionadas propriedades retóricas e estilísticas que caracterizam o provérbio tornam-no ainda num instrumento ideal para ensinar algumas figuras de estilo, tais como a metáfora ou o hipérbato, tal como defendem Julia Sevilla Muñoz e María Teresa Barbadillo de la Fuente, que afirmam que «los refranes son de gran utilidad para estudiar los juegos de palabras, los recursos estilísticos, etc» (2004:201).

No que diz respeito às potencialidades pedagógicas dos provérbios, convém ainda referir que, dentro ou fora da sala de aula, os provérbios permitem desenvolver uma enorme variedade de atividades que permitirão trabalhar e, consequentemente, aperfeiçoar todos os domínios da língua. A sua marcada brevidade pode ser também vantajosa dado que «al ser el refrán un texto muy breve, se pueden crear con él actividades que no "roben" demasiado tiempo en clase» (Salkjelsvik e Martínez, 2007: 8). Em grande parte, dado o reduzido número de aulas que lecionámos ao longo do ano de estágio curricular, este foi igualmente um dos motivos que nos seduziu nos provérbios enquanto projeto a implementar em sala de aula.

Em todo este processo de inclusão do texto proverbial no ensino, o professor desempenha um papel fundamental. É a ele que cabe a tarefa de selecionar os provérbios que considere mais significativos, de definir que estratégia utilizar, em que momento o fazer e que atividades serão mais adequadas aos alunos que tem em frente, entre outros. Por outro lado, a falta de material pedagógico em torno dos provérbios e o papel marginal que os manuais lhes atribuem (quando nestes surgem), obriga a que o professor tenha que criar, desde a raiz, a sua própria base de exercícios. Não foi nossa intenção, uma vez que a utilização de manuais era, no nosso caso de professoras estagiárias, desaconselhada, averiguar até que ponto o provérbio ocorre nos manuais. Não obstante, da análise dos vários manuais, tanto de LM como de LE, que consultámos para a preparação das nossas aulas, pudemos efetivamente comprovar que se lhes

concede pouca importância. Este papel marginal é constatado tanto por autores portugueses como por autores espanhóis. Leonor Melo, por exemplo, ao proceder à análise de alguns manuais do 2º ciclo, verificou que «há uma certa hesitação em incluir o texto proverbial nos manuais» e que, quando este se insere, «as actividades ligadas à recolha, ao registo e à reprodução são as mais frequentes, descurando-se outras actividades que contemplem a capacidade de compreender, raciocinar, recrear e explorar» (2002: 102). De igual modo, Antonella Sardelli (2010: 328) conclui que «en el caso concreto de los refranes, a duras penas se introducen en los manuales de lengua» e, afirma esta autora, quando surgem, «lo normal es que aparezca sin contextualización», o que, na sua opinião, dificulta a sua compreensão e impede que o estudante de LE o reproduza corretamente e no contexto adequado. Também María Amparo del Campo Martínez, que procedeu à análise de cinquenta manuais de ELE, afirma que «el espacio dedicado a los refranes en los libros de enseñanza es mínimo y, cuando existe, se limita a meras listas de refranes donde no se atiende a los rasgos lingüísticos, ni a los funcionales, ni a los comunicativos ni al contexto» (1999: 17).

Ora, tendo em conta que tanto os Programas de Português como os Programas de Espanhol, que orientam as nossas planificações e práticas, recomendam o uso de textos autênticos[12] nas nossas aulas, e uma vez que a linguagem parémica surge com bastante frequência em diversos tipos de texto, e cada vez com maior frequência nos meios de comunicação em geral, nomeadamente em textos de imprensa e até mesmo na rádio e na televisão, é de toda a relevância proceder ao estudo dos provérbios no ensino quer da LM quer da LE. A este propósito, refere Marcela Faria, «não são raras as vezes em que nos deparamos, ao lermos textos jornalísticos, como, por exemplo, editoriais e artigos de opinião, com casos de intertextualidade que têm na sua base um texto proverbial» (2010: 97).

1.3.1. Potencialidades do provérbio no ensino da Língua Materna

Relativamente às vantagens da utilização de provérbios no ensino da LM, acreditamos veementemente que as aulas de Língua Portuguesa são espaços privilegiados para fazer viver ou reviver nos alunos experiências e memórias várias, de

[12] Por «materiais autênticos» entendemos todos os materiais que não são criados artificiosa e expressamente para o contexto de sala de aula pelo professor.

situações e de textos, alicerçando nelas a construção identitária (individual e coletiva) que urge ajudá-los a construir nestas idades. Defendemos, portanto, que um ensino que queira, cada vez mais, aproximar a escola da comunidade em que se insere tem que incorporar necessariamente a valorização das raízes da nossa cultura. Trazer os provérbios até às nossas salas de aulas contribuirá, assim, para a divulgação e preservação da nossa cultura popular e literária, o que, consequentemente, contribuirá para desenvolver a consciência e identidade cultural dos nossos alunos. Tomamos, deste modo, como bandeira do nosso projeto as seguintes afirmações de José Ruivinho Brazão:

> Palavras e provérbios são como pessoas e povos: como estes nascem e crescem; transfiguram-se, multiplicam-se; enriquecem. Ricos de raiz e de memória, também eles morrem e se esquecem; desaparecem. É urgente, na caminhada, colher os provérbios. É urgente auscultar, na riqueza da paremiologia, os segredos da nossa raiz e da nossa identidade cultural. (1999: 28)

Trabalhar com provérbios contribuirá, particularmente no que diz respeito ao ensino da LM, para fomentar um maior contacto entre os alunos e outros familiares, nomeadamente os familiares mais idosos, que, detentores de uma competência paremiológica normalmente bastante ativa[13], poderão partilhar o seu saber com os mais jovens. Os provérbios tornar-se-iam, assim, mediadores entre o meio em que os alunos se inserem e a escola. Pretende-se, por outro lado, desvincular os alunos da ideia de que só os mais velhos utilizam os provérbios[14].

De igual modo, o provérbio constitui ainda uma forma de união e coesão entre os alunos da mesma turma, uma vez que a capacidade de mencionar um provérbio e de saber que, sem grandes explicações, este será entendido pelos seus companheiros cria uma sensação de pertença, tal como atesta Ana Maria Vellasco, quando defende que «na compreensão e na percepção da citação proverbial o(a) interlocutor(a) também sinaliza a sua aceitação e a sua identificação com o(a) falante e o grupo em questão» (2000: 141). Além disso, caso haja, numa mesma turma, alunos de proveniências diferentes, a utilização do provérbio enquanto instrumento pedagógico permitirá que os alunos de

[13] Confrontar SARDELLI, Mª Antonella (2010): «Los refranes en la clase de español lengua extranjera», in *Didáctica (Lengua y Literatura)*, vol. 22, pp. 325-350

[14] Confrontar Sereno, 2002: 83.

outras culturas mencionem se esse mesmo provérbio existe também na sua língua e acionará o diálogo intercultural, tão importante na descoberta e aceitação do outro.

As características formais dos provérbios, nomeadamente o ritmo e a sonoridade, assim como as suas propriedades estilísticas, a que já aludimos várias vezes neste relatório, transformam-nos num recurso que seduz alunos de várias faixas etárias, podendo, por isso, ser utilizados em qualquer ano de ensino. Através do trabalho com o texto proverbial, os estudantes poderão refletir sobre as virtualidades da língua que usam, não apenas enquanto instrumento de comunicação, mas também como expressão de emoção estética. Pretende-se, portanto, que os discentes sejam conscientes das possibilidades que a linguagem lhes oferece de brincar com as palavras e de com elas criar sentidos à primeira vista não evidentes, uma vez que, como defendem Maria Raquel Delgado-Martins e Inês Duarte (1993: 11), «fazer deste jogo em que todos nos comprazemos como falantes, simultaneamente um instrumento de trabalho, é um dos objectivos das aulas de Português».

O estudo dos provérbios implica ainda que os alunos transportem para a sala de aula conhecimentos que já possuem, tornando-os agentes (e não meros recetores) na construção do seu próprio conhecimento. A este propósito, estamos totalmente de acordo com Leonor Melo, que defende que devemos «aproveitar os recursos linguísticos dos nossos alunos» e «dar-lhes oportunidade de intervir directamente na sua formação e sentir que o seu conhecimento será a base para as novas aprendizagens» (2002: 111). Esta sua implicação ativa no processo de ensino e aprendizagem criará aprendizagens mais significativas e contribuirá para que ampliem a sua competência comunicativa.

Num mundo globalizado e globalizante urge, assim sendo, preservar e divulgar a nossa cultura tradicional e popular, incutindo-lhe um novo vigor e colocando-a ao serviço da educação para que, ao conhecê-la, os alunos se conheçam também melhor a eles próprios.

1.3.2. Potencialidades do provérbio no ensino de uma Língua Estrangeira e, em particular, no ensino do Espanhol como Língua Estrangeira

Apesar de constituírem «frases que pasan desapercibidas al hablante nativo» (Vranic, 2004: 5), os provérbios podem representar, para um aprendente de LE, uma

dificuldade intransponível. Consideramos, assim sendo, que, no caso concreto do ensino de uma LE, «hay una necesidad muy evidente de enseñar y enseñar bien las expresiones fijas e idiomáticas de la lengua, las cuales constituyen escollos para la comprensión y la producción (y por extensión para la traducción)» (Fernández Prieto, 2004: 349).

Ora, a Língua Espanhola é um idioma extremamente rico a nível paremiológico, tal como atestam inúmeros autores consultados. Julio Peñate Rivero, por exemplo, considera que o provérbio é «un ingrediente riquísimo de la conversación española» (1995: 290) e, de acordo com L. Iscla Rovira (1995: 10 apud de la Fuente González, 2004: 176) «España es el país de los refranes por excelencia». Esta riqueza é igualmente constatada pelos autores portugueses examinados, tendo José Ruvinho Brazão, por exemplo, comparado o interesse de Portugal e Espanha em relação às parémias, concluindo que «a paremiologia só há pouco começou a constituir, entre nós, objecto de reflexão», enquanto «a atenção que em Espanha se vem concedendo à recolha e ao estudo dos provérbios está patente nas inúmeras colectâneas de *refranes*, que de há muito se vêm sucedendo e entre as quais poderá destacar-se uma que reúne 63 085 provérbios» (1998: 18). Como se poderá, pois, pretender, perante estas evidências, eliminar o ensino dos provérbios do ensino da Língua Espanhola?

Apesar de todas as vantagens do provérbio enquanto recurso educativo já analisadas, existem, no entanto, dois focos de discussão no que diz respeito ao ensino dos provérbios na aprendizagem de uma LE: em primeiro lugar, a dúvida de se se devem ou não ensinar; e, posteriormente, uma vez admitidas as suas virtualidades, incertezas sobre que provérbios ensinar e quando o fazer: se em todos os níveis de ensino ou se apenas nos níveis mais avançados. De acordo com Amando de Miguel, por exemplo, um aprendente de uma LE «no conocerá bien la lengua hasta que no domine el sentido de los refranes» (2000: 218) e, na opinião de María Isabel Toledo Botaro, «el alumno extranjero de nivel avanzado que pretenda dominar una lengua, la española en este caso, debe también conocer una gran parte de la fraseología o de la paremiología de esa lengua», acrescentando que esse conhecimento «le será útil (...) para conocer un fondo cultural que es parte importantísima y decisiva para la comprensión de una lengua y el mundo que la conforma» (1999: 717). Apesar disso, esta mesma autora defende, no entanto, que os provérbios só se deveriam estudar em níveis intermédios ou avançados:

> (…) puesto que en los refranes (…) se rompen las colocaciones habituales de las palabras dentro de la frase, abundan las connotaciones, los significados idiomáticos o traslaticios, y sólo cuando se conocen éstos se puede llegar a conocer en qué contexto se

> debe o no utilizar un determinado dicho o refrán, o se entiende qué significado posee éste. (1999: 718)

Do mesmo modo, ainda que defenda o ensino dos provérbios na aula de LE, a autora Antonella Sardelli (2010: 326) reconhece que «la fraseología y la paremiología constituyen una de las parcelas de la lengua más dificiles de enseñar, debido sobre todo a los diferentes grados de idiomaticidad que caracterizan las unidades fraseológicas», apontando como dificuldades principais o desrespeito pelas normas gramaticais, os arcaísmos, os estrangeirismos e os traços idioletais. Sardelli considera ainda recomendável, por este motivo, ensinar primeiro os provérbios menos idiomáticos, passando posteriormente a provérbios de maior complexidade. Para além disso, aconselha igualmente que se ensinem os provérbios utilizados com maior frequência, sugerindo que se proceda a um inquérito a falantes nativos, no sentido de averiguar quais são os provérbios mais listados e que se recorra sobretudo a provérbios que surjam em textos, jornais e livros atuais. No entanto, Miguel Ángel de la Fuente González (2004: 179) admite que «quizás los refranes menos frecuentes cuentan con el atractivo de la novedad y la frescura».

Devemos mencionar que entendemos as preocupações dos autores que defendem que os provérbios não devem ser ensinados em níveis iniciais, pelo facto de os alunos não terem ainda conhecimento suficiente da língua para os entenderem. Contudo, concordamos com Ruth Vázquez Fernández e com Isabel Bueso Fernández que opinam que «es posible hacerlo desde los primeros niveles, pues si enseñamos vocabulario desde el primer día de classe», deveríamos ensinar estas expressões fixas como «un elemento léxico más» (1998: 732). Por isso, pensamos que seria importante fazer uma aproximação aos provérbios imediatamente a partir do nível de iniciação, integrando-os paulatinamente nas nossas aulas, para, posteriormente, em níveis mais avançados, proceder a um estudo mais aprofundado.

De facto, também o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, um documento fundamental de referência para todos os professores de LE, preconiza o ensinamento daquelas que considera serem expressões da sabedoria popular (dentro das quais inclui os provérbios), reconhecendo que estas se utilizam com grande frequência e considerando que o seu conhecimento é uma parte importante do aspecto linguístico da competência sociocultural.

Em nossa opinião, ao ensinamos uma LE, não poderemos esquecer nunca que existe uma interligação indissociável entre língua e cultura e concordamos que, «si el aprendizaje de un idioma lo es también de una cultura, el refranero hispánico bien puede ser considerado como un ingrediente especialmente idóneo en la enseñanza del español» (Sevilla Muñoz e Barbadillo de la Fuente, 2004: 199).

Para além de constituir um ótimo recurso para conhecer melhor a cultura da língua meta, abordar os provérbios na sala de aula de LE torna-se também uma fonte riquíssima de comparação com a LM, o que, de acordo com Antonella Sardelli, com a qual nos sintonizamos, «facilitaría la comprensión del enunciado en la lengua segunda y acrecentaría las posibilidades de memorización y empleo correcto del enunciado en las producciones escritas y, sobre todo orales, en la segunda lengua» (2010: 336). Neste sentido, as tendências atuais valorizam um papel ativo da cultura do aprendiz no contacto com uma nova forma de interpretar o mundo, e o trabalho de comparação e contraste que se poderá levar a cabo entre os provérbios da LE e os provérbios da LM tornam o texto proverbial numa ferramenta poderosa para introduzir na aula de LE atividades que potenciem o pluriculturalismo e a interculturalidade, tal como sucede – e já o afirmámos – com a sua utilização na aula de LM. Ao contrário das tendências que defendiam que se devia evitar ao máximo a utilização da LM numa aula de LE, «se considera hoy en día que el conocimiento de una LE se fundamenta necesariamente (aunque se haga de manera implícita) en la referencia a la LM y se construye, consciente e/o inconscientemente, por contraste con ella (Ballester Casado e Chamorro Guerrero, 1993: 395 apud Detry, 2012: 102). Poder-se-á, assim sendo, pedir aos alunos que procedam a exercícios de tradução, que teçam considerações sobre as semelhanças e as diferenças existentes entre os provérbios e, até mesmo, que reflitam acerca das razões subjacentes a essas semelhanças ou diferenças.

A proximidade entre as duas línguas e a existência de provérbios muito semelhantes na LM e na LE pode ainda, em nossa opinião, contribuir para criar uma proximidade entre o aluno e a LE e para controlar elementos afetivos. No entanto, é necessário ter em conta que também as divergências são frequentes e, por este motivo, pensamos que é igualmente importante chamar a atenção dos alunos para os aspectos contrastivos que, por outro lado, pela novidade, poderão resultar também em elementos sedutores.

Outra das possibilidades que os provérbios nos oferecem na sala de aula é o trabalho com o dicionário, tal como sugere que se faça o PPEB, que recomenda

«promover o uso regular e autónomo de gramáticas (…) e outros instrumentos auxiliares de trabalho» que permitam «encontrar resposta a dúvidas, corrigir erros, aperfeiçoar desempenhos, enriquecer produções, sistematizar aprendizagens» (PPEB, 2009: 151). Tais ferramentas de autocorreção, neste caso concreto o dicionário, permitirão que o aluno desenvolva um trabalho mais autónomo e que não dependa unicamente do auxílio do professor. Consideramos, pois, que o dicionário é um elemento fundamental na aula de língua, materna ou estrangeira, e pensa-se que este deve ser objeto de trabalho constante.

Por último, uma vez mais, não podemos deixar de reforçar a necessidade do estudo dos provérbios da LE com base nas indicações dos programas (que a seguir analisaremos) que nos recomendam que privilegiemos o uso de textos autênticos nas aulas. Assim sendo, tal como evidenciado pela crítica portuguesa, também os autores espanhóis dão conta da frequência com que os provérbios surgem nestes textos. Por conseguinte, ignorar por completo o seu papel no ensino de uma LE parece-nos insensato. Concordamos, portanto, com Miguel Ángel de la Fuente González que acredita que o «conocimiento o ignorancia de los refranes puede determinar también la interpretación de algunos títulos, con la importancia que ello tiene (las expectativas que el título crea suelen ser decisivas para la comprensión de muchos textos)» (2004: 17). Para além disso, como referem Julia Sevilla e María Teresa Barbadillo, «son tantos los escritores de habla hispana que han utilizado este recurso estilístico que se hace necesario conocer los refranes para entender un elevado número de obras literarias, en especial los considerados textos clássicos» (2004: 199). Tendo em conta que, no caso particular dos alunos de Humanidades, e no contexto atual, os estudantes poderão querer prosseguir os seus estudos da Língua Espanhola na universidade, onde terão que estudar estes clássicos, parece-nos essencial que os alunos comecem a trabalhar, desde o primeiro momento, no estudo paremiológico.

1.4. O lugar do provérbio nos Programas Oficiais do Ensino Básico e Secundário

Dado que os programas representam um «instrumento regulador da prática educativa» (PLEE, 1997: 6), documento fundamental na elaboração das planificações que regem as nossas práticas pedagógicas e um «plano de actuação ao serviço de metas pedagogicamente válidas» (Melo, 2002: 92-93), considerámos fundamental analisar, antes de proceder às nossas propostas de ação, os programas referentes aos anos que lecionaríamos e examinar em que medida os provérbios estão contemplados nos mesmos e, caso não estejam, se se poderiam enquadrar neles, bem como constituir um meio para potenciar as competências que neles se propõem que os alunos devem desenvolver.

1.4.1. O lugar do provérbio no Programa de Português do Ensino Básico

Em primeiro lugar, convém mencionar que o Programa de Português do Ensino Básico atribui grande importância à relação da criança/jovem com o mundo e com «aqueles que o povoam» (PPEB, 2009: 12). O mesmo salienta ainda a importância da «configuração de uma consciência cultural (...) no âmbito da qual se vão afirmando e depurando o reconhecimento e a vivência de uma identidade de feição colectiva» (PPEB, 2009: 12). Tendo em consideração estes propósitos, que evidenciam a função cultural que os programas pretendem desempenhar, acreditamos que a única forma que temos de verdadeiramente reconhecer e valorizar a nossa identidade cultural é conhecendo-a bem e que, para fazê-lo, temos que incluir, na busca das nossas raízes, esta forma de sabedoria popular que nos deixa entrever o modo como os nossos antepassados entendiam e se relacionavam com o mundo que os rodeava: os provérbios. Neste sentido, considera-se que os mesmos podem configurar um meio privilegiado de contacto com esta identidade cultural coletiva que o programa apregoa.

De igual forma, os textos literários são um veículo privilegiado de transmitir a cultura de um povo. No que concerne à educação literária, o programa recomenda uma diversidade linguística e a escolha de textos representativos «dos vários géneros discursivos orais», assim como a «selecção de textos representativos das tradições culturais» (PPEB, 2009: 139). Os provérbios, tal como a literatura, refletem a

experiência humana e, por este motivo, esta associação parece-nos totalmente pertinente. Para além disso, no referencial de textos para o 3.º ciclo, o PPEB sugere ainda, a nível de textos literários e paraliterários, o estudo da literatura popular e tradicional. Sendo que, não raras vezes, as parémias surgem na mesma, como poderemos nós, enquanto transmissores da nossa cultura e literatura, ignorar o papel dos provérbios nestes textos? A este propósito, cabe mesmo mencionar que o nosso mais representativo autor a nível internacional, José Saramago, recorre com bastante frequência ao texto proverbial, sendo que, na sua obra *A jangada de Pedra*, chega mesmo a oferecer-nos uma reflexão metalinguística sobre o mesmo, referindo que os provérbios «são filosofias populares sobre as quais poderíamos discorrer infinitamente» (Saramago, 2010: 174). Assim sendo, um verdadeiro e total entendimento das ideias que Saramago nos quer transmitir neste texto só se poderá entender inteiramente se dominarmos o significado destes provérbios.

Por outro lado, o PPEB concebe a leitura como processo interativo no qual intervêm «vários processos de actuação interligados» (2009: 16), e é necessário ter em conta que a mesma (a leitura) só pode ser verdadeiramente eficaz quando os provérbios são entendidos. Por outro lado, o PPEB defende ainda o recurso a uma grande variedade de textos, salientando os textos do quotidiano, os textos dos meios de comunicação e de mensagens publicitárias, e nestes textos, sobretudo nos títulos de artigos (tal como acontecia num artigo do jornal *Público* estudado numa unidade didática que lecionámos) os provérbios surgem com grande frequência. Defende-se, por isso, que faz todo o sentido realizar um estudo mais sistemático sobre as potencialidades dos provérbios no ensino.

Dentro da experiência humana que se deve promover, o programa alude à tensão existente entre individualidade e comunidade: o aluno possui uma identidade nacional que conforma a sua maneira de observar e vivenciar o mundo e, neste sentido, os provérbios constituem-se como uma herança antropológica representativa de uma forma ancestral de encarar o mundo em que vivemos. De igual modo, a língua é encarada como «património e factor identitário» (PPEB, 2009: 14) e os provérbios, enquanto componentes da língua, evidenciam também esse património popular que pertence a todos os falantes da Língua Portuguesa.

O programa é ainda apologista de «uma estreita articulação entre as actividades de compreensão e de expressão» (PPEB, 2009: 113) e pensa-se, deste modo, que o provérbio, nomeadamente no sentido em que é trabalhado neste relatório de estágio,

pode ser uma ótima forma de articular estes dois domínios já que, nele, o provérbio é utilizado para compreender conteúdos socioculturais e lexicais a Espanhol e para sintetizar a principal ideia veiculada pelos textos estudados nas aulas de Português e que, posteriormente, poderá ser utilizado para expressar esses mesmos conteúdos de forma sintética.

De igual modo, o programa salienta ainda a necessidade, dadas as evidentes falhas dos alunos nos desempenhos orais e escritos, de realizar atividades que possibilitem o aperfeiçoamento destes desempenhos. Assim sendo, dado que, na ação que realizámos no nosso relatório de estágio, os alunos tinham que escolher um provérbio e justificar/argumentar oralmente a sua escolha (capacidade de argumentação esta que o programa defende precisamente se deve aprofundar a partir do 8.º ano de escolaridade), pensa-se que o trabalho desenvolvido em torno dos provérbios nestas unidades didáticas constitui uma forma de contribuir para o aperfeiçoamento do desempenho oral dos alunos.

Por último, dado que o programa advoga que «a sala de aula constitui-se (…) como espaço de construção, de reflexão e de partilha dos sentidos do texto (...) através da confrontação, da justificação e da validação (...) das hipóteses interpretativas» (PPEB, 2009: 140), acreditamos que trabalhar com provérbios pode criar ainda oportunidades de aprendizagem diversificadas e, nomeadamente, a criação de contextos variados que possibilitem que os alunos se exprimam sobre as leituras que efetuam, levando-os a elaborar «de forma autónoma e fundamentada as suas apreciações e reflexões críticas» (PPEB, 2009: 147).

1.4.2. O lugar do provérbio no Programa de Português - 10.º ano - Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos

Tal como o PPEB, o Programa de Português de 10.º ano para os Cursos Científico-Humanísticos e para os Cursos Tecnológicos (doravante PP10.ºCCHCT) também destaca a importância de «consciencializar os alunos para a língua e, consequentemente, para a cultura de que são portadores e que lhes serve de instrumento fundamental à interacção com o mundo» (PP10.ºCCHCT, 2001: 4). Deste modo, tal como referido previamente, considera-se que os provérbios são uma parte fundamental

desta cultura que se pretende que os alunos adquiram e que, portanto, devem ser ensinados.

Tal como acontecia com o PPEB, o PP10.ºCCHCT estabelece, como uma das finalidades da disciplina de português, a promoção do «conhecimento de obras/autores representativos da tradição literária, garantindo o acesso a um capital cultural comum» e a promoção de uma «educação para a cidadania, para a cultura e para o multiculturalismo, pela tomada de consciência da riqueza linguística que a Língua Portuguesa apresenta» (PP10.ºCCHCT, 2001: 6). Assim sendo, pensamos que os provérbios são uma parte intrínseca desta riqueza que a língua e cultura portuguesas possuem e que, naturalmente, devem ser incluídos nas nossas aulas. De igual modo, tal como ocorria com o PPEB, o PP10.ºCCHCT aconselha também a utilização de documentos dos meios de comunicação como recursos e, dada a frequente aparição das parémias nos meios de comunicação, julgamos, como já mencionámos, que o estudo levado a cabo no nosso relatório de estágio é totalmente pertinente.

De igual modo, a nível da expressão oral e escrita, o programa recomenda a utilização de técnicas de captação do interesse e da persuasão do interlocutor e, neste sentido, estamos totalmente de acordo com a opinião de que os provérbios «pela sua estrutura breve, pelas simetrias fónicas e rítmicas que geralmente apresentam, se tornam veículos privilegiados da captação da atenção» (Lopes, 1992: 336).

Ainda no que diz respeito à oralidade, o programa defende que esta «deve permitir ao aluno a sua afirmação pessoal e a sua integração numa comunidade, ora como locutor eficaz, ora como ouvinte crítico, ora como interlocutor, em suma, como cidadão» (PP10.ºCCHCT, 2001: 11) uma comunidade que, como se pôde comprovar pelos resultados obtidos no primeiro inquérito feito aos alunos, ainda utiliza os provérbios com bastante frequência. Tendo em conta que a expressão oral constitui uma competência transversal ao currículo, parece-nos fundamental desenvolver uma oralidade eficaz e alargada que inclua os provérbios. Um melhor conhecimento dos provérbios permitirá aos alunos reconhecerem diferentes registos de língua e adequarem melhor o seu discurso a uma situação comunicativa concreta, adestrando a sua competência comunicativa.

1.4.3. O lugar do provérbio no Programa de Língua Estrangeira - Espanhol – 3.º Ciclo

O Programa de Língua Estrangeira – Espanhol – 3.º Ciclo (doravante PLEE) atribui uma enorme importância à conceção da língua como espaço de apropriação/expressão do eu, mas não contempla o provérbio em nenhum dos seus itens específicos. No entanto, tendo em conta que o provérbio faz parte da nossa forma de expressar-nos desde tempos imemoriais, tal facto seria já, só por si, um motivo de suficiente impacto para a incorporação dos provérbios nas aulas de LE. Como define o programa, «ao aprender uma língua, não se adquire única e exclusivamente um sistema de signos mas, simultaneamente, os significados culturais que os signos comportam, i.e., o modo de interpretar a realidade» (PLEE, 1997: 5). A língua é, deste modo, para o aprendente de uma LE, uma forma de aquisição cultural, cultura esta que subjaz cada vez que (re)enunciamos um provérbio.

Esta grande relevância dada à língua enquanto veículo cultural, que se verificava também nos programas de LM, é reforçada pelas finalidades do PLEE (1997: 7) que definem a persecução do contacto com outras línguas e culturas e o desenvolvimento de uma consciência de identidade linguística e cultural, «através do confronto com a Língua Estrangeira e a(s) cultura(s) por ela veiculada» (PLEE, 1997: 7), constituindo os provérbios, em nossa opinião, uma forma privilegiada de estudar e transmitir esta cultura.

Para além do desenvolvimento de uma consciência cultural, O PLEE preconiza ainda o desenvolvimento do sentido crítico dos estudantes e a promoção e estruturação da personalidade do aluno pelo continuado estímulo do desenvolvimento da autoconfiança, do espírito de iniciativa, do sentido crítico, da criatividade, do sentido da responsabilidade e da autonomia. Neste sentido, pensamos que valorizar conhecimentos prévios que o aluno já detém, neste caso concreto o texto proverbial, contribuirá para fomentar a autoconfiança que o programa espera que se desenvolva. De igual modo, o PLEE recomenda a «construção de aprendizagens significativas» (PLEE, 1997: 5) e, como sabemos, estas serão ainda mais significativas se envolverem conhecimentos que são próximos dos alunos e nos quais estes se reveem. Acreditamos igualmente que o trabalho que desenvolvemos ao longo deste ano de estágio poderá constituir uma forma que permitirá ao aluno desenvolver o seu sentido crítico pois, ao refletir sobre a ligação

entre o provérbio apresentado e o tema sociocultural estudado, terá que dar e justificar a sua opinião de forma fundamentada.

De igual modo, consideramos que o *modus operandi* (o qual explicitaremos na segunda parte deste relatório/dissertação) que sugerimos neste projeto de investigação-ação poderá, se bem-sucedido, constituir um procedimento ao qual os alunos poderão recorrer, no sentido de alcançar a tão almejada capacidade de aprender a aprender defendida pelo programa, e que lhes despertará «o gosto por uma actualização permanente de conhecimentos» (PLEE, 1997: 7). Como dita o provérbio chinês, antes de dar comida a um mendigo, devemos dar-lhe uma vara e ensinar-lhe a pescar e, neste percurso de aprendizagem em que pretendemos dotar os alunos de instrumentos que lhes permitam continuar a aprender ao longo de toda a sua vida, «a tarefa fundamental do professor é criar as condições adequadas que propiciem a aprendizagem» (PLEE, 1997: 31). Esperamos, neste sentido, poder contribuir, com este projeto, para que os alunos retenham conteúdos com maior facilidade, socorrendo-se de um recurso linguístico que, como já evidenciado, todos os falantes de uma língua dominam em maior ou menor grau, tal como defende Ana Maria Vellasco, que assinala que «todos somos capazes de citar de pronto e ao menos meia dúzia de provérbios» e que «todos sabemos em que ocasião empregá-los e como nos podem favorecer» (2000: 126). O nosso projeto começa justamente pela aferição da veracidade deste postulado.

O PLEE espera também que a aprendizagem da Língua Espanhola represente uma forma de construir a identidade pessoal e social do aluno, contribuindo para o desenvolvimento de atitudes de sociabilidade, de tolerância e de cooperação. Sem dúvida alguma, muitos destes valores estão presentes nos provérbios, os quais, como vimos anteriormente, têm uma forte carga moral, e, portanto, ensiná-los nas nossas aulas contribuirá também para fomentar estes valores nos estudantes.

Outro dos objetivos gerais do PLEE (1997: 9) determina a utilização de estratégias que permitam responder às necessidades de comunicação dos discentes e acreditamos que os provérbios, sobretudo os que mais semelhança demonstram entre a LM e a LE, dado o ainda incipiente nível de conhecimentos que estes alunos detêm da Língua Espanhola, poderá constituir uma expressão útil à qual os estudantes poderão recorrer numa situação em que, devido à sua ainda escassa competência linguística em LE, queiram expressar o seu ponto de vista de forma relativamente elaborada. De acordo com Roberto Olaeta Rubio, um dos atrativos dos provérbios consiste precisamente em poder:

> (…) expresar con suficiente rapidez y claridad lo que quiere argumentar y probar sin resultar excesivamente rotundo, y porque por su tradición y frecuencia de uso pueden ser inmediatamente reconocidas y contrastadas por su interlocutor. (1997: 453)

O provérbio pode, assim, constituir uma estratégia facilitadora da fluidez e eficácia comunicativas e um recurso para transmitir a mensagem, transpondo eventuais problemas de insuficiência lexical.

Como defende o programa, não se pode «negligenciar a comunicação real imposta pelo mundo exterior» e é «importante que o aluno seja sujeito à exposição à língua de uma forma tão ampla e variada quanto possível» (PLEE, 1997: 30). Aos alunos deve, pois, oferecer-se oportunidades para manter interações orais variadas que se pareçam o mais possível com as que ocorrem entre os falantes nativos, nas quais, dada a enorme riqueza parémica da Língua Espanhola, os provérbios afloram com uma frequência muito superior, aliás, à da Língua Portuguesa, tal como evidenciam vários autores, como Kari Salkjelsvik e Juan Antonio Martínez, para quem «las unidades fraseológicas aparecen con alta frecuencia en el discurso del nativo, tanto del hablado como del escrito, por lo que su comprensión dependerá del conocimiento de las mismas» (2007: 8).

De entre os objetivos gerais estabelecidos pelo PLEE, destaca-se ainda o conhecimento da diversidade linguística de Espanha e a valorização da sua riqueza idiomática e cultural, da qual, como salientam vários dos autores lidos, fazem parte os provérbios e da qual são bem representativos. Poderemos, deste modo, fomentar o conhecimento desta diversidade linguística pela divulgação e comparação entre provérbios provenientes de distintas comunidades de Espanha ou de distintos países de Língua Espanhola. Além disso, confrontar um provérbio na LM e na LE permitirá ao aluno, ao mesmo tempo que reflete sobre o modo como os espanhóis encaram uma determinada realidade, refletir sobre a forma como os portugueses observam e expressam essa mesma realidade, bem como averiguar se as duas nacionalidades partilham esse modo de ver o mundo. Este trabalho de confronto possibilitará ainda, no que diz respeito às atitudes que se esperam que os alunos desenvolvam, «apreciar a riqueza das diferentes línguas e culturas, como formas diversas de codificação da experiência e de organização das relações interpessoais» (PLEE, 1997: 19) e «valorizar as diferenças culturais, a fim de descobrir a própria identidade e enriquecê-la» (PLEE, 1997: 19).

Mais concretamente em relação às atividades que se poderão dinamizar de modo a potenciar as várias competências dos estudantes, entendemos que conhecer o texto proverbial é essencial, sobretudo no que diz respeito à compreensão oral, quando se determina como procedimento a adotar por parte dos alunos a compreensão global de mensagens orais procedentes de diferentes fontes, nomeadamente de falantes nativos e dos meios de comunicação. Ainda relativamente à compreensão oral, pensamos que o provérbio poderá ser igualmente bastante proveitoso como estratégia de inferência para determinar o significado de termos desconhecidos, uma vez que o facto de serem expressões relativamente fixas cujo significado não se deduz pelo sentido isolado das palavras que as compõem obrigará a que os alunos façam um esforço maior na descodificação do seu significado. A idiomaticidade dos provérbios reforçará a necessidade de que o aluno tente, autonomamente, chegar ao significado dos mesmos mediante a leitura do contexto.

Pensamos que o trabalho com provérbios poderá contribuir ainda para concretizar alguns dos procedimentos que o PLEE sugere que se adotem para desenvolver a competência de expressão oral, como «utilizar convenções linguísticas próprias da interacção social e contrastá-las com as utilizadas na língua materna e na língua estrangeira 1», «identificar as características essenciais do discurso oral na língua materna e na língua estrangeira 1» e «utilizar o registo adequado ao tema, ao contexto e às finalidades comunicativas» (PLEE, 1997: 14). Assim sendo, o provérbio poderá constituir um ponto de contacto entre as duas línguas, na medida em que constitui um rasgo característico da oralidade tanto da Língua Portuguesa como da Língua Espanhola, as duas bastante ricas em provérbios. De igual modo, fomentará a participação reflexiva e crítica que se impõe como atitude e permitirá «reconhecer a utilidade de transferência, entre línguas, de conceitos e procedimentos próprios de comunicação oral» (PLEE, 1997: 14) visto que o conhecimento de alguns provérbios portugueses poderá contribuir para compreender provérbios espanhóis semelhantes. O carácter mais oralizante do texto proverbial poderá ainda constituir um instrumento para que os alunos reflitam sobre a importância de adequar o discurso ao contexto.

Parece-nos, assim, que o conhecimento do texto proverbial será benéfico, neste nível inicial, sobretudo ao nível das competências de receção e, em particular, da compreensão escrita. Os provérbios são cada vez mais uma estratégia de captação de atenção utilizada por inúmeros meios de comunicação, particularmente pela imprensa escrita, cuja leitura e interpretação é recomendada pelo programa e, sendo um recurso

utilizado com frequência nas aulas, faz todo o sentido estudá-los para que possam ser entendidos mais facilmente.

1.4.4. O lugar do provérbio no Programa de Espanhol - Nível de Continuação – 10.º ano

Como seria de esperar, verificamos muitos pontos em comum entre o PLEE e o Programa de Espanhol, nível de continuação para o 10.º ano (doravante PENC10.º), pelo que muitos dos comentários previamente tecidos relativamente à análise do PLEE se aplicarão também às considerações que faremos sobre este programa. Para evitar redundâncias, salientaremos apenas os aspectos que nos parecem mais relevantes e aqueles que são distintivos.

A língua é, de novo, valorizada «como instrumento privilegiado de comunicação, como espaço de apropriação/expressão do eu e como instrumento para representar a realidade e apropriar-se dessa mesma realidade» (PENC10.º, 2002: 3). Assim, pelas razões já expostas no ponto anterior (1.4.3.), consideramos totalmente pertinente a integração dos provérbios nas aulas de LE, uma vez que estes têm sido, ao longo de gerações, um meio para representar a realidade observada e, consequentemente, uma forma de transmitir a cultura de um povo.

Também o contraste entre provérbios na LM e na LE fomenta o contacto entre as duas culturas, promovendo ambas, pelo que a sua utilização em aula responde ao objetivo elencado no programa, conduzindo o aluno à perceção de que a sua cosmovisão não é única.

O PENC10.º considera, com justeza, que o facto de o Português e de o Espanhol serem línguas próximas poderá constituir «um factor de facilitação que estimula a motivação e o sucesso» (PENC10.º, 2002: 5) e, face a esta explicitação, de novo reiteramos que o reconhecimento de provérbios semelhantes entre as duas línguas poderá «estimular a confiança e a motivação para comunicar na língua estrangeira» (PENC10.º, 2002: 11). A este propósito, Florence Detry defende que:

> (…) en el plano cognitivo, la LM representa una poderosa reserva de competencias y conocimientos lingüísticos previos que pueden alimentar el proceso de generación de hipótesis y contribuir a facilitar la resolución de los problemas y/o interrogantes planteados por la LE. (2012:102)

O aluno sentir-se-á claramente mais seguro e mais à-vontade para comunicar na LE reconhecendo que há uma grande variedade de conhecimentos que possui da sua LM que lhe facilitarão essa comunicação. Acreditamos, portanto, que verificar que as duas línguas partilham provérbios pode contribuir para criar «uma atitude positiva face à nova língua e cultura» (PENC10.º, 2002: 27). Naturalmente, somos igualmente conscientes de que é necessário levar os alunos a trabalhar e refletir sobre as diferenças, «assim como fomentar estratégias pessoais de aprendizagem que favoreçam a superação das inevitáveis interferências» (PENC10.º, 2002: 5).

Tal como já se verificava no PLEE, o PENC10.º advoga também que se devem criar, nas aulas, «situações de comunicação tão autênticas quanto possível» e que não se pode «negligenciar a comunicação real imposta pelo mundo exterior» (PENC10.º, 2002: 24). Para além disso, defende que «os alunos, na aula, devem realizar tarefas significativas, como as que se realizam na vida quotidiana, que os levem a adquirir os elementos linguísticos necessários à sua execução» (PENC10.º, 2002: 23). Dadas estas orientações e a já referida riqueza parémica da Língua Espanhola, não nos parece que devamos, de forma alguma, eliminar os provérbios do seu ensino.

Uma das finalidades do PENC10.º é, por outro lado, «implementar a utilização dos *media* e das novas tecnologias como instrumentos de aprendizagem, de comunicação e de informação» (2002: 6). Ora, tal como referimos anteriormente, existe uma crescente utilização dos provérbios nos meios de comunicação e, por isso, a sua aprendizagem é imprescindível se pretendemos que os alunos entendam estes textos. A própria internet disponibiliza atualmente uma assinalável variedade de páginas dedicadas a provérbios, que os alunos poderão consultar na concretização de atividades, como, por exemplo, a recolha de provérbios relacionados com uma determinada temática. Deste modo, o trabalho com provérbios pode também fomentar a utilização deste recurso tecnológico cada vez mais presente na vida dos discentes.

Quanto aos objetivos gerais estabelecidos pelo PENC10.º, salienta-se o alargamento da «competência comunicativa adquirida no ciclo anterior, de forma a usar apropriada e fluentemente a Língua Espanhola nas variadas situações de comunicação». Ora, ao integrarmos os provérbios nestas aulas, subscrevemos a afirmação de María Teresa García Muruais:

> (…) me parece casi imprescindible la enseñanza de estas combinaciones fijas, que *corresponden exactamente a las necesidades que el hablante tiene en ciertas*

> *situaciones*, y cuyo conocimiento (receptivo y productivo) contribuye a la mejora de la competencia comunicativa y sociolingüística. (1997: 363)

O PENC10.º salienta também a importância dos «documentos ditos "autênticos"» (2002: 33), dando como exemplos programas de televisão e de rádio, artigos da imprensa sobre temas atuais e anúncios publicitários, entre outros. Como temos vindo a afirmar ao longo deste relatório de estágio, os provérbios surgem cada vez mais na imprensa e, como parte integrante da Língua Espanhola, podemos apreciá-los igualmente em séries e filmes, bem como em publicidades radiofónicas.

Neste nível de ensino, recomenda-se ainda que os alunos leiam e apresentem aos colegas uma obra, com o objetivo de os levar a «apreciar textos literários actuais adequados ao seu nível e interesse» (PENC10.º, 2002: 9). Por este motivo, dada a frequente utilização dos provérbios também nos textos literários, a qual já está patente na mais representativa obra da literatura espanhola, *Dom Quixote de La Mancha*[15], de Miguel de Cervantes, e a recente revitalização que dos mesmos se tem verificado, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, parece-nos impensável não os abordar em aula de ELE.

Finalmente, no que diz respeito à expressão oral, o programa sugere que os alunos participem em debates previamente preparados para exporem e justificarem as suas ideias. Neste sentido, sendo a função argumentativa uma das que mais se atribui ao provérbio, os estudantes encontrarão aí um excelente recurso que poderão incorporar na sua argumentação.

Para concluir, cabe ainda salientar que tanto o PLEE como o PENC10.º reconhecem que um programa deve conter «flexibilidade e abertura que permitam corresponder às necessidades e interesses dos alunos» (PLEE, 1997: 6; PENC10.º, 2002: 5). Desta forma, embora não haja uma referência direta aos provérbios nestes programas, eles deixam, contudo, abertura para que o professor os insira na prática pedagógica, retirando deles o melhor proveito.

[15] Confrontar BARBADILLO DE LA FUENTE, María Teresa (2006): «Presupuestos didácticos para la enseñanza de los refranes a través de El Quijote», in *Paremia*, n.º15, pp. 141-150.

Como se pode depreender da análise dos programas vigentes, embora se atribua uma enorme relevância ao património cultural e se enfatize a necessidade de divulgação e de preservação da nossa cultura, deles não consta nenhuma referência aos provérbios. Concordamos, contudo, com Leonor Melo (2002: 103) que entende que «qualquer programa, ou manual, por bem desenhados e aplicados que se apresentem, serão sempre susceptíveis de melhoramento». Tendo os programas acima analisados uma essência descritiva e não prescritiva, cabe ao professor aproveitar o campo de possibilidades que lhe é deixado para incluir o provérbio como estratégia para a concretização dos objetivos neles elencados.

PARTE II - AÇÃO

1. Caracterização do universo de ação: escola e turmas

1.1. A Escola Secundária Manuel Gomes de Almeida[16]

O projeto de investigação-ação a que este relatório se reporta desenvolveu-se na Escola Secundária Manuel Gomes de Almeida, em Espinho. Os dados que aqui facultamos relativamente à escola onde realizámos o estágio pedagógico advêm maioritariamente do Projeto Educativo de Escola, um dos instrumentos fundamentais no exercício da autonomia da escola, no qual se explicitam os princípios, valores e estratégias que regem as suas práticas.

Esta é uma das duas escolas com Ensino Secundário que existem no concelho de Espinho. A sua origem data de 1956, ano em que foi criada a então denominada Escola Industrial e Comercial de Espinho. Em 1979, passa a designar-se Escola Secundária de Espinho e, finalmente, em 1987 recebe a sua designação atual. É, entretanto, intervencionada pela Parque Escolar, tendo as suas obras de remodelação e modernização terminado em 2010. De forma geral, estas obras operacionalizaram uma considerável melhoria nos espaços disponíveis.

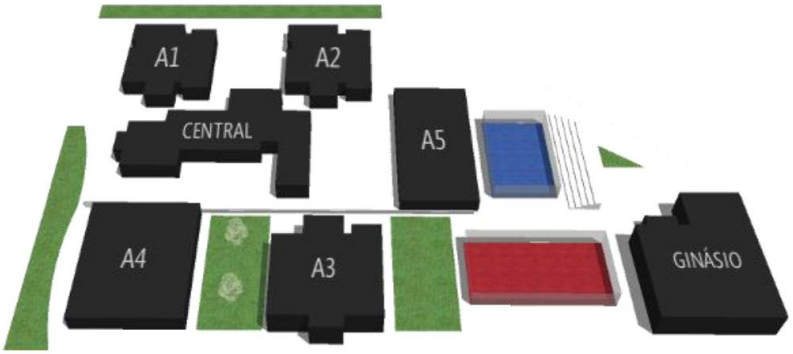


Figura 1: Espaço Físico da Escola Secundária Manuel Gomes de Almeida

A população escolar era, em 2011-2012[17], constituída por 1423 alunos: 557 do 3.º ciclo (incluindo os cursos de educação e formação); 663 dos cursos científico-humanísticos do Ensino Secundário e 164 dos cursos profissionais do Ensino

[16] Dados extraídos do Projeto Educativo de Escola referente ao triénio de 2008-2011, da sua Adenda para o ano letivo de 2011-2012 e do Relatório de Avaliação Externa de 2011.

[17] Não existiam, até ao momento, dados relativos ao ano letivo de 2012-2013.

Secundário; 17 alunos dos cursos de educação e formação de adultos (em regime noturno) e 22 alunos de um curso de especialização tecnológica dinamizado em parceria com a Universidade de Aveiro. Verifica-se, desde o ano letivo de 2008/2009, um aumento no número de alunos do Ensino Básico e uma diminuição dos alunos do Ensino Secundário. Cerca de 96,2% dos discentes eram de nacionalidade portuguesa. Tinham computador com ligação à internet cerca de 59,1% dos alunos do Ensino Básico e 74,6% do Ensino Secundário. No âmbito da Ação Social Escolar, 32% dos alunos do Ensino Básico e 30,2% do Ensino Secundário beneficiaram de auxílios económicos.

O corpo docente era, nesse mesmo ano letivo, constituído por 154 professores, dos quais 83,1% do Quadro da Escola, ou de Quadro de Zona Pedagógica. Registou-se, nesse ano letivo, uma diminuição de 6% no corpo docente relativamente a anos anteriores.

No que diz respeito às habilitações literárias conhecidas dos pais e encarregados de educação dos alunos do Ensino Básico e Secundário, verificava-se que a maioria possuía o Ensino Básico distribuído equitativamente entre o 2.º e o 3.º ciclos, 18% tinha concluído o Ensino Secundário e só 17% possuía um curso superior, pelo que se trata de uma população estudantil com fortes necessidades de dinamização cultural e de estímulos de aprendizagem. Quanto às profissões exercidas pelos pais e Encarregados de Educação, a sua distribuição mostra que cerca de 44% dos pais e Encarregados de Educação dos alunos do Ensino Básico e de 42,8% do Ensino Secundário tinham profissões ao nível de técnico superior ou intermédio, o que confirma a necessidade de o professor investir eficazmente em estratégias didático-pedagógicas.

1.2. Turmas[18]

O estágio disciplinar foi desenvolvido em quatro turmas, duas por cada área disciplinar e em dois níveis de ensino diferentes, isto é, uma turma do Ensino Básico e uma turma do Ensino Secundário em cada uma das duas línguas. Em concreto, uma turma de 8.º ano e uma turma de 10.º ano de escolaridade a Português, e uma turma de 7.º ano, nível de iniciação, e uma turma de 10.º ano, nível de continuação, a Espanhol.

[18] Os dados apresentados relativos às turmas com as quais trabalhámos foram facultados pelos Diretores de Turma das turmas em questão e constam dos Planos de Trabalho das Turmas.

Cada uma destas turmas apresentava características bastante diferentes e reagiu de forma distinta ao trabalho com elas desenvolvido durante este ano letivo.

1.2.1. As turmas de Português

1.2.1.1. A turma do 8.º1

A turma era composta por vinte e sete alunos, quinze do sexo feminino e doze do sexo masculino. A idade média dos alunos era de treze anos.

No que diz respeito ao agregado familiar, a maioria dos alunos (quinze) vivia com os dois pais, nove alunos viviam apenas com a mãe, três apenas com o pai e um aluno vivia com os avós.

Quanto às habilitações literárias dos pais dos alunos, um dos pais tinha apenas o 1.º ciclo do Ensino Básico, seis, o 2.º ciclo do Ensino Básico, nove, o 3.º ciclo do Ensino Básico, onze tinham o Ensino Secundário e catorze o Ensino Superior. Treze dos pais encontravam-se desempregados, o que poderá ser suscetível de gerar alguma instabilidade. Há ainda a referir que doze alunos beneficiavam de Ação Social Escolar.

Havia dois alunos com uma retenção no 6.º ano e quatro alunos indicavam a disciplina de Português como uma das disciplinas em que tinham maiores dificuldades. Quatro dos alunos manifestavam o desejo de seguir o ensino profissional, vinte e um pretendiam prosseguir estudos superiores e dois alunos revelaram pretender deixar de estudar no 12.º ano.

Um número significativo de alunos da turma evidenciava dificuldades em ouvir o professor, em compreender e aplicar conceitos, em cumprir as regras de sala de aula, em concentrar-se, em realizar autonomamente as tarefas que lhes eram propostas e ainda dificuldades de organização e falta de trabalho e de estudo. Tinham também tendência a falar sem autorização, apresentavam uma atitude de desinteresse pelas atividades escolares e escasso sentido de responsabilidade no cumprimento das tarefas. Como é evidente, as atitudes e comportamentos descritos perturbavam o normal desenvolvimento das aulas e,

consequentemente, o sucesso da aprendizagem dos estudantes. Estas dificuldades refletiram-se no trabalho desenvolvido ao longo deste ano, nomeadamente a nível da gestão dos tempos de aula.

1.2.1.2. A turma do 10.º2

A turma era composta por vinte e seis alunos, seis do sexo feminino e vinte do sexo masculino. A idade média dos alunos era de dezasseis anos.

No que diz respeito ao agregado familiar, a grande maioria dos alunos (vinte e cinco) vivia com os dois pais, a apenas um aluno refere viver com outros familiares.

Relativamente às habilitações literárias dos pais desta turma, cinco dos mesmos tinham apenas o 1.º ciclo do Ensino Básico, treze o 2.º ciclo do Ensino Básico, onze o 3.º ciclo do Ensino Básico, doze tinham o Ensino Secundário e somente oito tinham o Ensino Superior. Cabe ainda referir que nove dos pais dos alunos da turma se encontravam desempregados e que seis alunos beneficiavam de Ação Social Escolar.

Havia, na turma, dois alunos que estavam a repetir o 10.º ano e um aluno que tinha mudado de curso e que, por esse motivo, estava também a repetir este ano de escolaridade pela segunda vez. A disciplina de Português encontrava-se entre as disciplinas em que os alunos sentiam mais dificuldades; no entanto, não figurava na lista de disciplinas com maior número de negativas em anos anteriores.

A turma era heterogénea, apresentando, um enorme grupo de alunos, défices ao nível da atenção e da concentração. Os alunos eram bastante faladores, desconcentrados e evidenciavam muitas dificuldades no cumprimento das regras de conduta na sala de aula, para além de outras, tais como a falta de autonomia e de maturidade. De uma forma geral, os alunos denotavam falta de hábitos de trabalho e de estudo. Havia ainda um grupo de alunos que denunciava alguma passividade e pouco empenho na realização das diferentes atividades letivas.

Face a estas evidências, foi necessário um constante trabalho, por parte do Conselho de Turma, e por parte dos estagiários, no sentido de consciencializar os alunos para a necessidade de alterarem a sua atitude relativamente ao processo de ensino-aprendizagem e de depositarem mais interesse e empenho nas atividades letivas em geral.

1.2.2. As turmas de Espanhol

1.2.2.1. A turma de 7.ºano: o 7.º1 + 7.º2

A turma do 7.º1 era composta por quinze alunos, nove do sexo feminino e seis do sexo masculino. A idade média dos alunos era de doze anos.

No que diz respeito ao agregado familiar, a maioria dos alunos (doze) vivia com os dois pais. Quanto às habilitações literárias dos pais dos alunos, seis pais tinham apenas o 1.º ciclo do Ensino Básico, três o 2.º ciclo do Ensino Básico, dois o 3.º ciclo do Ensino Básico, seis o Ensino Secundário e dez o Ensino Superior. Três alunos beneficiavam de Ação Social Escolar.

Dado que este era o primeiro ano em que os alunos estavam a aprender Espanhol, a disciplina não figurava nem das disciplinas em que os alunos sentiam mais dificuldades nem das suas disciplinas preferidas. Quando inquiridos pelo grau de escolaridade que pretendiam alcançar, treze alunos mencionaram que tencionavam prosseguir para o Ensino Superior e dois manifestaram a intenção de obter apenas o 12.º ano.

De modo geral, os alunos desta turma eram interessados e bem comportados, embora revelassem alguns problemas de atenção/concentração.

A turma do 7.º2, por sua vez, era composta por vinte alunos, catorze do sexo feminino e seis do sexo masculino. A idade média dos alunos era igualmente de doze anos.

No que diz respeito ao agregado familiar, a grande maioria dos alunos da turma (dezoito) vivia também com os dois pais. Quanto às habilitações literárias dos pais desta turma, um dos pais dos alunos da turma tinha apenas o 1.º ciclo do Ensino Básico, onze

o 2.º ciclo do Ensino Básico, seis o 3.º ciclo do Ensino Básico, doze o Ensino Secundário e oito o Ensino Superior.

Tal como acontecia com a turma do 7.º1, dado que este era o primeiro ano em que os alunos estavam a aprender Espanhol, a disciplina não figurava nem das disciplinas em que os alunos sentiam mais dificuldades nem das suas disciplinas preferidas.

Catorze dos alunos da turma assinalaram pretender seguir o Ensino Superior e quatro pretendiam apenas concluir o 12.º Ano

Na turma existiam ainda dois alunos com necessidades educativas especiais. Os dois apresentavam dificuldades a nível físico-motor, nomeadamente na mobilidade e motricidade fina, consequência de paralisia cerebral. No que respeita à relação com os colegas, constatava-se naturalidade relativamente a todos os aspectos que os tornavam diferentes dos demais. Um destes alunos era muito desconcentrado e descontrolava-se frequentemente com riso contínuo, pelo que apresentava, consequentemente, muitas dificuldades a nível da compreensão e aquisição de conhecimentos. Devido às dificuldades que manifestava, tinha adequações curriculares no seu plano individual. Por outro lado, a outra aluna não tinha necessidade de adequações curriculares. Apesar das suas limitações físicas, era uma aluna muito empenhada e acompanhava normalmente os trabalhos das aulas ao nível da compreensão, necessitando obviamente de maior tempo para a consecução dos trabalhos escritos, assim como o companheiro.

No domínio das atitudes e comportamentos, os alunos eram, na sua grande maioria, interessados e participativos. Existia, no entanto, um pequeno grupo de dois alunos que revelavam dificuldades de concentração, mostrando-se frequentemente distraídos e faladores. Esses alunos dispersavam-se facilmente e acabavam por perturbar o normal funcionamento e o ritmo de trabalho das aulas. Havia ainda um grupo de meninas que também manifestava dificuldades de atenção e concentração. Procurámos prestar particular atenção a estes elementos, pensando que o contacto com os provérbios lhes poderia conferir capacidade de integração e consciência relacional.

A turma de Espanhol, nível de iniciação (A1), com a qual trabalhámos resultava da junção destas duas turmas. Era composta por dez alunos do 7.º1, de entre os quais cinco do sexo masculino e cinco do sexo feminino, e treze alunos do 7.º2, de entre os quais cinco do sexo masculino e oito do sexo feminino. Os dois grupos de alunos juntavam-se para ter aulas de Espanhol, tendo os restantes alunos das duas turmas

optado por outra segunda LE: o Francês. De forma geral, estes alunos evidenciavam problemas de concentração e eram muito faladores, características que se acentuavam nas aulas de noventa minutos. Apesar destas características comuns, o grupo de alunos do 7.º1 era um pouco mais interessado e tranquilo; já os alunos do 7.º2 distraíam-se com muita facilidade. No início do ano notava-se alguma separação entre os alunos de uma turma e os alunos da outra, no entanto, com o passar do tempo, verificou-se uma maior coesão entre todos e tornaram-se uma turma unida. Para além destes problemas de união, difíceis de gerir no início do ano, a existência de dois alunos com paralisia cerebral e de dois alunos hiperativos na turma exigia um apoio individualizado que, num contexto de sala de aula em que a maioria dos alunos é faladora, se torna bastante difícil de operacionalizar. Um destes alunos hiperativos revelava ainda atitudes de insolência e dificuldade em aceitar ordens.

1.2.2.2. A turma do 10.º7

A turma do 10.º7 era composta por vinte e sete alunos, dezasseis do sexo feminino e onze do sexo masculino. A idade média dos alunos era de dezasseis anos.

No que diz respeito ao agregado familiar, a maioria dos alunos (quinze) vivia com os dois pais, nove alunos viviam apenas com a mãe, dois alunos viviam com a mãe e o padrasto e um dos alunos vivia com os avós. Quanto às habilitações literárias dos pais desta turma, quatro dos mesmos tinham apenas o 1.º ciclo do Ensino Básico, oito possuíam o 2.º ciclo do Ensino Básico, a maioria dos pais (dezasseis) tinham o 3.º ciclo do Ensino Básico, treze tinham o Ensino Secundário e oito o superior. Um dado que salientamos por ser suscetível de se revelar perturbador é que doze dos Encarregados de Educação se encontravam desempregados. Havia ainda alguns alunos que sofriam de problemas de saúde graves, nomeadamente uma aluna que tinha tido cancro e uma aluna que sofria de insuficiência cardíaca.

Os estudantes desta turma já tinham estudado Espanhol durante três anos e situavam-se, no início do ano letivo, no nível B1 do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas. A disciplina de Espanhol não se encontrava referenciada nas disciplinas com maior número de negativas em anos anteriores, embora um dos alunos da turma a mencionasse com uma das disciplinas em que sentia mais dificuldades. Por outro lado, oito alunos apontavam o Espanhol como disciplina preferida.

No que diz respeito ao perfil educacional da turma, foram diagnosticadas dificuldades ao nível do funcionamento da LM, da interpretação e expressão escrita, e na expressão oral, dificuldades essas que se faziam sentir de forma mais preocupante na generalidade das línguas estrangeiras. Havia igualmente um grupo de alunos que denotava dificuldades de aprendizagem e compreensão. Um número considerável de alunos evidenciava ainda falta de hábitos de estudo e comportamentos e atitudes não consentâneos com o grau de ensino em que se encontravam: irresponsabilidade, desconcentração, desmotivação, etc.

2. Problema que suscitou este projeto de investigação-ação e objetivos do projeto[19]

Cada vez mais verificamos nas escolas portuguesas uma crescente dificuldade, por parte dos alunos, em recordar, relacionar e consolidar conteúdos programáticos lecionados. De igual modo, os discentes apresentam ainda, sobretudo no que diz respeito à LM, lacunas relativamente à produtividade da leitura e à capacidade de reter, a longo prazo, as leituras que efetuam.

Tendo em mente estas observações, e concordando com Pierre Lévy, que considera que «quanto mais estivermos pessoalmente envolvidos com uma informação, mais facilmente será lembrá-la» (1990: 81), e com a afirmação de Olívia Figueiredo de que, «quando o aluno "aprende" apoia-se sempre no conjunto de saberes que ele já possui» (2004: 111), o objetivo principal deste projeto consiste em averiguar a produtividade dos provérbios na sala de aula enquanto síntese de conhecimentos, e em averiguar se, ao associar um provérbio (re)conhecido pelo aluno a um texto literário ou a um tema sociocultural específico, esse texto ou tema é relembrado com maior facilidade. As leituras efetuadas levam-nos a acreditar que esta associação poderá ser bem-sucedida. António Capataz Franco, por exemplo, considera que «da relacionação entre dados conhecidos e dados novos resultam marcas mais profundas, mesmo indeléveis, na memória, ao contrário do que sucede quando se procura fixar ou estudar de modo abstracto e isolado nova informação» (1999: 318-319) e Simone Maria Silva defende que «relacionando novas informações a ideias já concebidas, é exigido um menor esforço da mente para a retomada do conteúdo apreendido» (2009: 7).

Neste sentido, o texto proverbial parece-nos um instrumento bastante adequado a este objetivo pois, como menciona Ana Cristina Macário Lopes na sua tese de doutoramento, o provérbio «faculta um amplo leque de possibilidades interpretativas, consoante a situação concreta em que é utilizado» (Lopes, 1992: 270) e na medida em que, «pela sua estrutura breve, pelas simetrias fónicas e rítmicas que geralmente apresentam, se tornam veículos privilegiados da captação da atenção» (idem, 1992: 336).

[19] Em anexo disponibilizamos um quadro síntese dos objetivos deste projeto de investigação-ação (anexo número 1, página 96).

Por outro lado, em torno a este objetivo principal, gravitam também alguns objetivos secundários que não queremos descurar, nomeadamente: melhorar a competência linguística dos alunos; aproximá-los do folclore e da sabedoria popular (portuguesa e espanhola); familiarizá-los com alguns provérbios, combatendo, desta forma, a eventual perda de competência paremiológica ativa; contribuir, consequentemente, para a preservação e transmissão desta parte importante das culturas portuguesa e espanhola; procurar pontos de contacto entre as duas culturas, tanto pela aceitação do substrato cultural comum como pela comprovação da existência de eventuais diferenças; e, por último, reativar laços familiares e fomentar a união geracional, na medida em que, como acredita Leonor Melo (2002: 110 – 111), «os contactos com as pessoas mais velhas contribuiriam para ampliar os horizontes culturais dos alunos e despertariam um maior interesse pelas próprias "raízes culturais"».

3. O projeto em ação: procedimento metodológico e etapas

A ação deste projeto é composta por quatro etapas: um inquérito de diagnose, as propostas didáticas concretizadas em cada uma das unidades, um inquérito intermédio, para avaliar a progressão dos objetivos iniciais, e um terceiro inquérito.

O inquérito de diagnose tinha como grande objetivo averiguar o conhecimento prévio, quer ativo quer passivo, que os alunos possuíam dos provérbios. Para além disso, pretendia-se ainda apurar as perceções que estes detinham quanto à linguagem parémica e avaliar se este saber continua a ser transmitido, por parte das gerações mais velhas, às novas gerações.

Apresentado este primeiro inquérito de diagnose, procedemos então à aplicação da ação em cada uma das unidades didáticas lecionadas. Dadas as especificidades de aprendizagem de cada uma das línguas implicadas, sendo uma a LM dos alunos e a outra uma segunda LE que estão a aprender, os procedimentos levados a cabo tiveram necessariamente ligeiras variações e ajustamentos.

Assim sendo, nas aulas de PLM, pedia-se aos alunos que, no fim do estudo de cada texto (narrativo ou poético), completassem a segunda parte de cinco provérbios cuja primeira parte lhes era facultada; que escolhessem, posteriormente, de entre esses cinco provérbios, aquele que, na sua opinião, melhor resumia a principal ideia veiculada pelo texto; e que, por último, justificassem a razão da associação efetuada. A quarta unidade didática constituiu uma exceção a este procedimento, dado que o artigo de jornal com que iniciámos o estudo dessa unidade tinha como título, ainda que truncado, o provérbio estudado. Na seleção dos provérbios analisados, procurámos privilegiar os mais conhecidos, por pensarmos que, se o aluno identifica esse provérbio dentro daqueles que já conhece, mais facilmente conseguirá, ao convocar o provérbio, associá-lo ao texto estudado e convocar o que aprendeu. No entanto, as exigências temáticas dos textos estudados nem sempre permitiram que assim fosse. Tal limitação teve algumas consequências que analisaremos nos capítulos dedicados à discussão dos resultados obtidos nos inquéritos. Por outro lado, uma vez que um dos nossos objetivos secundários era familiarizar os alunos com alguns provérbios, no sentido de contribuir para a preservação da competência paremiológica, pensámos que recorrer também a provérbios que os alunos não conheciam poderia contribuir para a sua divulgação.

Nas aulas de ELE, por sua vez, dado que os alunos não conheciam ainda qualquer provérbio espanhol (o que nos leva a concluir, quanto aos alunos do nível de

continuação, que estes são uma temática que até agora não merecera grande atenção por parte dos seus professores de Espanhol), foi necessário recorrer a outro procedimento. Assim, após o estudo de um determinado tema sociocultural, apresentava-se aos alunos um provérbio espanhol relacionado com a temática estudada e pedia-se que o descodificassem e que apresentassem uma possível ligação entre esse provérbio e o tema estudado. Por último, pedíamos aos alunos que encontrassem o provérbio português equivalente àquele provérbio espanhol ou, caso este não existisse em português, algum que transmitisse a mesma ideia. Privilegiámos, dentro da temática estudada, provérbios que fossem semelhantes em Português e em Espanhol, por se pensar que essa similitude ajudaria a atingir os objetivos a que nos propúnhamos e que seria mais fácil que os alunos retivessem o provérbio em espanhol se este revelasse semelhanças com o provérbio português. Por outro lado, pareceu-nos interessante promover provérbios comuns às duas línguas, também por acreditarmos que essa semelhança criaria uma sensação de proximidade com a LE que se está a aprender e levaria os alunos a estabelecer laços afetivos entre a LM e a LE.

A recursividade das propostas didáticas levadas a cabo, isto é, o facto de se realizar sempre o mesmo tipo de atividade em todas as unidades didáticas, foi intencional, de modo a poder facilitar a associação, e posterior memorização, que se procurava promover.

Verificou-se, de modo geral, que os alunos aderiram com entusiasmo às atividades realizadas com provérbios ao longo destas unidades didáticas, esforçando-se sempre por completar os provérbios apresentados e por expor a sua sugestão e justificá-la, mesmo aqueles que apresentavam mais dificuldades.

O segundo inquérito pretendia averiguar a eficácia das propostas que tínhamos vindo a pôr em prática e, caso fosse necessário, face aos dados aferidos, alterá-las de forma a obter melhores resultados. Neste inquérito, os alunos tinham que relacionar o texto (no caso dos alunos de PLM) ou tema sociocultural (no caso dos alunos de ELE) analisado com o provérbio a ele associado e explicar a relação que havia sido estabelecida entre os dois. Para além disso, os alunos de PLM tinham ainda que completar a segunda parte dos provérbios estudados, e, por sua vez, os alunos de ELE tinham que transcrever os provérbios portugueses equivalentes aos provérbios espanhóis aprendidos. Por último, solicitava-se ainda aos estudantes que, numa escala de zero a dez, referissem se consideravam que os provérbios os estavam a auxiliar na aprendizagem e memorização dos conteúdos estudados.

Por último, o terceiro inquérito tinha como objetivo principal avaliar as opiniões dos alunos quanto à pertinência e utilidade do trabalho desenvolvido ao longo de todo o ano letivo. Perguntava-se, nomeadamente, aos alunos se sentiam agora maior sensibilidade face aos provérbios e se os utilizavam com maior frequência nos seus enunciados orais e escritos. Neste inquérito, exortava-se também os discentes a transcrever, agora autonomamente (uma vez que no segundo inquérito lhes facultávamos os provérbios e os textos/temas socioculturais estudados e agora não) o último provérbio estudado, bem como o contexto que havia desencadeado o seu estudo.

No sentido de facilitar a leitura dos dados obtidos na aplicação dos inquéritos, foram elaboradas tabelas e gráficos que se apresentam em anexo.

3.1. Inquérito de diagnose[20]

Como previamente mencionado, o principal objetivo deste inquérito consistia em recolher dados relativos ao sexo, à idade e à composição do agregado familiar dos alunos, entre outros, de modo a efetuar uma caracterização geral da população alvo. Para além desta caracterização geral do universo de ação, pretendia-se ainda averiguar se os discentes sabiam o que era um provérbio, se conseguiam completar a segunda parte de dois provérbios que lhes eram facultados, se utilizavam provérbios nos seus enunciados escritos ou falados, em que contexto os utilizavam, que pessoas conheciam que os utilizassem, quem lhes tinha ensinado os provérbios que conheciam, se tinham curiosidade em saber o significado dos provérbios com os quais se iam deparando e se consideravam que estes eram úteis, apontando, caso não utilizassem provérbios, razões para essa falta de uso. Por último, no sentido de avaliar se se pode afirmar que os estudantes têm competência paremiológica, pedíamos aos alunos que mencionassem os cinco primeiros provérbios de que se lembrassem. A lista da totalidade dos provérbios recolhidos em cada turma constará dos anexos[21].

Este primeiro inquérito era constituído maioritariamente por perguntas abertas que não ofereciam alternativas de resposta. Reconhecemos que a opção por perguntas fechadas teria facilitado o tratamento dos dados, contudo, também teria limitado as respostas dos alunos e não queríamos, de forma alguma, condicionar as respostas que

[20] Confrontar o anexo número 2, página 97.

[21] Confrontar os anexos número 3, 4, 5 e 6, páginas 107, 118, 128 e 138 respetivamente.

solicitávamos. No sentido de obter dados o mais fiáveis possível, solicitámos aos alunos que respondessem ao seu inquérito, abstendo-se de falar ou olhar para os inquéritos dos colegas.

3.1.1. Resultados do inquérito de diagnose na turma do 8.º1 (Português)[22]

A este inquérito de diagnose responderam vinte e quatro dos vinte e sete alunos que compunham a turma no início do ano. De entre estes, treze alunos (54%) são do sexo feminino e onze (46%) do sexo masculino. Verifica-se uma grande variedade na composição do agregado familiar dos alunos, embora 50% dos alunos vivam no seio de uma família nuclear. Não existem, nesta turma, muitos alunos que vivam com os avós (apenas 16%).

Todos os estudantes referem saber o que é um provérbio, embora 63% dos alunos indiquem não saber como defini-lo. 67% dos alunos são capazes de completar os dois provérbios que lhes apresentamos e 33% conseguem completar apenas um.

Unicamente 4% dos alunos afirmam recorrer aos provérbios quando falam, 42% afirmam fazê-lo às vezes, 33% mencionam que os utilizam raramente, e 4% referem que depende da pessoa com quem falam. 17% dos discentes afirmam categoricamente que não os utilizam ao falar. Relativamente ao seu uso nos seus enunciados escritos, 46% dos alunos mencionam não os utilizar, 25% referem que os utilizam raramente e 21% indicam que o fazem às vezes. Apenas 8% mencionam que os utilizam na sua escrita, sem discriminar a sua frequência de uso.

No que diz respeito aos contextos em que usam os provérbios, 29% dos discentes referem que os usam mais em ambiente familiar e 29% indicam a escola. 21% apontam os amigos e outros 21% referem que os utilizam sempre que se apliquem. Quando se pede que indiquem o motivo pelo qual não os usam, são várias as razões apresentadas, não se destacando nenhuma de forma significativa. Deste modo, os alunos referem que não utilizam provérbios porque não são necessários, porque não sabem muitos, porque não são usuais, porque não gostam, porque não são convenientes e porque não é o estilo deles. Um aluno, por sua vez, assinala que não sabe indicar a razão pela qual não os usa.

[22] Confrontar o anexo número 3, página 99.

A maioria dos alunos conhece pessoas que utilizam provérbios e apenas 5% destes indicam não conhecer ninguém que os use. De entre as pessoas que os utilizam, destacam os pais (31% dos alunos), os avós (23%) e os professores (21%). Para além destes, são ainda referidos os amigos (5%) e os familiares de forma geral (15%). Como fonte de transmissão deste saber surgem igualmente várias referências. De entre estas, destaca-se o papel dos professores, referindo 31% dos alunos que aprenderam os provérbios com eles, 20% dos discentes afirmam que os aprenderam com os pais, 14% com os avós, outros 14% com os familiares em geral, 9% indicam que os aprenderam de várias pessoas e 3% referem fontes como os amigos, os livros, a televisão e os videojogos. Apesar de representarem uma minoria, parece-nos bastante interessante que a televisão e os videojogos surjam como modo de divulgação do texto proverbial.

Apesar da aparente rejeição em utilizar provérbios, 62% dos alunos consideram que estes podem ser úteis e 17% mencionam que podem ser úteis apenas às vezes. 17%, pelo contrário, pensam que estes não são úteis e 4% dos discentes não respondem à pergunta. Os motivos apresentados para esta utilidade são muito interessantes e indicativos, na nossa opinião, de um conhecimento paremiológico que ainda parece estar bastante ativo nos nossos alunos. Assim sendo, os discentes desta turma consideram que os provérbios são um ensinamento/uma lição de vida, pensam que estes «tornam mais simples exprimir o que queremos», que são práticos, que tornam as conversas mais divertidas; que permitem dar um exemplo, que fazem refletir; e, por último, que permitem explicar uma situação.

Quando confrontados com provérbios que desconhecem, a grande maioria dos alunos (75%) demonstra curiosidade em conhecer o seu significado e 4% revelam que o tentam descobrir sozinhos. Por outro lado, 21% dos alunos referem fingir que perceberam o que lhes quiseram transmitir através desse provérbio.

Na última pergunta do inquérito, os alunos revelaram uma, para nós, grata adesão à temática dos provérbios e manifestaram o desejo de anotar mais provérbios do que aqueles que lhes eram pedidos. Desta forma, 54% dos alunos registaram os cinco provérbios pedidos, 17% anotaram dois e 12% dos alunos registaram quatro provérbios. 17% dos alunos quiseram testemunhar os seus conhecimentos relativamente ao texto proverbial e anotaram mais do que cinco provérbios. No total, os alunos desta turma enumeraram cerca de trinta e três provérbios, de entre os quais sobressaíram os provérbios «Água mole em pedra dura tanto bate até que fura» (com dezasseis

ocorrências), o provérbio «Grão a grão enche a galinha o papo» (com treze menções) e o provérbio «Quem semeia ventos colhe tempestades» (com onze referências).

3.1.2. Resultados do inquérito de diagnose na turma do 10.º2 (Português)[23]

A este primeiro inquérito responderam vinte e quatro alunos, isto é, a totalidade dos alunos que constituíam a turma. A grande maioria dos alunos (80%) é do sexo masculino. Verificamos alguma variedade na composição do agregado familiar dos alunos, mas a maioria (76%) pertence a famílias nucleares.

Um número bastante considerável de alunos (80%) afirma saber o que é um provérbio, embora 16% destes admitam que, se tivessem que defini-lo, não seriam capazes de o fazer. 20% dos alunos mencionam não saber o que é. Relativamente aos dois provérbios que pedíamos aos alunos que completassem, 64% dos estudantes conseguiram completar os dois, 28% conseguiram completar apenas um e uma minoria de 8% (dois alunos) não completou nenhum dos dois provérbios apresentados.

No que diz respeito à terceira pergunta, na qual requeríamos aos alunos que nos dissessem se usam provérbios quando falam, 28% dos discentes referem fazê-lo às vezes, 24% afirmam que os utilizam poucas vezes ou raramente, e apenas 16% dizem fazê-lo sem reserva. Por outro lado, outros 16% mencionam que não os usam ao falar, 12% referem que os usam para ironizar e 4% dizem usá-los para «imitar os idosos». Ao escrever, apenas 12% dos alunos mencionam utilizar provérbios, 8% referem utilizá-los às vezes, 28% dizem fazê-lo raramente ou muito raramente, 4% (um aluno) refere que depende do contexto e, por último, 48% dos estudantes afirmam não os utilizar nunca ao escrever.

Relativamente ao contexto em que os alunos da turma referem utilizar provérbios, 44% destes indicam que os usam com os amigos, 33% no âmbito familiar e 23% no âmbito escolar. Nem todos os alunos indicam os motivos que os levam a rejeitar os provérbios nos seus enunciados. Os que o fazem referem várias razões: mencionam que não se adequam às conversas; que não sentem necessidade de utilizá-los; que estes estão a cair em desuso ou que só as pessoas idosas é que os utilizam;

[23] Confrontar o anexo número 4, página 109.

enquanto outros alunos referem que não os usam porque não sabem muitos ou porque não os sabem de cor.

Quando inquirimos os alunos relativamente às pessoas que conhecem que utilizam provérbios, apenas 6% dos discentes referem não conhecer ninguém que os utilize. De entre as pessoas que conhecem, salientam os avós (40%), os pais (15%), os professores (12%) e os amigos (12%). Com menor frequência mencionam ainda os familiares mais velhos (6%), os tios (3%), os primos (3%) e um aluno (3%) indica a irmã. Os estudantes apontam também várias fontes de transmissão deste conhecimento, a saber, os avós (19%), os familiares em geral (17%), os professores (11%), os pais (8%), a escola (6%), a internet (3%), os amigos (3%) e os livros (3%). 8% dos alunos dizem que os aprenderam de várias pessoas sem especificar quais e 22% respondem com um vago e lacónico «fui ouvindo».

Apesar desta aparente resistência em incorporar os provérbios no seu discurso, a maioria dos alunos (52%) pensa que os mesmos são úteis. Alguns alunos (24%) reconhecem a sua utilidade mas defendem que só são vantajosos às vezes e 4% dizem que depende do contexto em que se utilizem. Uma pequena minoria (8%) pensa que não têm qualquer utilidade e 12% dos alunos não respondem à pergunta. Aqueles que consideram que são úteis indicam que estes são parte do nosso país e da nossa cultura, que se podem utilizar para passar uma mensagem de forma indireta, que são uma forma de transmitir algo de modo diferente e que nos podem ajudar a expressar-nos melhor. Referem ainda que podem ser usados para dar uma lição de moral, que são práticos e que se podem usar por diversão. Por outro lado, aqueles que consideram que não são úteis, referem que são pouco práticos ou pouco adequados.

Quando se pede aos discentes que refiram como reagem quando não entendem o significado de um provérbio, 56% destes referem que perguntam o seu significado, 32% mencionam que o procuram perceber autonomamente, 8% dizem que ficam a pensar no que poderão querer dizer e 4% referem apenas que ficam surpreendidos, não referindo o que fazem para ultrapassar essa dificuldade.

Relativamente à última pergunta, 40% dos alunos anotaram cinco provérbios, 4% indicaram quatro, 16% escreveram três, outros 16% dois, 12% um e 12% quiseram demonstrar que sabiam mais do que cinco provérbios. No total, os alunos desta turma enumeraram quarenta provérbios, de entre os quais sobressaem os provérbios «Água mole em pedra dura tanto bate até que fura», «Quem foi ao ar/mar perdeu o lugar» e «Cada cabeça sua sentença» com dez ocorrências cada um.

3.1.3. Resultados do inquérito de diagnose na turma do 7.º1/2 (Espanhol)[24]

Em primeiro lugar, cabe referir que, ao longo de todo o ano letivo, os alunos do 7.º ano, sobretudo os rapazes, foram os alunos que se revelaram menos cooperativos no que diz respeito ao trabalho levado a cabo. Esta falta de cooperação poderia indiciar que será mais aconselhável desenvolver este género de trabalho com alunos com maior maturidade. Contudo, com os alunos do 8.º ano de Português, que se encontram numa faixa etária muito semelhante, a reação foi distinta, pelo que pensamos que esta falta de interesse poderá advir não da faixa etária em questão, mas sim das características desta turma em concreto ou dos interesses culturais dos alunos que a compõem.

A este primeiro inquérito responderam vinte e três alunos, isto é a totalidade dos discentes que compunham esta turma de Espanhol. A maioria dos alunos é do sexo feminino (58%). Embora se verifiquem situações de alguma desestruturação familiar, a maioria dos alunos (67%) vive com os pais e irmão(s) e 21% dos alunos vivem, para além disso, também com os avós.

Quando questionados se sabiam o que era um provérbio, 59% dos alunos afirmaram categoricamente que sim, 8% disseram que sabiam o que era mas que não conseguiam dar uma definição e 33% admitiram que não sabiam o que era. Apesar deste suposto desconhecimento, quando confrontados com a necessidade de completar dois provérbios, 79% dos alunos conseguiram completar os dois provérbios oferecidos e 21% conseguiram completar um dos dois provérbios. Nenhum dos alunos se revelou incapaz de completar qualquer um dos provérbios.

A maioria dos alunos (54%) refere utilizar provérbios às vezes quando fala; 17% dos discentes referem que os utilizam poucas vezes, outros 17% mencionam não os utilizar nunca e apenas 12% afirmam que os utilizam ao falar. Por outro lado, 50% dos alunos declaram que não os utilizam quando escrevem; 21% respondem que os utilizam às vezes, 8% referem que os utilizam poucas vezes ou raramente, e apenas 4% afirmam que os utilizam nas suas produções escritas. 17% dos alunos não respondem à pergunta.

Relativamente ao contexto em que utilizam os provérbios, 43% dos alunos mencionam que os utilizam quando estão com os seus familiares, 36% com os amigos e 21% na escola.

[24] Confrontar o anexo número 5, página 120.

Quando pedimos aos alunos que refiram a razão pela qual não os utilizam, a grande maioria não responde à pergunta e os restantes referem que não os usam porque não sabem muitos, porque não se lembram de o fazer, porque consideram que nem sempre é oportuno utilizá-los e porque não sentem necessidade de usá-los.

À pergunta «Conheces alguém que os utilize?», 19% dos estudantes referem não conhecer ninguém que utilize provérbios e outros 19% referem os seus amigos, 15% mencionam que estes são utilizados pelos seus avós e outros 15% indicam que são utilizados por familiares, sem especificar a que familiares se referem. 12% dos alunos indicam os pais, 8% o professor de Português, 4% (um aluno apenas) indica que são utilizados por pessoas mais velhas, 4% (um aluno) que são utilizados pelo irmão e 4% (um aluno também) opta por não responder. Quando pedimos aos alunos que indiquem as pessoas que lhes ensinaram os provérbios que conhecem, 31% indicam os avós como fonte deste conhecimento, 27% dos alunos referem que foram os seus pais, 12% os professores, 12% referem que foram várias pessoas sem especificar quais, 6% referem os familiares em geral, 6% indicam os amigos, 3% (um aluno) menciona o irmão e 3% (um aluno também) não responde.

Confrontados com a pergunta sobre a utilidade dos provérbios, apesar da pouca adesão que se verifica tanto quando escrevem como quando falam, 58% dos alunos referem que consideram que estes são úteis, 25% consideram que não, 13% pensam que apenas são úteis em determinadas ocasiões e 4% (um aluno) não responde. As razões apresentadas para a sua utilidade são várias: dizem que os podemos utilizar quando estamos num problema e não sabemos como tratá-lo, que se podem usar para dar uma lição de moral, para explicar algo e para transmitir uma mensagem, que estes são engraçados, que são uma forma de nos fazermos entender numa situação, que ajudam a falar com uma pessoa e que, quando não nos lembramos de uma razão válida para qualquer «coisa», podemos usar provérbios que se adeqúem à situação. Para justificar a sua convicção de que não são úteis, os alunos que tal afirmaram referem que estes não são necessários porque se podem utilizar outras palavras e porque se conseguem expressar bem sem recorrer aos provérbios.

Quando não entendem um provérbio, a maioria dos alunos (54%) tem curiosidade em perguntar ao seu interlocutor o significado, 17% dos estudantes, pelo contrário, não têm qualquer reação nem curiosidade em saber o seu significado, 8% tentam descobrir autonomamente o que significa e 4% (um aluno) refere que o facto de

não conhecer um provérbio o «aborrece» mas não indica que ação empreende. 17% dos alunos não respondem à pergunta.

Na última questão, em que se pedia aos alunos que anotassem cinco provérbios de que se lembrassem, foram referenciados cerca de trinta e oito provérbios, mas alguns destes correspondiam, na realidade, a outras tipologias textuais (por exemplo, expressões idiomáticas). 42% dos alunos conseguiram anotar a totalidade dos provérbios pedidos, ou seja cinco provérbios, 21% dos alunos escreveram apenas três provérbios, 17% escreveram dois, 12% quatro, uma minoria de 4% (um aluno) indicou apenas um provérbio e 4% (um aluno também) não indicou qualquer provérbio. O provérbio mais repetido foi «Grão a grão enche a galinha o papo» com onze ocorrências, seguido de «Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar» e de «Quem foi ao ar/mar perdeu o lugar», com oito ocorrências cada.

3.1.4. Resultados do inquérito de diagnose na turma do 10.º7 (Espanhol)[25]

A este primeiro inquérito responderam vinte e cinco alunos dos vinte e sete que compunham a turma. A maioria dos elementos da turma que respondeu ao inquérito (60%) pertence ao sexo feminino. Verificamos nesta turma uma grande variedade na composição do agregado familiar dos alunos, mas, ainda assim, 72% dos alunos vivem no seio de uma família nuclear.

A maioria dos alunos (96%) refere saber o que é um provérbio, embora admita não saber dar uma definição e apenas um aluno (4%) oferece uma definição. Consistentemente, 84% dos alunos conseguiram completar a segunda parte dos dois provérbios indicados e 16% conseguiram completar apenas um destes dois provérbios. Não houve nenhum aluno que não fosse capaz de completar qualquer um dos dois.

Quando se pergunta aos alunos se utilizam provérbios quando falam, 44% dos alunos dizem que o fazem às vezes, 24% que os usam raramente e 20% dizem não utilizar provérbios ao falar. Apenas 8% dos alunos mencionam que utilizam provérbios ao falar e 4% referem que os utilizam muitas vezes nos seus enunciados orais. Por outro lado, 36% dos estudantes indicam claramente que não utilizam provérbios ao escrever e

[25] Confrontar o anexo número 6, página 130.

32% referem que o fazem raramente. 24% dos alunos mencionam que os utilizam às vezes e apenas 8% mencionam que utilizam provérbios ao escrever.

Relativamente à pergunta em que se pedia aos alunos que identificassem o contexto em que utilizavam os provérbios, 45% dos discentes indicam o contexto familiar, 36% referem a escola, 16% mencionam que os utilizam em qualquer contexto e 3% (um aluno) refere as redes sociais. Tal referência parece-nos muito interessante e pode indiciar que também as redes sociais poderão contribuir para a preservação e divulgação do texto proverbial.

Quando se pede aos alunos que refiram por que motivo não utilizam provérbios no seu discurso quotidiano, referem que pensam que estes não fazem falta ou que não fazem parte do seu vocabulário.

No que diz respeito às pessoas conhecidas dos alunos que utilizam provérbios, 34% dos alunos indicam os avós, 21% os pais, 15% os amigos, 6% os professores, outros 6% referem os familiares, sem especificar quais, e 3%, ou seja, um aluno, aponta o tio. 15% dos discentes afirmam não conhecer ninguém que utilize provérbios.

Quanto aos veiculadores deste conhecimento ancestral, 32% dos alunos mencionam que foram os avós que lhes ensinaram os provérbios que conhecem, 20% indicam os professores, 18% os familiares em geral, 16% os pais, 6% os amigos, 4% os tios e outros 4% referem que aprenderam os provérbios de várias pessoas, não as especificando.

No que concerne à utilidade dos provérbios, a maioria dos alunos (72%) considera que estes são úteis, 16% pensam que estes são úteis apenas às vezes e 12% pensam que estes não têm utilidade. As razões que apresentam para a sua utilidade são várias: referem que ajudam a dar lições de moral; que contêm ensinamentos; que nos ajudam a expressar-nos melhor e a explicar algo que não conseguimos explicar com as nossas palavras; que enriquecem a nossa cultura; que nos ajudam a explicar as «coisas» de maneira mais interessante; que são engraçados; que estas expressões soam melhor do que se dissermos o que significam; que nos ajudam a explicar algo; que ajudam a perceber melhor certas «coisas»; que ajudam a treinar a mente; que permitem identificar situações do dia a dia; que «vêm a calhar»; que permitem expressar ideias com menos palavras; que com eles podemos dar exemplos de vida; que, quando queremos dizer algo, podemos optar por um provérbio para comparar; e, por fim, que nos ajudam a dizer aquilo que queremos dizer sem precisarmos de utilizar as nossas próprias

palavras[26]. Um aluno refere que os provérbios não são úteis porque são mais os idosos que os utilizam, o que é consistente com a associação que a maior parte dos alunos faz entre provérbio e o seu uso por pessoas mais idosas

De acordo com o inquérito, quando surgem provérbios que os alunos desconhecem, a esmagadora maioria dos alunos (96%) tem curiosidade em descobrir o seu significado, embora varie a forma de o fazer: 76% dos discentes optam por perguntar o seu significado, 12% preferem recorrer à internet e 8% dos alunos mencionam que tentam descobrir o que significam, não especificando a forma de o fazer. Uma pequena minoria (4%, ou seja, um aluno) menciona que lhe é indiferente não saber o significado de um provérbio.

Relativamente à última questão do inquérito, em que se pedia aos alunos que anotassem cinco provérbios de que se lembrassem, a maioria dos alunos (72%) escreve a totalidade dos provérbios pedidos, 4% dos alunos recordam quatro provérbios, 16% três, 4% (um aluno) dois e outros 4% (um aluno também) recorda apenas um provérbio, não existindo nenhum aluno que não seja capaz de escrever pelo menos um provérbio. Da totalidade dos cerca de trinta e três provérbios elencados, verificou-se que o mais elencado foi «Quem vai à guerra dá e leva» com dezoito menções, seguido de «Água mole em pedra dura tanto bate até que fura» com catorze referências e de «Amor com amor se paga» com dez menções.

3.2. Propostas didáticas: o provérbio como síntese de conteúdos

Aplicado o inquérito de diagnose, procedeu-se então à concretização das propostas didáticas propriamente ditas. Como previamente mencionado na apresentação do projeto em ação, dadas as especificidades do ensino e aprendizagem de uma LE e de uma LM, levaram-se a cabo procedimentos distintos no que diz respeito ao trabalho realizado nas duas áreas disciplinares. Assim, tal como descrito anteriormente, nas aulas de PLM associava-se um provérbio a cada texto lecionado, enquanto nas aulas de ELE se procedia à associação de um provérbio a cada um dos aspectos socioculturais abordados ao longo das cinco unidades didáticas. A este respeito, tal como Julia Sevilla Muñoz e María Teresa Barbadillo de la Fuente, consideramos que «se ha de diferenciar entre la enseñanza de refranes a estudiantes de lengua española materna o extranjera,

[26] Confrontar o anexo número 7, página 140.

porque sus necesidades son distintas, así como su competencia paremiológica» (2004: 203).

A escolha dos provérbios analisados ao longo do ano letivo obedeceu, como não poderia deixar de ser, tendo em conta os objetivos do nosso projeto, à sua relação com os textos/temas abordados. Não obstante, na seleção dos mesmos, houve também a preocupação em escolher provérbios que não exprimissem preconceitos ou estereótipos de qualquer tipo já que, como refere Ana Maria Vellasco, «ao citar um provérbio, um(a) falante cita um item tradicional do folclore da sua comunidade de fala, no qual estão incluídos os preconceitos, estereótipos» (2000: 141). Por outro lado, procurámos também chamar a atenção dos alunos para o facto de os provérbios serem «reflejo de un sistema de tópicos y de valores comunes imperantes en una sociedad y una cultura con ciertas diferencias, dadas las distintas coordenadas geográficas y temporales» (Barbadillo de la Fuente, 2006: 143), alertando-os de que provérbios como, por exemplo, «Entre marido e mulher não metas a colher» (referido por alguns alunos nos inquéritos), são fruto de uma determinada cosmovisão que não tem necessariamente que se aplicar aos padrões de vida que regem, hoje em dia, a nossa sociedade.

3.2.1. Propostas didáticas aplicadas nas turmas de Português[27]

3.2.1.1. Primeira Unidade Didática: *Saga* - «Quem espera sempre alcança» (8.º1)

A primeira unidade didática lecionada em Português inseriu-se no estudo da segunda sequência didática da planificação anual para o 8º ano, com o título de *Aventura e viagem: narrativas completas e outros textos*. Neste âmbito, escolhemos um excerto do conto *Saga*, de Sophia de Mello Breyner Andresen. Este texto adequava-se bastante à faixa etária dos alunos, pois o protagonista do conto tem, nesse excerto, sensivelmente a mesma idade dos discentes. Para além disso, situando-se a escola do universo de ação em Espinho, uma localidade que se desenvolve essencialmente em torno do mar, pensámos ainda que os alunos se poderiam identificar facilmente com um texto relacionado com esse elemento dinâmico no seu quotidiano. Estamos conscientes da importância que os temas gratos aos alunos têm na produção de aprendizagens

[27] Em anexo (anexo número 8, página 142) apresentamos os materiais utilizados.

significativas e esperávamos que estes fatores, aliados ao provérbio preparado («Quem espera sempre alcança»), contribuíssem para que os estudantes interiorizassem os conteúdos com maior facilidade.

O excerto relata a história de um rapaz de 14 anos, Hans, que vive com os pais e com a irmã no interior da ilha de Vig, no «mar do norte», e que tem a ambição de se tornar marinheiro e navegar para sul. Tal ambição choca, no entanto, com as expetativas do seu pai, que já havia perdido os irmãos num naufrágio e que, por esse motivo, rejeita veementemente o desejo do filho. Apesar dos obstáculos, Hans não consegue deixar de pensar no seu sonho e anseia desesperadamente poder, um dia, tornar-se marinheiro e poder navegar para sul. De entre cinco provérbios que propusemos aos alunos, esperávamos, como acima dissemos, que os alunos escolhessem o provérbio «Quem espera sempre alcança», o que se verificou de facto. Queríamos, sobretudo, que os alunos retivessem a imagem de Hans no seu lugar preferido, o promontório, observando o mar e projetando as suas esperanças de um dia ser marinheiro e sulcar as águas do sul. Pretendíamos também, coerentemente com o nosso objetivo de utilizar os provérbios como meio para inculcar valores nos nossos alunos, transmitir-lhes a ideia de que esperar/ambicionar algo pode efetivamente produzir os seus frutos e de que, nas suas vidas, deverão sempre lutar por aquilo em que acreditam, com paciência e determinação.

Antes da terceira unidade didática lecionada, a segunda nesta turma, os alunos tiveram ainda contacto com outro provérbio na aula de uma das colegas estagiárias. Aí, a colega pediu aos discentes que tentassem resumir a lição do conto estudado na aula (*Tenório*, de Miguel Torga), através da sua relação com o provérbio «Rei morto, rei posto». Os estudantes manifestaram, inicialmente, alguma dificuldade em identificar o provérbio. Não obstante, após uma breve explicação por parte da professora, conseguiram estabelecer uma relação entre o provérbio e o texto, dizendo que nunca devemos pensar que somos insubstituíveis.

3.2.1.2. Segunda Unidade Didática: Camões lírico - «Quem vê caras não vê corações» (10.º2)

Na segunda unidade didática, inserida no estudo da terceira sequência de ensino - aprendizagem da planificação anual para o 10º ano que se intitula *Poesia lírica de Camões*, procedeu-se ao estudo do texto poético e, em concreto, como indica o título da sequência, ao estudo de Camões lírico. Neste sentido, lemos e analisámos dois poemas de Camões, a saber, *Descalça vai para a fonte* e *Na fonte está Leanor*.

Relativamente ao estudo do primeiro poema mencionado, *Descalça vai para a fonte*, esperava-se, após a sua análise, que os alunos elegessem, uma vez mais, de entre cinco provérbios, o provérbio «Quem vê caras não vê corações» e que mencionassem que este provérbio pode sintetizar a ideia deste poema na medida em que a beleza externa de Leanor não indiciava a insegurança que sentia no seu interior (ou a insegurança que o amor sempre provoca na vida das pessoas) ideia esta que deflui do verso «vai fermosa, e não segura». Fomentámos ainda, em torno desta ideia, uma reflexão sobre a importância excessiva que hoje em dia se atribui à beleza e sobre os padrões que, ao longo de vários anos, têm orientado esse conceito de belo.

Para além da leitura e análise deste poema, procedeu-se ainda, nesta unidade didática, como se já se disse, ao estudo do poema *Na fonte está Leanor*. O procedimento para este poema foi semelhante ao procedimento levado a cabo para o primeiro. Assim sendo, esperava-se que, de entre os cinco provérbios facultados, os alunos selecionassem o provérbio «Quem canta seus males espanta», atendendo a que, neste poema, Leanor tenta amenizar a sua mágoa por não saber notícias do seu amado com o canto. Em torno desta associação, desencadeou-se então uma discussão sobre as atividades pelas quais os alunos optam quando querem esquecer alguma preocupação. Deste modo, os alunos sentiram-se mais implicados em todo o processo e (espera-se) memorizaram as ideias do poema mais facilmente.

3.2.1.3. Terceira Unidade Didática: *O conto da ilha desconhecida* - «Água mole em pedra dura tanto dá até que fura» (8.º1)

Esta terceira unidade inseriu-se, tal como a primeira, no estudo da segunda sequência didática da planificação anual para o 8º ano, cujo título é *Aventura e viagem:*

narrativas completas e outros textos. A escolha do texto, *O conto da ilha desconhecida* de José Saramago, prendeu-se, sobretudo, com o facto de ser um texto passível de várias leituras e de partilha de pontos de vista, que seguramente iria prender a atenção dos alunos. Para além disso, optámos, pelas razões já mencionadas quanto à escolha do conto *Saga*, por um texto relacionado com o mar, por pensarmos que esta temática teria impacto junto dos alunos.

Assim sendo, após a leitura e análise de um excerto deste conto, pedimos aos alunos que selecionassem, de entre cinco provérbios, aquele que, para eles, melhor sintetizava a ideia do excerto estudado. Esperava-se que os alunos identificassem o provérbio «Água mole em pedra dura tanto dá até que fura», dado que é pela insistência revelada pelo «homem que queria um barco» que este consegue convencer o rei a aceder ao seu pedido de lhe conceder um barco para que pudesse ir em busca da ilha desconhecida. Muitos eram aqueles que se dirigiam à porta das petições para expressar os seus desejos ao rei, não obstante, nenhum deles insistia no seu pedido após o rei, por interposta pessoa, se negar a conceder-lhes o que pretendiam. Esta personagem do conto teve a coragem de o fazer, negando-se a abandonar a porta das petições até que o rei, em pessoa, o atendesse e lhe pudesse, assim, expor as razões do seu pedido.

Uma vez mais, procurou-se igualmente fomentar uma discussão em torno da necessidade de persistir e de ser proativo, para se poder alcançar os objetivos a que nos propomos. Os alunos contribuíram ativamente para a discussão, partilhando as suas próprias experiências.

Para além deste texto, analisou-se ainda o poema *Viagem*, de Miguel Torga. Este poema, que nos fala da viagem da vida e da necessidade de, ao longo desse percurso, termos a coragem de lutar para enfrentar as dificuldades, e de seguir em frente sem medo e sem olhar atrás, constituiu o mote para a análise do provérbio «Quem não arrisca não petisca». Assim, esperávamos que os alunos chegassem à conclusão de que, tal como o provérbio defende, também o sujeito poético nos instiga a ter a coragem de arriscar para conseguirmos alcançar a felicidade que desejamos.

3.2.1.4. Quarta Unidade Didática: *Perdido num livro* - «Quem conta um conto acrescenta um ponto» (10.º2)

Esta unidade didática inseriu-se no estudo da quinta sequência de aprendizagem para o 10.º, cujo título é *Contos de autores do século XX*. Como introdução à unidade, propôs-se aos alunos a análise de um artigo de jornal intitulado *Quem conta um conto*… A intertextualidade com o provérbio «Quem conta um conto acrescenta um ponto» foi imediatamente identificada e constituiu o principal motivo para a abordagem deste artigo que reflete sobre a importância que os contos desempenham no desenvolvimento da competência leitora, sobretudo na infância. Nesta unidade, portanto, não procedemos à apresentação de cinco provérbios nem pedimos aos alunos que escolhessem, de entre estes, aquele que melhor sintetizasse a ideia do artigo, na medida em que o provérbio que pretendíamos analisar conformava, ainda que por incompleto, o título deste artigo.

O artigo, que trata, como já se disse, da importância dos contos no desenvolvimento da competência de leitura, oferece-nos uma nova perspetiva sobre este antigo provérbio. Assim sendo, aqui, acrescentar um ponto é encarado como positivo, na medida em que esse ponto que se acrescenta é um pouco do que nós próprios deixamos no conto, quando o recontamos. Foi esta a reflexão que pretendemos suscitar e que levou a que os alunos recordassem o prazer que, na sua infância, sentiam quando lhes contavam contos. Pretendia-se que os alunos refletissem sobre essa possibilidade de interagir com os contos e que, ao fazê-lo, se sentissem motivados para o estudo do conto específico que se leria na unidade. Tal procedimento constituiria, na nossa opinião, uma estratégia que permitiria aos discentes assimilar melhor não só as ideias veiculadas por este artigo concreto, mas, também, prepará-los para compreenderem melhor o estudo integral do conto *Perdido num livro*, do autor português José Jorge Letria, que seria lecionado na aula seguinte.

3.2.1.5. Quinta Unidade Didática: *As Palavras* - «Mais fere má palavra do que espada afiada» (8.º1)

Esta unidade didática inseriu-se no estudo da quarta sequência didática da planificação anual para o 8º ano, que se intitula *Poesia – Poemas para a sala de aula: ouvir, ler, dizer, (RE)escrever poesia*. Como o nome da sequência indica, o texto

estudado nesta unidade foi o texto poético. Nesse âmbito, escolhemos dois poemas pertencentes a autores representativos da literatura portuguesa do século XX. Pretendia-se aproximar os alunos de composições poéticas que lhes fossem próximas a nível temático e com as quais se pudessem facilmente identificar mas que, ao mesmo tempo, despertassem neles curiosidades e inquietações que os incitassem a ler e a desfrutar destes poemas.

Deste modo, na primeira aula da unidade, procedeu-se à leitura e análise do poema *As palavras* de Eugénio de Andrade, no qual o sujeito poético exalta a riqueza e o poder das palavras. Esta temática deu azo a que se desencadeasse uma reflexão sobre a capacidade de evocação das palavras e, na sequência dessa reflexão, pedimos aos alunos, que escolhessem, de entre os cinco provérbios oferecidos, aquele que melhor transmitia a ideia do poema. Desta forma, tendo em mente o verso «algumas, um punhal,//um incêndio», os alunos optaram pelo provérbio «Mais fere má palavra do que espada afiada», referindo que tal como o punhal que o sujeito poético nos refere, também as palavras podem ter a capacidade de magoar aqueles que com elas atingimos.

3.2.2. Propostas didáticas aplicadas nas turmas de Espanhol[28]

3.2.2.1. Primeira Unidade Didática: *La descripción de carácter* - «*Caras vemos corazones no sabemos*» (7.º1/2)

Durante a primeira unidade didática lecionada, com o 7.º ano nível de iniciação, procedeu-se ao estudo da descrição psicológica. Esta temática serviu de contexto para a apresentação do provérbio «*Caras vemos corazones no sabemos*». Os alunos tinham acabado de estudar a descrição física e este provérbio permitiu-lhes, no fim da unidade didática, estabelecer uma ligação entre essa temática abordada previamente (a descrição física e todo o vocabulário associado) e os conteúdos aprendidos nesta unidade, criando condições para que refletissem sobre o facto de o aspecto físico de uma pessoa nem sempre corresponder ao seu interior e sobre o facto de existirem pessoas muito bonitas cuja beleza exterior não corresponde aos valores e carácter que têm ou vice-versa. Na nossa opinião, abordar estas temáticas nas aulas é fundamental, no sentido de contribuir para um desenvolvimento integral dos nossos alunos e para a sua formação cívica. Os

[28] Em anexo (anexo número 9, página 147) apresentamos os materiais utilizados.

alunos identificaram com facilidade o provérbio equivalente em português «Quem vê caras não vê corações». Juntamente com estas reflexões suscitadas pelo provérbio, pediu-se igualmente aos alunos que relembrassem, numa chuva de ideias, algum vocabulário que utilizariam, em espanhol, para caracterizar física e psicologicamente uma pessoa.

3.2.2.2. Segunda Unidade Didática: *Material escolar* - «*Para gustos los colores*» (7.º1/2)

O tema da segunda unidade didática lecionada era *Material escolar*. A especificidade do tema dificultou a escolha de um provérbio adequado à temática. Optou-se, contudo, por se enveredar pela questão da variedade e, por fim, selecionou-se o provérbio «*Para gustos los colores*». Pretendíamos, sobretudo, que os alunos relacionassem a variedade de material escolar existente (sobretudo na época de início de ano letivo, na qual os discentes têm que selecionar, de entre a imensa oferta que lojas e centros comerciais têm à disposição, o material de que necessitam) com a também imensa variedade de gostos que diferentes pessoas podem manifestar. Para exemplificar esta diversidade, pediu-se aos alunos que imaginassem o início do ano escolar e que enumerassem que materiais escolares necessitariam e de que cores gostariam que fossem (conteúdos que tinham sido ensinados nesta unidade). Procurou-se ainda, desta forma, estimular uma reflexão sobre a diversidade e contribuir para que os alunos desenvolvessem uma maior tolerância perante a diferença. A identificação de um provérbio em português que traduzisse esta mesma ideia mostrou-se difícil, tendo sido necessário dar aos alunos a primeira parte daquele que considerávamos ser, na nossa língua, aquele que melhor transmitia essa ideia. Proferindo, no entanto, o seu início, «Gostos não...», os alunos facilmente o completaram concluindo «...se discutem».

3.2.2.3. Terceira Unidade Didática: *Tecnología* – «*Quien la sigue la consigue*» (10.º7)

O tema da terceira unidade didática, *Tecnología*, ofereceu uma excelente oportunidade para a apresentação de dois provérbios: «*Quien la sigue la consigue*» e «*No es oro todo lo que reluce*».

A primeira e segunda aulas desta unidade didática foram dedicadas à apresentação de inventos e inventores espanhóis famosos. Nesse âmbito, o primeiro provérbio analisado na unidade possibilitou aos alunos a discussão e reflexão sobre a importância de se ser persistente e de não desistir de uma ideia até se alcançar um objetivo. Assim sendo, apresentámos, no final destas duas aulas, o provérbio «*Quien la sigue la consigue*» e pedimos aos alunos que resumissem, em poucas palavras, os inventores e inventos que tínhamos estudado na unidade, bem como as vantagens que estes acarretaram para a sociedade. Tal como aconteceu com a turma do 7º ano, os alunos manifestaram alguma dificuldade em encontrar um provérbio português equivalente. Apesar dessa dificuldade, facultando-lhes a primeira parte do provérbio que se pensava melhor transmitir essa ideia - «Água mole em pedra dura tanto bate até que fura» -, os discentes facilmente completaram a segunda parte do mesmo.

Discutidas, na primeira e segunda aulas da unidade didática, as vantagens e os benefícios que os novos inventos oferecem aos seres humanos e a forma em que estes podem melhorar e facilitar a nossa vida, a terceira aula da unidade foi dedicada à reflexão sobre as desvantagens que a tecnologia também pode acarretar. Pensamos que é fundamental discutir estas questões com os nossos alunos, cada vez mais dependentes dos telemóveis e dos computadores e expostos a toda uma série de perigos na internet e, neste contexto, aproveitámos para apresentar o provérbio «*No es oro todo lo que reluce*». Na reflexão sobre este provérbio, os alunos enumeraram as vantagens (avaliadas nas duas aulas anteriores) e desvantagens da utilização das novas tecnologias. Dada a semelhança entre este provérbio e o provérbio português «Nem tudo o que brilha é ouro», os estudantes facilmente identificaram o provérbio equivalente na sua LM. Uma vez que estes alunos são mais velhos e uma vez que já têm mais conhecimentos da Língua Espanhola, a discussão em torno dos provérbios analisados foi mais profícua e suscitou mais reações do que aquelas obtidas com a turma do 7.º ano.

Com esta turma, foi ainda analisado outro provérbio antes da quinta unidade didática, a segunda, e última, aula lecionada a estes alunos. Assim sendo, no contexto do estudo do *Poema XX* de Pablo Neruda, os alunos refletiram, em aula, com a Orientadora de Estágio, sobre a temática do amor, aprendendo o provérbio espanhol «*Quien bien quiere tarde olvida*» e um provérbio português equivalente a este: «Amor verdadeiro não envelhece». Pretendia-se, sobretudo, com esta experiência (visto o provérbio ter sido analisado numa aula da Orientadora), criar mais possibilidades de

testar a nossa ação, dado que apenas lecionaríamos duas unidades com esta turma. Juntamente com o provérbio, esperava-se que os alunos pudessem reter este magnífico poema e todos os sentimentos que, com ele, o sujeito poético nos quer transmitir, nomeadamente a saudade e nostalgia que um amor passado sempre nos deixa.

3.2.2.4. Quarta Unidade Didática: ¡*Feliz Cumpleaños*! - «*A caballo regalado no le mires el diente*» (7.º1/2)

Na quarta unidade didática lecionada, pretendia-se simular uma festa de aniversário em Espanha. Assim sendo, no momento da aula em que se analisava a questão de oferecer e receber os presentes, aproveitou-se para introduzir o provérbio «*A caballo regalado no le mires el diente*», que serviu de base para uma reflexão sobre a gratidão que se deve demonstrar perante um presente que nos dão, independentemente de este ser ou não do nosso agrado. Para além disso, os alunos relembraram ainda uma série de expressões que poderiam utilizar para responder, em espanhol, à pessoa que lhes oferecesse um presente. Tal como se verificara previamente com provérbios espanhóis semelhantes aos portugueses, os alunos apontaram com facilidade o provérbio português que correspondia a este provérbio espanhol: «A cavalo dado não se olha o dente».

3.2.2.5. Quinta Unidade Didática: Barcelona - «*Allá donde fueres haz lo que vieres*» (10.º7)

A última unidade didática lecionada, com a turma de secundário, consistia na simulação de uma viagem à cidade de Barcelona. Neste sentido, procedeu-se à apresentação de algumas características paisagísticas e culturais desta cidade, bem como de alguns costumes sociais dos seus habitantes. Após três aulas de apresentação, partilha e discussão sobre a cidade e sobre os seus costumes, pediu-se aos alunos, no final da unidade, que refletissem sobre o provérbio espanhol «*Allá donde fueres, haz lo que vieres*». O estudo, ao longo desta unidade, das *oraciones condicionales irreales* e a realização de um exercício em que os discentes teriam que imaginar que atividades levariam a cabo se fossem à cidade de Barcelona facilitou o entendimento do sentido do provérbio. Assim sendo, a partir do provérbio pediu-se aos discentes que relembrassem

todas as atividades que poderiam realizar ao visitar uma cidade em geral, e Barcelona em concreto. Procurámos ainda, uma vez mais, fomentar a reflexão em torno do conceito de tolerância perante a diferença e tentámos levar os alunos a refletir sobre a necessidade de adaptação e aceitação de diferentes culturas e de novas e diferentes formas de ver, entender e experimentar o mundo. Inicialmente, tínhamos pensado, caso os alunos não identificassem nenhum provérbio português equivalente a este provérbio espanhol, propor aos discentes o provérbio «Em Roma, sê romano», que nos parecia ser o provérbio português mais conhecido que melhor transmitia a ideia implícita neste provérbio espanhol. Não obstante, fomos surpreendidas pela competência paremiológica dos alunos, que muito acertadamente propuseram outro provérbio equivalente a este e que desconhecíamos, mas que lhe é, sem dúvida, mais próximo em termos de tradução literal: «À terra onde fores ter, faz como vires fazer».

3.3. Avaliação intermédia de procedimentos e de resultados: segundo inquérito[29]

O grande objetivo deste segundo inquérito era averiguar se o trabalho até ao momento efetuado estava a produzir os frutos desejados, isto é, avaliar se a convocação do provérbio por eles escolhido ou apresentado (no caso das aulas de ELE), suscitava simultaneamente a convocação dos conteúdos estudados no texto ou tema a esse provérbio associado. Por outro lado, pretendia-se também averiguar se os alunos tinham assimilado os provérbios até agora estudados e se percecionavam que o trabalho desenvolvido lhes estava a ser de utilidade no sentido de os auxiliar a sintetizar e memorizar, com mais facilidade, os conteúdos programáticos.

3.3.1. Resultados do segundo inquérito na turma do 8.º1 (Português)[30]

O inquérito foi preenchido por vinte e seis alunos, a totalidade dos alunos da turma. Uma esmagadora maioria dos alunos (92%) conseguiu completar os quatro provérbios estudados até ao momento e 8% dos alunos (dois alunos) conseguiram completar apenas três dos quatro provérbios analisados.

[29] Confrontar os anexos número 11, 13, 15 e17, páginas 152, 157, 162 e 166 respetivamente.

[30] Confrontar o anexo número 12, página 153.

Quanto à segunda pergunta, na qual os alunos tinham que relacionar os provérbios analisados com os textos estudados, 38% destes conseguiram relacionar bem apenas dois provérbios com os textos analisados; 27% dos alunos conseguiram relacionar todos os provérbios analisados com os correspondentes textos estudados; 19% dos alunos conseguiram relacionar bem apenas um dos provérbios com o respetivo texto; 12% não conseguiram relacionar bem nenhum dos provérbios com os textos estudados e uma pequena minoria de 4% conseguiu relacionar bem três provérbios com os textos estudados. Apesar dos resultados serem apenas relativamente satisfatórios, assumimos a responsabilidade pela maioria dos discentes ter conseguido relacionar apenas dois provérbios e não a totalidade, dado o facto de dois dos provérbios serem suscetíveis de ser aplicados a dois textos diferentes. Assim sendo, compreende-se que alguns alunos associassem «Quem espera sempre alcança» ao texto *O Conto da Ilha Desconhecida*, uma vez que o homem que queria um barco esperou até que o rei lhe concedesse o barco, e que associassem o provérbio «Água mole em pedra dura tanto bate até que fura», ou a sua variante, «Água mole em pedra dura tanto dá até que fura», ao texto *Saga*, uma vez que Hans persistiu no seu sonho de ser marinheiro e foi proativo na tentativa de o alcançar, fugindo inclusivamente de casa para perseguir a sua ambição.

Relativamente à explicação da relação existente entre os provérbios e os textos estudados, os resultados não são tão satisfatórios. Deste modo, apenas 8% dos alunos conseguem explicar bem a relação existente entre os quatro provérbios (re)aprendidos e os textos analisados; 8% dos alunos tentam explicar essa relação, mas erram; 8% dos alunos conseguem explicar bem a relação existente entre três provérbios e os respetivos textos; 15% conseguem explicar correctamente a relação entre dois provérbios e os correspondentes textos; 19% conseguem explicar bem a relação entre um provérbio e o seu texto; e 42% dos alunos não tentam sequer explicar essa relação. Curiosamente, muitos dos alunos que optam por não expor a associação criada entre provérbio e texto, conseguem relacionar bem todos os provérbios com os textos adequados. Tal como aconteceu nas outras turmas, optámos por não pressionar os alunos a responder, dando-lhes total liberdade no preenchimento do inquérito.

Perante a pergunta em que inquiríamos os alunos quanto à utilidade que este trabalho estaria a ter no sentido de os ajudar a sistematizar e memorizar conteúdos programáticos; 58% situam, numa escala de zero a dez, em que 0 = nada e 10 = bastante, essa importância entre cinco e sete; 23% pensam que não está a ser de grande

utilidade, atribuindo-lhe apenas de zero a quatro pontos e 19% consideram que este procedimento os tem ajudado, classificando-o entre oito e dez.

3.3.2. Resultados do segundo inquérito na turma do 10.º2 (Português)[31]

O inquérito foi preenchido por vinte e quatro dos vinte e seis alunos da turma. A esmagadora maioria dos alunos (96%) completou a segunda parte de todos os provérbios analisados em aula e 4% (um aluno) não respondeu.

A grande maioria dos alunos da turma (75%) conseguiu relacionar todos os provérbios estudados com os correspondentes textos analisados; 17% dos alunos conseguiram relacionar bem dois provérbios com os respetivos textos e uma minoria de 8% não conseguiu relacionar nenhum dos provérbios com os textos estudados. Cabe, no entanto, referir que os dois alunos a que esta minoria se refere não se esforçaram sequer por responder à questão.

Os resultados obtidos na explicação da associação estabelecida entre os provérbios e os textos são, no entanto, menos satisfatórios e mais heterogéneos. Desta forma, 46% dos alunos não quiseram responder à pergunta. Dos alunos que se esforçaram por responder (54%), 21% conseguiram explicar bem a associação entre todos os provérbios e os correspondentes textos, outros 21% conseguiram explicar bem a relação existente entre dois provérbios e os respetivos textos estudados, falhando apenas a explicação da relação existente entre um dos provérbios e o seu texto. 12% dos alunos conseguiram explicar bem a associação estabelecida entre um provérbio e o seu texto.

Quando confrontados com a utilidade do trabalho realizado na aprendizagem e memorização dos textos estudados, 52% dos estudantes consideram que essa utilidade se situa, numa escala de zero a dez, entre os cinco e os sete, 29% pensam que não tem sido muito útil, atribuindo-lhe apenas entre zero a quatro pontos, e 19% consideram que tem sido de grande utilidade, classificando essa utilidade entre os oito e os dez pontos.

[31] Confrontar o anexo número 14, página 158.

3.3.3. Resultados do segundo inquérito na turma do 7.º1/2 (Espanhol)[32]

Todos os alunos da turma responderam a este segundo inquérito, ou seja vinte e três alunos. A maioria dos alunos (70%) conseguiu relacionar todos os provérbios estudados com os respetivos temas socioculturais; e 30% dos discentes conseguiram relacionar bem apenas dois dos provérbios.

No entanto, nem todos os alunos quiseram expressar as ideias que haviam sido estabelecidas entre os provérbios e esses temas. Assim sendo, 35% dos discentes não responderam à pergunta em que se pedia que o fizessem. Apesar desta abstenção, 17% dos alunos expõem bem a relação existente entre todos os provérbios estudados e os temas aos quais foram aplicados, dando explicações bastante interessantes: um(a) dos alunos, por exemplo, menciona, relativamente à relação entre o provérbio «*Caras vemos corazones no sabemos*» e o tema da *descripción de carácter*, que «o que importa não é o exterior mas sim o interior, é lá (no interior) que nos podem ficar a conhecer»[33]., exemplificando com alguns adjetivos em espanhol; e outro(a) aluno(a) afirma, relativamente à relação entre o provérbio «*A caballo regalado no le mires el diente*» e o tema do aniversário, que «quando fazemos anos não podemos pôr defeitos aos presentes que nos dão», apontando que poderemos dizer à pessoa que nos oferece o presente, por exemplo, ¡*Me encanta*!. Para além disso, 26% dos estudantes conseguiram explicar bem a relação existente entre um dos provérbios e o respetivo tema sociocultural e 13% só conseguiram fazê-lo relativamente a dois provérbios. 9% dos alunos esforçaram-se por explicar a relação existente entre os provérbios e os temas mas não atingiram os objetivos pretendidos.

A maioria dos alunos (52%) conseguiu completar todos os provérbios portugueses equivalentes aos provérbios espanhóis aprendidos (três provérbios), 22% conseguiram completar apenas dois, 13% um e outros 13% não responderam a esta pergunta.

Numa escala de zero a dez (em que 0 = nada e 10 = bastante), 52% dos alunos situam o auxílio que este procedimento lhes tem dado entre os cinco e os sete, 26% consideram que não tem sido de grande utilidade, atribuindo-lhe apenas entre zero e quatro, e 22% acreditam que lhes tem sido de grande utilidade, atribuindo-lhe de oito a

[32] Confrontar o anexo número 16, página 163.

[33] Confrontar o anexo número 19, página 170.

dez pontos. Os alunos que atribuíram maior importância ao trabalho desenvolvido foram aqueles que se preocuparam mais em estabelecer a relação existente entre os provérbios e os temas.

3.3.4. Resultados do segundo inquérito na turma do 10.º7 (Espanhol)[34]

Responderam ao inquérito vinte e seis dos vinte e sete alunos que compõem a turma. A maioria destes (77%) conseguiu relacionar corretamente os provérbios analisados com o conteúdo sociocultural estudado. 4% dos alunos conseguiram relacionar bem apenas um provérbio com o respetivo tema, 11% tentaram estabelecer a relação mas falharam e 8% não se esforçaram por estabelecer nenhuma associação.

No que diz respeito à explicação do motivo que nos leva a poder estabelecer essa relação, 54% dos alunos preferiram deixar a pergunta em branco. Dos restantes 46% que responderam à pergunta, 23% conseguem explicar corretamente a relação que estabelecemos entre todos os provérbios abordados e os aspetos socioculturais estudados; 15% dos alunos conseguiram explicar corretamente a relação existente entre dois provérbios e os respetivos temas; 4% apenas entre um provérbio e respetivo conteúdo sociocultural e outros 4% esforçaram-se por estabelecer essa relação, mas fazem-no incorretamente.

Apenas 23% dos discentes conseguiram completar todos os provérbios portugueses equivalentes aos provérbios espanhóis aprendidos; a grande maioria, 65% conseguiu completar dois dos provérbios, e 12% dos estudantes conseguiram completar bem apenas um provérbio. Os resultados não surpreendem, tendo em conta que um dos provérbios, «Amor verdadeiro não envelhece», é pouco conhecido. A equivalência necessária entre o provérbio espanhol e o provérbio português levou, no entanto, a que optássemos por um provérbio pouco divulgado.

Consistentemente com o número significativo de alunos que não explica a relação existente entre os provérbios e os correspondentes temas socioculturais, 50% dos discentes não consideram que esta atividade de associação lhes seja útil na aprendizagem e memorização de novos conteúdos, atribuindo-lhe entre zero e quatro pontos numa escala de zero a dez. 42% dos discentes situam essa utilidade entre os

[34] Confrontar o anexo número 18, página 167.

cinco e os sete e apenas 8% consideram que este trabalho os está a ajudar bastante, atribuindo-lhe entre oito e dez pontos.

3.4. Avaliação global da ação: terceiro inquérito[35]

Com este terceiro inquérito, pretendíamos, essencialmente, fazer um balanço do trabalho realizado. Procurava-se averiguar se, na opinião dos alunos, este trabalho lhes tinha sido útil e se sentiam agora maior sensibilidade face aos provérbios, e aferir se os estudantes considerariam profícuo continuar a trabalhar com o texto proverbial. Perguntava-se ainda aos discentes se consideravam que aprender provérbios era importante numa LE e, no caso concreto dos alunos de PLM, se tinham gostado mais de reconhecer provérbios que já sabiam ou de aprender provérbios novos. Pedia-se também que relembrassem o último provérbio analisado e o texto ou tema sociocultural que desencadeara o estudo desse provérbio e, por último, solicitava-se-lhes que transcrevessem dez provérbios de que se lembrassem naquele momento, aumentando para o dobro o número que lhes tínhamos pedido no inquérito de diagnose.

Neste terceiro inquérito optámos, maioritariamente, por perguntas fechadas de forma a obter dados mais concretos e exatos.

3.4.1. Resultados do terceiro inquérito na turma do 8.º1 (Português)[36]

A este inquérito responderam vinte e seis alunos, a totalidade dos alunos que compunham então a turma, uma vez que uma das alunas pedira transferência de escola no final do primeiro período. Uma ligeira maioria (58%) afirma ter agora maior sensibilidade relativamente aos provérbios e 42% dos alunos referem que têm a mesma que já tinham antes. No entanto, 62% dos discentes referem que utilizam tantos provérbios agora como os que utilizavam no início do ano, 15% indicam que não usam tantos e apenas 23% consideram que usam mais. Tais indicações contrastam, de certa forma, com a informação anterior. A grande maioria dos estudantes (77%) considera que as atividades realizadas ao longo deste ano foram interessantes e produtivas; 19%

[35] Confrontar o anexo número 20, página 172.

[36] Confrontar anexo número 21, página 174.

pensam que foram pouco significativas e uma minoria de 4% (um aluno apenas) refere que foram desinteressantes e inúteis.

A maioria dos alunos (65%) menciona que gostou mais de aprender provérbios novos, 23% as duas opções e apenas 12% manifestou a sua preferência por reconhecer provérbios que já sabiam. Tal contrasta, no entanto, com os resultados do segundo inquérito, no qual verificámos que os alunos tiveram mais facilidade em associar o provérbio ao texto quando o provérbio em questão lhes era familiar. As percentagens dos que preferem reconhecer provérbios do que conhecer provérbios leva-nos a constatar um escasso desejo de aprender e a assinalar um comodismo que não deixa de ser inquietante no universo escolar.

Relativamente à importância do ensino de provérbios na aprendizagem de uma LE, a maioria dos alunos (69%) considera que aprender os provérbios de um idioma é uma questão importante. No momento de classificar essa importância, a maioria (62%) dos estudantes situam-na, numa escala de zero a dez pontos (em que 0 = nada importante e 10 = importantíssimo), entre os cinco e os sete pontos; 23% entre os oito e os dez, e 15% entre os zero e os quatro.

Quanto à pergunta em que teriam que relembrar o último provérbio estudado e o contexto em que tal estudo ocorreu, passado apenas um mês da última unidade didática lecionada, uma grande maioria dos alunos (85%) não respondeu à pergunta, e apenas quatro alunos (15%) se lembravam do provérbio, apesar de não se lembrarem do texto ao qual o tínhamos associado. Sabiam, não obstante, que se tratava de um poema. Julgamos que estes resultados se poderão dever ao facto de o último provérbio analisado nesta turma ser relativamente desconhecido e de interpretação complexa: «Mais vale má palavra do que espada afiada».

Na questão final, em que os alunos tinham que elencar dez provérbios, a maioria dos discentes (77%) acedeu ao pedido a anotou os dez provérbios que lhes foram solicitados, existindo inclusive quatro alunos (15%) que desejaram manifestar a sua competência paremiológica, escrevendo mais de dez provérbios. Alguns alunos referiram, de forma oral, que ainda sabiam mais. Na totalidade foram referenciados trinta e seis provérbios, mais três do que no primeiro inquérito, tendo sido «Água mole em pedra dura tanto bate até que fura» (um dos provérbios estudados ao longo do ano), «Grão a grão enche a galinha o papo» e «Quem conta um conto acrescenta um ponto» os três mais apontados.

3.4.2. Resultados do terceiro inquérito na turma do 10.º2 (Português)[37]

Responderam a este terceiro inquérito vinte e quatro dos vinte e seis alunos que constituem a turma. Metade dos alunos da turma (50%) menciona ter agora maior sensibilidade relativamente à utilização de provérbios do que no início do ano e os restantes 50% dos discentes referem ter a mesma que tinham antes. Apenas 29% dos estudantes dizem usar agora, ao falar e escrever, mais provérbios do que no início do ano e 71% dos alunos referem que usam o mesmo número de provérbios que usavam. Apesar destes números não serem tão elevados como se desejaria, a grande maioria dos discentes (83%) pensa que as atividades desenvolvidas com provérbios foram interessantes e produtivas, 4% consideram que foram pouco significativas e 13% julgam que foram desinteressantes e inúteis.

A maioria dos alunos (75%) manifesta que gostou mais de aprender provérbios novos, 17% referem que preferiram reconhecer provérbios que já sabiam e 8% dizem que gostaram tanto de aprender provérbios novos como de reconhecer provérbios que já sabiam.

Quanto à importância do ensino das parémias na aprendizagem de uma LE, a maioria dos alunos (79%) considera que é importante aprender também os provérbios desse idioma; 21% pensam que não. Numa escala de zero a dez (em que 0 = nada importante e 10 = importantíssimo), metade dos discentes (50%) situa essa importância entre os oito e os dez pontos, isto é, consideram-no bastante importante, 38% pensam que essa importância se situaria entre os cinco e os sete pontos, e apenas 12% a situariam entre os zero e os quatro pontos. Esta constitui, deste modo, a turma que lhe atribui maior importância, facto que poderá prender-se com a idade dos alunos e a sua consequente maturidade.

No que concerne ao último provérbio analisado e respetivo texto, 29% dos alunos não responderam à pergunta, 29% mencionaram apenas o último provérbio analisado e outros 29% conseguiram mencionar tanto o provérbio como o texto, bem como explicar a relação existente entre os dois. 4% dos alunos colocaram outro provérbio analisado nas aulas mas não o último e 9% mencionaram provérbios não estudados. Excluindo os alunos que não responderam à pergunta, verificamos que 41% dos discentes conseguiram referir tanto o provérbio como o contexto, o que nos parece

[37] Confrontar o anexo número 22, página 180.

bastante satisfatório. Curiosamente, esta turma foi a que respondeu ao inquérito com maior distância de tempo relativamente à última unidade didática lecionada.

Quando se pede aos alunos que mencionem dez provérbios que conheçam, os alunos do 10.º2 referem, no total, neste terceiro inquérito, cerca de quarenta e dois provérbios, mais dois provérbios do que os quarenta elencados no primeiro inquérito. A maioria dos alunos (58%) conseguiu registar os dez provérbios pedidos, 29% anotaram entre seis e nove provérbios e 13% mencionaram apenas cinco ou menos. É de notar, no entanto, que esta foi a turma mais produtiva no que diz respeito à diversidade de provérbios apresentada, tanto no primeiro como no terceiro inquérito. Como se verificou também nas outras três turmas, neste terceiro inquérito, os alunos do 10.º2 referiram igualmente provérbios estudados ao longo do ano letivo que não tinham sido mencionados no primeiro inquérito, nomeadamente «Quem vê caras não vê corações» (mencionado apenas por dois alunos no primeiro inquérito e mencionado agora por sete alunos), «Quem canta seus males espanta» (não mencionado por nenhum aluno no primeiro inquérito e agora referido por seis alunos; é igualmente de notar que este provérbio é mencionado apenas nesta turma na qual foi estudado, não tendo sido referido em nenhuma outra), e «Quem conta um conto acrescenta um ponto» (que só tinha sido mencionado por um aluno no primeiro inquérito e que é agora mencionado por 20 alunos).

3.4.3. Resultados do terceiro inquérito na turma do 7º1/2 (Espanhol)[38]

Responderam a este terceiro inquérito vinte e um dos vinte e três alunos que constituíam a turma. Uma ligeira maioria de alunos (52%) indica ter agora maior sensibilidade relativamente à utilização de provérbios do que no início do ano, 48% refere ter a mesma sensibilidade que antes. No que diz respeito à pergunta dois, em que se pedia aos alunos que mencionassem se utilizavam agora, comparativamente ao início do ano, mais provérbios, quando falavam ou escreviam, 43% referem que sim, 5% revelam que não e 52% indicam que mantiveram a tendência que revelavam no início do ano.

[38] Confrontar o anexo número 23, página 186.

Relativamente às atividades desenvolvidas em torno dos provérbios, 86% dos alunos consideram que as mesmas foram interessantes e produtivas e apenas 14% consideram que foram pouco significativas.

A grande maioria dos alunos (81%) acha que o ensino dos provérbios é importante na aprendizagem de uma LE e apenas 19% pensam que não. Numa escala de zero a dez (em que 0 = nada importante e 10 = importantíssimo), a maioria dos alunos (57%) situa essa importância entre os cinco e os sete pontos, 24% entre os zero e os quatro, e 19% entre os oito e os dez. Todos os alunos referem que não conheciam nenhum provérbio espanhol antes do início do ano letivo, o que, tendo em conta que este era o primeiro ano em que estavam a estudar a Língua Espanhola, é compreensível.

Pedimos então aos alunos que transcrevessem o último provérbio aprendido nas aulas e o tema ao qual o tínhamos associado: 38% dos discentes não responderam à pergunta, outros 38% mencionaram apenas o último provérbio aprendido, sem relembrar o contexto, e 24% conseguiram indicar corretamente o provérbio e o tema relacionados. Embora este resultado pareça dececionante, tendo em conta os objetivos deste projeto de investigação-ação, se analisarmos apenas os resultados dos alunos que responderam à pergunta, verificamos que 40% dos discentes que responderam ao inquérito conseguiram transcrever o último provérbio estudado e relembrar o contexto em que foi estudado, o que, dada a novidade deste procedimento e o tempo decorrido desde essa última unidade didática lecionada, nos parece bastante positivo e satisfatório. Alguns alunos conseguiram inclusivamente transcrever o provérbio em espanhol.

Quanto aos dez provérbios que pedimos aos alunos que mencionassem, 33% dos alunos conseguiram anotar a totalidade dos provérbios pedidos, 24% escreveram entre seis a nove provérbios e 43% transcreveram só cinco ou menos. Esta turma foi a única que, relativamente ao inquérito de diagnose, elencou um menor número de provérbios: apenas vinte e um em comparação com os trinta e oito do primeiro inquérito. Dado o pouco empenho destes alunos na globalidade das disciplinas, pensamos que tal diminuição se poderá atribuir a esta característica da turma. Não obstante, os resultados levam-nos, por outro lado, a concluir que, apesar da geral falta de empenho, conseguimos contribuir para a competência paremiológica de alguns alunos, pois, neste último inquérito, estes demonstraram conhecimento dos três provérbios estudados em aula, o que constitui um dado muito satisfatório. O provérbio «Quem vê caras não vê corações», por exemplo, é agora mencionado por três alunos, «Gostos não se discutem» por dois e «A cavalo dado não se olha o dente», o último estudado, por seis discentes.

3.4.4. Resultados do terceiro inquérito na turma do 10.º7 (Espanhol)[39]

O inquérito foi preenchido por vinte e cinco dos vinte e sete alunos que compunham a turma. Uma ligeira maioria (52%) refere ter agora maior sensibilidade relativamente à utilização de provérbios do que no início do ano, enquanto os restantes 48% mencionam que têm a mesma sensibilidade que tinham antes. Não obstante, 52% indicam que usam, ao escrever e ao falar, o mesmo número de provérbios que usavam no início do ano e 20% referem que não usam tantos. Apenas 28% mencionam que usam agora mais provérbios do que no início do ano.

Uma maioria considerável de alunos (80%) considera que as atividades realizadas ao longo deste ano foram interessantes e produtivas e apenas 20% pensa que estas foram pouco significativas.

Relativamente à importância do ensino de provérbios na aprendizagem de uma LE, a grande maioria dos alunos (80%) considera que o ensino dos mesmos é importante e apenas 20% consideram que não. 48% destes situam, numa escala de zero a dez (em que 0 = nada importante e 10 = importantíssimo), essa importância entre os cinco e os sete pontos; outros 48% situam-na entre os oito e os dez pontos, e 4% consideram que esta se encontraria apenas, em sua opinião, entre os zero e os quatro pontos.

No que diz respeito à transcrição do último provérbio aprendido nas aulas e do tema ao qual este foi associado, uma ligeira maioria (52%) dos alunos não respondeu à pergunta. Os restantes 48% alunos que responderam apresentam resultados pouco satisfatórios: 24% escrevem provérbios estudados mas não o último analisado, 16% referem provérbios que não foram estudados, 4% conseguem indicar apenas o último provérbio estudado e só uma pequena minoria de 4% consegue mencionar corretamente não só o último provérbio estudado, como também o tema ao qual este foi associado. Apesar de poucos alunos terem mencionado o provérbio e tema desejados, ou seja, os que diziam respeito à última unidade lecionada, o facto de terem mencionado outros provérbios que tínhamos estudado, escritos em espanhol, bem como o seu correspondente em português, indicia que se conseguiu alcançar, pelo menos, o objetivo de dar a conhecer um pouco da paremiologia espanhola.

[39] Confrontar o anexo número 24, página 191.

No que concerne aos dez provérbios que pedimos aos alunos que anotassem, a maioria dos alunos (76%) conseguiu apresentar os dez provérbios pedidos, 12% dos alunos anotaram entre seis e nove provérbios, 8% registaram cinco ou menos, e uma pequena minoria de 4% dos discentes quis provar o seu conhecimento paremiológico e escreveu mais do que os dez provérbios que lhes pedimos. Tal como verificámos na turma do 7.º ano, nesta turma notámos também que foram mencionados, neste último inquérito, provérbios estudados ao longo do ano, que não tinham sido mencionados no inquérito de diagnose, por exemplo, «Nem tudo o que brilha é ouro», agora mencionado dezasseis vezes e não mencionado em nenhuma turma no primeiro inquérito. Na totalidade, os alunos elencaram quarenta provérbios, mais oito do que no primeiro inquérito. Entre os provérbios mais referidos, «Água mole em pedra dura tanto bate até que fura» (dezasseis menções), «Grão a grão enche a galinha o papo» (treze menções), «Quem semeia ventos colhe tempestades» (onze menções), encontra-se um dos provérbios estudados em aula, o primeiro indicado. Deduzimos, assim, que o trabalho efetuado com os alunos teve efetivamente impacto junto deles e que contribuiu para a divulgação do texto proverbial.

3.5. Conclusões da aplicação deste projeto

Relativamente aos resultados obtidos no inquérito de diagnose, verificámos que se confirmaram muitas das pressuposições que havíamos criado em relação aos provérbios a partir das leituras críticas por nós efetuadas para o desenvolvimento deste projeto. De facto, confirmámos que os alunos têm tendência a associar os provérbios a pessoas mais idosas e que essa associação pode constituir um motivo que os leva a evitar o seu uso. Por outro lado, também os discentes são conscientes da perda de competência paremiológica da sociedade portuguesa em geral, referindo que estes são expressões que se usavam antigamente e que estão a cair em desuso[40]. Tais resultados reforçam o intuito deste projeto de recuperar este conhecimento e de o utilizar ao serviço da educação. Por outro lado, pretendíamos também consciencializar os alunos de que «os provérbios estão vivos», apesar da aparente impressão contrária. Por isso, os surpreendemos nos títulos dos jornais e no interior de obras literárias. E ainda, foram os

[40] Confrontar o anexo número 7, página 140.

próprios alunos quem nos revelou que as redes sociais (*facebook*) e a internet (videojogos) os utilizavam como recurso.

No que diz respeito ao conceito de provérbio, apercebemo-nos da dificuldade que também os nossos alunos sentem quando têm que dar uma definição sucinta e objetiva deste conceito. Na verdade, muitos são os alunos que referem não serem capazes de apontar uma definição, embora afirmem saber o que é um provérbio. Apesar desta dificuldade, é interessante verificar como, nas definições que apresentam, identificam algumas das suas características mais relevantes, nomeadamente o seu carácter popular (um aluno refere que é uma «frase popular que passa de geração em geração»), a sua expressividade lapidar (sendo que há um aluno que menciona que «permitem transmitir ideias em menos palavras»), a sua validade geral (um aluno menciona que é «uma frase indireta») e a sua função moral (muitos são os alunos que referem este aspecto), entre outras. Há inclusive um aluno que refere que são «produto da acumulação de um saber milenar»[41].

Nota-se, de igual modo, quando os alunos registam os provérbios que conhecem, que também eles sentem dificuldade em discernir entre provérbios e outras expressões afins. Se especialistas nesta matéria têm dificuldade em fazê-lo, parece-nos natural que se verifique essa mesma dificuldade nos alunos. Por outro lado, não foi nossa intenção, neste estudo, contribuir para esclarecer a diferença entre os provérbios e essas expressões, daí não termos trabalhado no sentido de esclarecer os alunos quanto a essas diferenças.

Logicamente, os estudantes referem usar os provérbios mais nos seus enunciados orais do que nos seus enunciados escritos, o que, dado o cariz oral das parémias, é totalmente compreensível. Verifica-se, assim, que os discentes usam pouco provérbios em geral, mas que estes valores são ainda mais baixos quando se trata da escrita. A maioria dos alunos não consegue (ou não quer) apresentar uma razão para a falta de uso que lhes confere nesse contexto. De qualquer modo, fica-nos a vontade de alargar futuramente esta experiência, de forma a suscitar textos escritos que integrem provérbios.

Relativamente ao contexto de uso, ressaltam, como também seria de esperar, os contextos informais, nomeadamente o contexto familiar e os amigos, embora também a escola seja referida com frequência.

[41] Confrontar o anexo número 7, página 140.

No que concerne às fontes de transmissão deste conhecimento, concluímos facilmente que os avós têm um lugar de destaque na utilização de provérbios. Tal resultado não nos parece surpreendente dado que a revisão da literatura por nós efetuada já salientava esta ideia. A seguir aos avós, os pais e os professores são também fontes de ensino e de utilização bastante mencionadas. Verificamos ainda que a forma de transmissão dos provérbios já não se limita à esfera oral, embora esta ainda seja a forma privilegiada, e encontramos também os livros e a internet como veiculadores do texto proverbial. A escola e os professores, por outro lado, assumem um papel mais relevante do que aquele que, com base nas nossas experiências como alunas, esperávamos encontrar.

Embora a maioria dos alunos reconheça a utilidade dos provérbios, alguns indicam que há contextos em que eles poderão ser mais adequados do que em outros, demonstrando assim alguma competência pragmática. Vários são os motivos apontados para essa utilidade. De entre eles, salienta-se a sua utilidade pelo carácter lúdico e didático.

Quanto ao interesse geral que os provérbios suscitam nos alunos, podemos considerar que este é bastante elevado, pois a maioria afirma que, quando não compreende o significado de um determinado provérbio, solicita esclarecimentos.

Os resultados obtidos, tanto no primeiro como no último inquéritos, relativamente aos provérbios elencados pelos alunos permitem-nos concluir que os provérbios continuam, de facto, vivos em Portugal, tendo sido referidos, no total, aproximadamente cento e quarenta e quatro provérbios no primeiro inquérito e cento e trinta e nove no último, registando-se, neste cômputo geral, alguns provérbios com variantes.

Relativamente aos resultados do segundo inquérito, apercebemo-nos, com alguma mágoa, que a convocação dos textos/temas estudados que esperávamos suscitar através do provérbio não foi tão bem sucedida quanto desejaríamos. Verificámos, no entanto, que, nas quatro turmas, os alunos demostraram facilidade em relembrar todos os provérbios estudados e em relacionar esses provérbios com os respetivos textos/temas estudados, o que não conseguiram foi passar muito além desta primeira associação e convocar, expressa e concretamente, a razão que nos levou a juntar o texto/tema e o provérbio. Tais factos provam que os alunos retiveram essa associação, mas bloquearam no grau de dificuldade que, reconhecemos, subjazia à pergunta que colocámos de relacionar conteúdos. Consistentemente, a maioria dos alunos também

tem dúvidas quanto à possibilidade de esta estratégia lhes poder ser de utilidade na memorização dos conteúdos que aprendem. É de salientar, no entanto, quanto a este segundo inquérito, que houve muitos alunos que nem sequer tentaram explicar a relação que tínhamos, em aula, criado entre o provérbio e o texto/tema, e que optaram por deixar a resposta em branco.

Tendo em conta estas considerações, pensamos, assim, que não poderemos afirmar categoricamente que os provérbios se revelaram infrutíferos na memorização dos conteúdos, uma vez que um elevado número de alunos não se esforçou por transmitir todos os conhecimentos que pensamos terem adquirido. Entendemos que, face aos elevados valores alcançados no exercício de relacionar o provérbio com o texto/tema, com algum esforço, os alunos teriam conseguido também relembrar as ideias que estes provérbios lhes tinham ajudado a reter. Cabe, contudo, referir que não foi possível, devido ao limitado número de aulas assistidas, aplicar estes inquéritos nas aulas próprias e que foi necessário pedir aos orientadores para aplicar os inquéritos nas suas aulas. Conscientes das dificuldades que estes sentem em ter que lecionar todos os conteúdos que fazem parte do programa, não quisemos, por questões de tempo, insistir com os alunos para que se esforçassem mais e, assim, ocupar ainda mais tempo das suas aulas.

No que diz respeito ao terceiro inquérito, apurámos, em todas as turmas, que pelo menos metade dos alunos refere ter agora maior sensibilidade relativamente à utilização dos provérbios do que no início do projeto. Não sendo uma esmagadora maioria, este parece-nos, no entanto, um resultado satisfatório. Não verificámos, contudo, que se tivessem produzido grandes alterações na tendência de uso de provérbios já manifestada pelos discentes no início do ano letivo. Apesar disso, damos conta, em todas as turmas, de um alto índice de alunos que refere que as atividades desenvolvidas com provérbios foram interessantes e produtivas. Acreditamos, desta forma, que tal pode constituir o primeiro passo para que os alunos passem a incorporar, num futuro próximo, mais provérbios nos seus enunciados orais e escritos. Nas duas turmas de PLM, a maioria dos alunos manifestou ainda que gostou mais de conhecer provérbios novos do que de reconhecer os que já dominavam, o que indicia, na nossa perspetiva, também uma predisposição para o trabalho com estas expressões.

A maioria dos alunos de todas as turmas reconhece a importância do ensino das parémias na aprendizagem de uma LE, concedendo-lhe uma importância média ou alta.

Uma vez mais, na pergunta em que pedíamos aos alunos que relembrassem o último provérbio estudado e respetivo contexto (tema/texto), os resultados não foram tão satisfatórios como gostaríamos. Assim sendo, a maioria dos alunos opta por não responder à questão, e, os que o fazem, relembram o provérbio mas raramente relembram o contexto. Nas turmas em que se verifica maior índice de sucesso, não se chega a alcançar os 30%.

Por último, tendo em conta que muitos estudantes elencaram, neste terceiro inquérito, provérbios aprendidos ao longo do ano que não tinham mencionado no primeiro inquérito, consideramos ter alcançado, com grande sucesso, o objetivo de contribuir para a divulgação e preservação do texto proverbial.

3.6. Limitações / Dificuldades

A primeira dificuldade, com a qual nos deparámos logo no início do ano letivo, prendeu-se com a escolha do tema. Selecionar um tema passível de ser abordado nas duas áreas disciplinares, tendo cada uma delas as suas especificidades (uma é a LM e a outra é uma LE) com implicações diversas no ato de ensino, foi, num primeiro momento, bastante complexo. Acresce o facto de uma das turmas de ELE ser uma turma de iniciação e de a outra turma ser um nível de continuação, que iniciava agora o quarto ano de aprendizagem desta língua. Conciliar todas estas condicionantes foi, inicialmente, uma tarefa algo árdua.

De igual modo, o desejo de abordar, no nosso relatório de estágio, um tema diferente, de modo a que o trabalho se tornasse ainda mais estimulante, mas que fosse, ao mesmo tempo, exequível no contexto em que teríamos que trabalhar, acarretou algumas dificuldades, sobretudo no que diz respeito à bibliografia disponível. Desta forma, sendo o tema deste relatório de estágio bastante circunscrito, verificámos que existe, até ao momento, pouca bibliografia específica que se dedique exclusivamente à temática da aplicabilidade dos provérbios ao ensino da LM e da LE.

Para além disso, o facto de dispormos, ao longo de todo o ano, de poucas aulas de lecionação e de não nos podermos restringir, nas aulas lecionadas, ao tema do nosso relatório de estágio, impossibilita o trabalho sistemático que é desejável num projeto de investigação-ação deste género. Por outro lado, utilizar as aulas dos orientadores de estágio com este intuito é igualmente complexo, dada a extensão dos programas que têm que ser cumpridos. Este número já reduzido de aulas disponíveis é ainda mais

limitado em cada uma das turmas (três unidades didáticas nas turmas do Ensino Básico e apenas duas unidades didáticas nas turmas do Ensino Secundário), o que impossibilita, como previamente mencionado, um trabalho frequente e impede igualmente que se proceda ao reajuste e até mesmo à reorientação do procedimento metodológico escolhido, caso se verifique que este não está a produzir os efeitos previstos. Deste modo, só à medida que vamos pondo em prática as nossas propostas é que podemos observar se estas funcionam ou não e, num número tão restringido de aulas, as decisões que venham a desenhar-se como inadequadas serão irreversíveis e só poderão ser testadas de novo num futuro projeto.

Acreditamos, contudo, que é de todo o interesse continuar esta investigação, promovendo, agora em turma própria e com o tempo necessário para desenvolver um trabalho mais aprofundado e exaustivo, estas atividades.

Considerações Finais

A realização deste relatório de estágio constituiu um enorme, mas aliciante, desafio. Como, no entanto, «quem corre por gosto não cansa», foi igualmente muito gratificante ver este projeto nascer e ganhar forma, evoluindo um pouco mais a cada passo. Alcançada esta reta final, cabe-nos agora fazer um balanço do trabalho desenvolvido e avaliar se os objetivos enunciados para este projeto foram ou não alcançados.

De forma geral, considera-se que as atividades desenvolvidas foram apelativas, uma vez que propiciaram aos alunos um maior contacto com o texto proverbial, com o qual não estão habituados a trabalhar, e uma vez que constituíram, por esse motivo, uma atividade diferente daquelas que normalmente costumam realizar. De igual modo, pudemos também constatar que se revelaram uma excelente *actividad de cierre*, na medida em que possibilitavam sintetizar as principais ideias da aula ou do texto estudado e na medida em que, sendo atividades diferentes e, consequentemente, motivadoras, permitiam reconquistar a atenção que, por vezes, é difícil de conseguir na parte final de uma aula, sobretudo de uma aula de noventa minutos. Consideramos, assim, que o objetivo principal, de averiguar a produtividade dos provérbios como síntese de conhecimentos, foi totalmente alcançado.

Não podemos, contudo, afirmar o mesmo relativamente à sua produtividade na memorização de conhecimentos a longo prazo, dado que apenas alguns alunos conseguiram explicar corretamente a relação estabelecida entre os provérbios e textos/temas. Olhando agora, retrospetivamente, para o trabalho desenvolvido, pensamos que talvez pudesse ter sido útil, após a análise de cada texto/tema, entregar uma ficha em que os discentes pudessem ter registado, por escrito, as conclusões a que chegavam quanto à ligação entre o provérbio e esse texto/tema. Deste modo, pode ser que tal registo escrito formal pudesse ter auxiliado os alunos a reter melhor as ideias que se pretendiam transmitir, uma vez que a natureza deste trabalho de relacionação é, já de si, algo complexa. Pareceu-nos, no entanto, que, pela novidade, esta atividade constituiria, por si só, uma tarefa suficientemente aliciante para que, apenas através da expressão oral, os alunos se lembrassem das ideias veiculadas. Para além disso, esse registo escrito faria com que a atividade perdesse o carácter mais informal que lhe pretendíamos imprimir e a mesma incorreria no risco de se tornar apenas mais uma atividade igual a tantas outras que os alunos já têm que realizar ao longo do seu dia a dia

escolar. Consideramos, contudo, que esta pode ser uma alternativa a adotar num futuro estudo sobre esta potencialidade do texto proverbial.

Pensamos, para além disso, com base nos resultados obtidos no segundo e terceiro inquéritos, que este tipo de trabalho poderá ser mais produtivo com provérbios relativamente mais usuais e simples, para não se exigir ao aluno o esforço duplo de o aprender e de o captar na relação específica com um determinado texto/tema. Para o poder afirmar com maior segurança seria, no entanto, necessário voltar a desenvolver este estudo apenas com provérbios já conhecidos pelos alunos. Seria necessário abdicar, igualmente, nesse novo estudo, do objetivo de contribuir para a divulgação da paremiologia, uma vez que incluiríamos apenas provérbios que os alunos já dominam.

De igual modo, os resultados obtidos levam-nos também a concluir, comparando o segundo com o terceiro inquérito, que a convocação de ideias é facilitada quando facultamos os provérbios e os títulos dos textos/temas. Tal conclusão será também tida em conta em futuros estudos a realizar.

Por outro lado, é necessário ter também em conta que a maioria destes alunos não denota hábitos ou métodos de estudo consistentes (como já afirmado na caracterização das turmas), oferecendo, habitualmente, alguma resistência às atividades que implicam maior esforço cognitivo. Esta evidência constitui claramente uma desvantagem, pois, como refere Amâncio Pinto, «para bem aprender é preciso que, acima de tudo, os estudantes se comprometam activamente no processo de aprendizagem» (1998: 7).

Reconhecemos, no entanto, que um projeto que apenas conta com dez aulas em cada área disciplinar, não sucessivas, mas intercaladas com as do orientador e com as das outras colegas (cada uma com o seu próprio projeto de investigação-ação) não tem as condições necessárias para se afirmar e colher os frutos desejados. Neste sentido, estamos, uma vez mais, totalmente de acordo com Amâncio Pinto, que considera que «as estratégias de aprendizagem mais robustas requerem mais tempo e esforço para serem aplicadas e usadas» (1998: 10). Deste modo, acreditamos que seria necessário um trabalho mais sistemático e continuado para que se produzissem resultados realmente satisfatórios. O facto de termos verificado, no entanto, que houve alunos, ainda que poucos, que foram capazes de relembrar as ideias veiculadas em torno de todos os provérbios analisados e que, em todas as turmas, metade, ou quase metade, dos alunos conseguiu explicar bem a relação existente entre pelo menos um provérbio e o respetivo texto/tema, é, aliás, em nossa opinião, indício de que este método poderá resultar, se for

treinado com mais tempo e com maior frequência. Assim, os níveis de sucesso alcançados, apesar de baixos, permitem concluir que, mediante um trabalho mais sistemático, se poderão alcançar resultados mais satisfatórios. Tal como defende Amâncio Pinto, consideramos que:

> (...) as estratégias de aprendizagem não se aprendem com a frequência de um curso ou com a assistência a uma conferência ou debate. São actividades a longo prazo, que para serem usadas espontaneamente em diversas situações requerem um longo período de treino e prática. (Pinto, 1998: 11)

De modo geral, todos os objetivos secundários foram alcançados com sucesso. Assim, este projeto contribuiu para uma melhoria da competência linguística dos alunos, na medida em que lhes deu a conhecer uma série de provérbios que poderão incorporar no seu discurso e uma vez que, no decurso dos exercícios levados a cabo, os discentes tiveram que argumentar de forma convincente a sua opção. Na atividade, praticavam ainda a expressão oral, que, quando necessário, era sujeita a correções. Familiarizámos também os alunos com alguns provérbios que desconheciam, contribuindo, desta forma, para preservar e divulgar estas estruturas que conformam a nossa língua e a nossa cultura e para os aproximar da sabedoria popular por elas veiculada. Acreditamos, tal como Mário Vilela que «a nossa língua não é pobre» e que «pobre será a nossa língua se não a descrevermos e estudarmos devidamente» (195: 32 - 33 apud Melo, 2002: 153) e, por isso, parece-nos de extrema importância desenvolver estudos deste género de forma a ir ao encontro das raízes da nossa língua e, indissociavelmente, ao encontro das nossas próprias raízes. Neste sentido, promovemos ainda, nas aulas de ELE, a reflexão em torno das semelhanças e diferenças verificadas entre os provérbios portugueses e espanhóis analisados e instigámos os alunos a pesquisar, junto dos seus familiares, todos os provérbios que estes conheciam e a transmitir-lhes os provérbios espanhóis que lhes íamos ensinando.

Esperamos ter contribuído, de um modo geral, para despertar nos alunos o interesse e a vontade de saber mais sobre os provérbios, bem como para os alertar para o facto de o texto proverbial poder ser, com toda a legitimidade, incorporado nas aulas de LM e para a pertinência e necessidade de os estudar na aprendizagem de uma LE. Na verdade, nenhum dos alunos de ELE conhecia qualquer provérbio em espanhol antes do início do ano letivo. Tal desconhecimento poder-se-á explicar, no 7.º ano de escolaridade, pelo facto de este ser o primeiro ano em que os alunos estão a aprender o

idioma. Na turma de 10.º ano, pelo contrário, sendo este o quarto ano em que os alunos estão a estudar a língua de Cervantes, a falta de conhecimento do texto proverbial só se poderá atribuir à pouca ou nenhuma atenção que manuais e professores de ELE atribuem aos mesmos.

Para além de todos os argumentos já apresentados, o entusiamo e acolhimento demonstrados por parte dos alunos com os quais levámos a cabo esta experiência constitui prova mais do que evidente de que os nossos discentes conhecem e continuam a utilizar, no seu dia a dia, provérbios e que reagem bem ao trabalho com eles desenvolvido. Tal reação favorável a este projeto leva-nos a concluir que vale a pena apostar num trabalho mais fértil com provérbios nas nossas aulas. Por outro lado, tal como já referimos, esta foi apenas uma primeira experiência que poderá (e deverá) ser aperfeiçoada, uma vez que, numa sociedade global, em que temos, cada vez mais, acesso a uma enorme variedade de informação, urge dotar os alunos de estratégias que lhes permitam reter a informação que é realmente necessária.

De todo este projeto de investigação-ação, salientamos, sobretudo, a audácia de dar voz a um discurso que, ainda que utilizemos com grande frequência, insistimos em subvalorizar e, como «água mole em pedra dura tanto dá até que fura» pensamos que este projeto pode constituir um humilde passo dado em direção à sua revalorização.

Bibliografia

BARBADILLO DE LA FUENTE, María Teresa (2006): «Presupuestos didácticos para la enseñanza de los refranes a través de *El Quijote*», in *Paremia*, n.º 15, pp. 141-150. Disponível em http://www.paremia.org/wp-content/uploads/14-Barbadillo.pdf. [Data de consulta: 15/05/2013]

BRAZÃO, José Ruivinho (1998): *Os Provérbios estão vivos em Portugal*, Lisboa: Editorial Notícias.

COELHO, Maria da Conceição (coord.) (2001): *Programa de Português, 10.º, 11.º e 12.º anos, Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos*, Lisboa: Departamento do Ensino Secundário do Ministério da Educação. Disponível em http://www.dgidc.min-edu.pt/ensinosecundario/index.php?s=directorio&pid=2. [Data de consulta: 23/09/2012]

CONSELHO DA EUROPA (2001): *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, Ensino, Avaliação* (Maria do Rosário e Nuno Soares *trad.*), Porto: Asa Editores.

DE LA FUENTE GONZÁLEZ, Miguel Ángel (2004): «Valoración y aprendizaje de los refranes», in *Tabanque*, n.º 18, pp. 169-188. Disponível em http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1138364. [Data de consulta: 29/11/2012]

DEL CAMPO MARTÍNEZ, María Amparo (1999): «Los refranes en la enseñanza de Español como Lengua Extranjera», in *REALE*, n.º 12, pp. 9-29. Disponível em http://dspace.uah.es/dspace/bitstream/handle/10017/7448/refranes_campo_REALE_2001.pdf?sequence=1. [Data de consulta: 12/12/2012]

DELGADO-MARTINS, Maria Raquel; DUARTE, Inês: «Brincar com a linguagem, conhecer a língua, fazer gramática», in SEQUEIRA, Fátima (1993): *Linguagem e Desenvolvimento*, Braga: Instituto da Educação, Universidade do Minho.

DE LIMA, Diógenes Cândido (2011): «O uso de provérbios no ensino de língua estrangeira: uma análise contrastiva», in *Fólio - Revista de Letras*, vol. 3, pp. 237-250. Disponível em http://periodicos.uesb.br/index.php/folio/article/viewFile/623/750. [Data de consulta: 12/11/2012]

DE MIGUEL, Amando (2000): *El espíritu de Sancho Panza*. *El carácter español a través de los refranes*, Madrid: Espasa-Calpe.

DETRY, Florence (2012): «Estrategias de aprendizaje e iconocidad fraseológica: claves cognitivas para el estudio de expresiones idiomáticas en una LE», in *Paremia*, vol. 21, pp. 97-106. Disponível em http://www.paremia.org/wp-content/uploads/09-DETRY.pdf. [Data de consulta: 15/05/2013]

DUARTE, Helena Vaz (2006): *Provérbios segundo José* Saramago, Lisboa: Edições Colibri.

FARIA, Marcela (2012): «Provérbios», in *eLingUp Revista Electrónica de Linguística dos Estudantes da Universidade do Porto*, vol. 2, pp. 86-123. Disponível em http://cl.up.pt/elingup/vol2n1/article/article_8.pdf. [Data de consulta: 15/05/2013]

FERNÁNDEZ PRIETO, María Jesús (2004): «La enseñanza de la fraseología. Evaluación de recursos y propuestas didácticas», in *Actas del XV Congreso Internacional de ASELE*, pp.349-356. Disponível em http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/15/15_0347.pdf. [Data de consulta: 20/04/2013]

FERNÁNDEZ, Sonsoles (2002): *Programa de espanhol, nível de continuação, 10º Ano*, Lisboa: Departamento do Ensino Secundário do Ministério da Educação. Disponível em http://www.dgidc.min-edu.pt/ensinosecundario/index.php?s=directorio&pid=2. [Data de consulta: 23/09/2012]

FIGUEIREDO, Olívia (2004): *Didáctica do Português Língua Materna Dos programas de ensino às teorias, das teorias às práticas*, Porto: Edições Asa.

FRANCO, António Capataz (1999): «Memória e aprendizagem de (segundas) línguas», in *Actas do 4º Encontro Nacional do Ensino das Línguas Vivas no Ensino Superior em Portugal*, pp.317-322. Disponível em http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6098.pdf. [Data de consulta: 12/01/ 2013]

FUNK, Gabriela: «Os provérbios: um génio marginal(izado)?!», in MORUJÃO, Isabel; SANTOS, Zulmira (coord.) (2011): *Literatura culta e popular em Portugal e no Brasil: homenagem a Arnaldo Saraiva*, Porto: Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória.

GARCÍA MURUAIS, María Teresa (1997): «Propuestas para la enseñanza de unidades fraseológicas en la clase de E/LE», in *Actas del VIII Congreso Internacional de ASELE*, pp.363-369. Disponível em

http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/08/08_0361.pdf. [Data de consulta: 26/01/2013]

LACERDA, Roberto Cortes de; LACERDA, Helena da Rosa Cortes de; ABREU, Estela dos Santos (2000): *Dicionário de Provérbios*, Lisboa: Contexto,

LÉVY, Pierre (1990): *As Tecnologias de Inteligência: o futuro do pensamento na era informática*, Lisboa: Instituto Piaget.

LOPES, Ana Cristina Macário (1992): *Texto Proverbial Português: elementos para uma análise semântica e pragmática* (tese de mestrado), Coimbra: Universidade de Coimbra. Disponível em https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/719/2/Texto%20Proverbial%20Portugu%C3%AAs.pdf. [Data de consulta: 12/12/2012]

MELO, Leonor Jesus Marcos (2002): *Os textos tradicionais na aula de português: os provérbios*, Coimbra: Almedina.

MIMOSO, Anabela (2008): «Provérbios: uma fonte para a História da Educação», in *Revista Lusófona de Educação*, vol. 12, pp.155-163. Disponível em http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rle/n12/n12a10.pdf. [Data de consulta: 07/11/2012]

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Departamento da Educação Básica (1997): *Programa de Língua Estrangeira – Espanhol – 3.º Ciclo*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda. Disponível em http://www.dgidc.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=143&ppid=3. [Data de consulta: 23/09/2012]

NÓBREGA, Marlene Assunção (2008): *Quando os provérbios dão a manchete: a oralidade no texto escrito jornalístico – o caso Jornal da Tarde* (tese de doutoramento), São Paulo: Universidade de São Paulo. Disponível em http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-28082009-144134/pt-br.php. [Data de consulta: 15/05/2013]

OLAETA RUBIO, Roberto (1997): «Las paremias, un recurso didáctico para la enseñanza de la lengua española», in *Paremia*, n.º 6, pp. 451-458. Disponível em http://www.paremia.org/wp-content/uploads/P6-70.pdf. [Data de consulta: 20/06/2013]

PARENTE, Salvador (2005): *O livro dos Provérbios*, Lisboa: Âncora Editora.

PEÑATE RIVERO, Julio (1995): «El refrán en la enseñanza del español lengua extranjera: Dime tus refranes y te diré quién eres», in *Actas del VI Congreso Internacional ASELE*, pp.289-295. Disponível em http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/06/06_0288.pdf. [Data de consulta: 12/12/2012]

PERAFITA, Alexandre; FERNANDES, Isaura (2007): *Os provérbios e a cultura popular*, Serzedo VNG: Gailivro.

PINTO, Amâncio da Costa (1998): «Aprender a aprender o quê? Conteúdos e estratégias», in *Psicologia, Educação e Cultura, vol. 2*. Disponível em http://www.fpce.up.pt/docentes/acpinto/artigos/09_aprender_a_aprender.pdf. [Data de consulta: 04/02/2013]

REIS, Carlos (coord.) (2009): *Programa de Português do Ensino Básico*, Lisboa: Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular. Disponível em http://www.dgidc.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=47&ppid=3. [Data de consulta: 23/09/2012]

ROCHA, Regina (1995): *A enunciação dos Provérbios*, São Paulo: Annablume Editora.

SALKJELSVIK, Kari Soriano; MARTÍNEZ, Juan Antonio (2007): «Cápsulas culturales: el uso de refranes en la clase de E/LE (nivel A2)», in *redELE*, n.º 11. Disponível em http://www.mecd.gob.es/dctm/redele/Material-RedEle/Revista/2007_11/2007_redELE_11_10Soriano.pdf?documentId=0901e72b80df3343. [Data de consulta: 12/12/2012]

SARAIVA, Arnaldo (2001): «De Espanha nem bom vento...», in *Estudos em homenagem a João Francisco Marques*, vol. II, pp. 381-386. Disponível em http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/7960/2/2882.pdf. [Data de consulta 08/05/2013]

SARAMAGO, José (2012, 16ª ed.): *A Jangada de Pedra*, Alfragide: Caminho.

SARDELLI, Mª Antonella (2010): «Los refranes en la clase de español lengua extranjera», in *Didáctica (Lengua y Literatura)*, vol. 22, pp. 325-350. Disponível em http://revistas.ucm.es/index.php/DIDA/article/view/DIDA1010110325A. [Data de consulta: 12/12/2012]

SERENO, Maria Helena Sampaio (2002): «Provérbios e ironia na narrativa de José Saramago», in *Actas do encontro comemorativo dos 25 anos do centro de*

Linguística da Universidade do Porto, vol. 2, pp. 83-97. Disponível em http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7175.pdf. [Data de consulta: 10 /07/2013]

SEVILLA MUÑOZ, Julia; BARBADILLO DE LA FUENTE, María Teresa (2004): «Valor didáctico del refrán», in *Paremia*, n.º 13, pp. 195-204. Disponível em http://www.paremia.org/wp-content/uploads/P13-22.pdf. [Data de consulta: 08/05/2013]

SILVA, Simone Maria (2009): *O uso de técnicas mnemónicas como auxiliares no ensino-aprendizagem da língua inglesa*, Governador Valadares: Universidade Vale do Rio Doce. Disponível em http://www.webartigos.com/artigos/o-uso-de-tecnicas-mnemonicas-como-auxiliares-no-ensino-aprendizagem-da-lingua-inglesa/86112/. [Data de consulta: 18/06/2013]

TOLEDO BOTARO, María Isabel (1999): «El refranero español: un reto para los alumnos de ELE», in *Actas del X Congreso Internacional ASELE*, pp. 713-720. Disponível em http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/10/10_0709.pdf. [Data de consulta: 04/03/2013]

VÁZQUEZ FERNÁNDEZ, Ruth; BUESO FERNÁNDEZ, Isabel (1998): «¿Cómo, cuándo y dónde enseñar las "Expresiones Fijas"? Práctica en el aula», in *Actas del IX Congreso Internacional ASELE*, pp. 363-369. Disponível em http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/09/09_0730.pdf. [Data de consulta: 20/04/2013]

VELLASCO, Ana Maria de Moraes Sarmento (2000): «Padrões do uso de provérbios na sociedade brasileira», in *Cadernos de Linguagem e* Sociedade, vol. 4, pp. 122-160. Disponível em http://seer.bce.unb.br/index.php/les/article/view/1295/949. [Data de consulta: 02/07/2013]

VILELA, Mário (2004): *Metáforas do nosso tempo*, Coimbra: Almedina.

VRANIC, Gordana (2004): *Hablar por los codos: frases para un español cotidiano*, Madrid: Edelsa Grupo Didascalia.

Índice de Anexos

Anexo 1: Quadro síntese dos objetivos do projeto de investigação-ação…… 96
Anexo 2: Inquérito de diagnose……..... 97
Anexo 3: Tabelas e gráficos dos resultados do inquérito de diagnose na turma do 8.º1 (Português)……..... 99
Anexo 4: Tabelas e gráficos dos resultados do inquérito de diagnose na turma do 10.º2 (Português)……..... 109
Anexo 5: Tabelas e gráficos dos resultados do inquérito de diagnose na turma do 7.º1/2 (Espanhol)……..... 120
Anexo 6: Tabelas e gráficos dos resultados do inquérito de diagnose na turma do 10.º7 (Espanhol)……..... 130
Anexo 7: Exemplos de respostas dos alunos ao inquérito de diagnose……... 140
Anexo 8: Materiais usados nas propostas didáticas aplicadas nas turmas de Português……..... 142
Anexo 9: Materiais usados nas propostas didáticas aplicadas nas turmas de Espanhol…… 147
Anexo 10: Quadro síntese dos provérbios estudados e respetivas turmas……... 151
Anexo 11: Segundo inquérito aplicado na turma do 8.º1 (Português)..... 152
Anexo 12: Tabelas e gráficos dos resultados do segundo inquérito aplicado na turma do 8.º1..... 153
Anexo 13: Segundo inquérito aplicado na turma do 10.º2 (Português)..... 157
Anexo 14: Tabelas e gráficos dos resultados do segundo inquérito aplicado na turma do 10.º2..... 158
Anexo 15: Segundo inquérito aplicado na turma do 7.º1/2 (Espanhol)……... 162
Anexo 16: Tabelas e gráficos dos resultados do segundo inquérito aplicado na turma do 7.º1/2..... 163
Anexo 17: Segundo inquérito aplicado na turma do 10.º7 (Espanhol)…… 166
Anexo 18: Tabelas e gráficos dos resultados do segundo inquérito aplicado na turma do 10.º7 (Espanhol)……... 167
Anexo 19: Exemplos de respostas dos alunos ao segundo inquérito……... 170
Anexo 20: Terceiro inquérito……... 172
Anexo 21: Tabelas e gráficos dos resultados do terceiro inquérito na turma do 8.º1 (Português)…… 174
Anexo 22: Tabelas e gráficos dos resultados do terceiro inquérito na turma do 10.º2 (Português)…… 180
Anexo 23: Tabelas e gráficos dos resultados do terceiro inquérito na turma do 7.º1/2 (Espanhol)……. 186
Anexo 24: Tabelas e gráficos dos resultados do terceiro inquérito na turma do 10.º7 (Espanhol)…… 191

Anexo 1: Quadro síntese dos objetivos do projeto de investigação-ação

Objetivo Principal
▪ Averiguar a produtividade dos provérbios na síntese e memorização de conhecimentos.
Objetivos Secundários
▪ Melhorar a competência linguística dos alunos, incorporando os provérbios no seu discurso. ▪ Familiarizar os alunos com alguns provérbios (dada a perda de competência paremiológica ativa). ▪ Aproximar os alunos do folclore e da sabedoria popular (portuguesa e espanhola), dado que os provérbios fazem parte da nossa identidade cultural. ▪ Contribuir para a preservação e transmissão de uma parte importante da cultura portuguesa e da cultura espanhola. ▪ No caso da disciplina de ELE, procurar pontos de contacto entre a cultura portuguesa e a cultura espanhola e aproximar as duas (procurando o substrato cultural comum mas também comprovando possíveis diferenças culturais). ▪ Reativar laços familiares e fomentar a união geracional.

Anexo 2: Inquérito de diagnose

1º INQUÉRITO

DADOS PESSOAIS

Sexo: □ M □ F

Idade: _____

Ano de escolaridade: _____

Composição do agregado familiar: _____

(Nota: é muito importante que especifiques todas as pessoas que constituem o teu agregado familiar)

1. **Sabes o que é um provérbio? Define-o.**

2. **Completa:**

Quem conta um conto ...

Quem foi ao ar...

3. **Usas provérbios quando falas?**

4. **E quando escreves?**

5. **Em que contexto é que os usas (na escola, em casa, com os amigos, com familiares)?**

6. **Se não os utilizas, diz a razão.**

7. **Conheces alguém que os utilize? Quem?**

8. **Quem te ensinou os provérbios que conheces?**

9. **Achas que os provérbios são úteis? Justifica.**

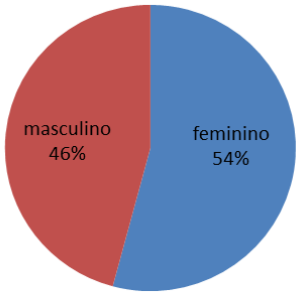
10. **Como reages quando não entendes o significado de um provérbio?**

11. **Diz cinco provérbios de que te lembres** (anota aqueles de que te lembras, nem que seja apenas um).

Anexo 3: Tabelas e gráficos dos resultados do inquérito de diagnose na turma do 8.º1 (Português)[42]

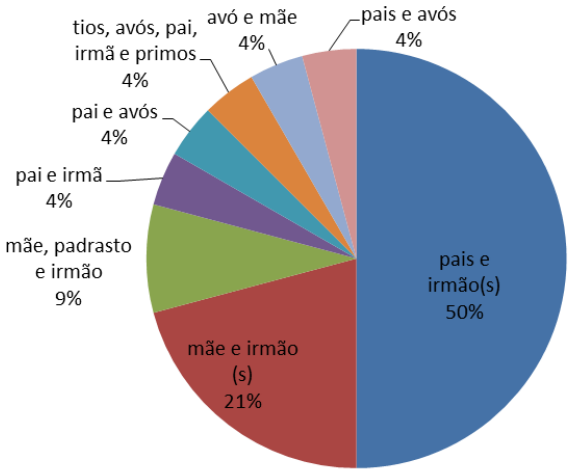
Dados pessoais – sexo

Sexo	N.º de alunos	Percentagem
Feminino	13	54%
Masculino	11	46%



Dados pessoais – agregado familiar

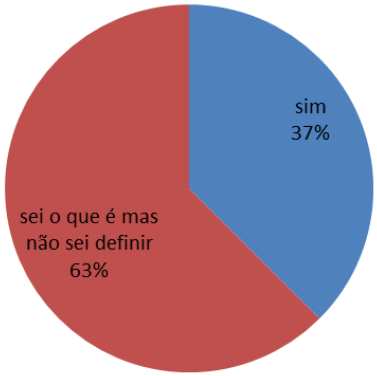
Agregado familiar	N.º de alunos	Percentagem
Pais e irmão(s)	12	50%
Mãe e irmão(s)	5	21%
Mãe, padrasto e irmão	2	9%
Pai e irmã	1	4%
Pai e avós	1	4%
Tios, avós, pai, irmã e primos	1	4%
Avó e mãe	1	4%
Pais e avós	1	4%



[42] Por já ter sido mencionado no capítulo relativo à apresentação das turmas, não tratamos aqui os resultados relativos à recolha da idade dos alunos.

Pergunta 1: Sabes o que é um provérbio? Define-o.

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Sim mas não sei definir	15	63%
Sim	9	37%



Definições apresentadas:

- «Acho que são aqueles ditados populares. Exemplo: "Quem tudo quer, tudo perde".»
- «É uma frase onde se fala da realidade em sentido figurado.»
- «Os provérbios são frases que podem transmitir o que nós queremos dizer.»
- «Um provérbio é uma pequena frase que por certas palavras e/ou rimas exprime uma ideia.»
- «Um provérbio é uma frase muito conhecida por toda a gente de uma região.»
- «É por exemplo "Entre marido e mulher não se mete a colher".»
- «Um provérbio é algo que se diz entre as pessoas e que sempre tem um significado.»
- «É uma frase que tem uma espécie de moral.»
- «É uma frase que explica as situações de vida.»
- «Um provérbio é uma expressão utilizada desde há muitos anos, que exprime algumas coisas por outras palavras.»

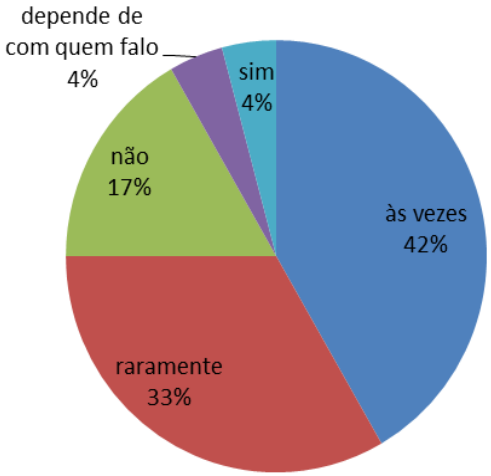
Pergunta 2: Completa. «Quem conta um conto...» e «Quem foi ao ar...»

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Completa os dois provérbios	16	67%
Completa apenas um provérbio	8	33%



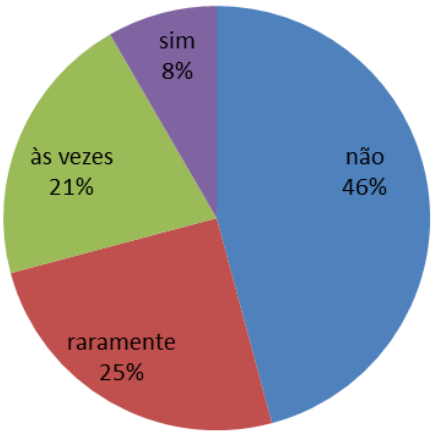
Pergunta 3: Usas provérbios quando falas?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Às vezes	10	42%
Raramente	8	33%
Não	4	17%
Depende de com quem falo	1	4%
Sim	1	4%



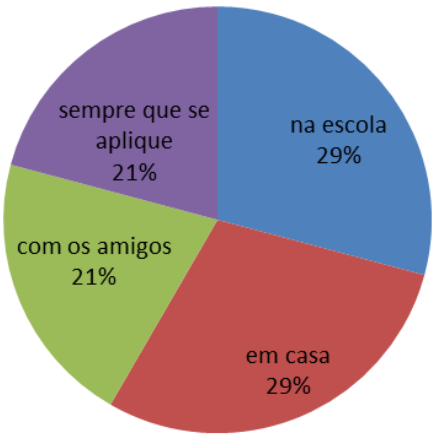
Pergunta 4: E quando escreves?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Não	11	46%
Raramente	6	25%
Às vezes	5	21%
Sim	2	8%



Pergunta 5: Em que contexto é que os usas?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Na escola	7	29%
Em casa	7	29%
Com os amigos	5	21%
Sempre que se aplique	5	21%



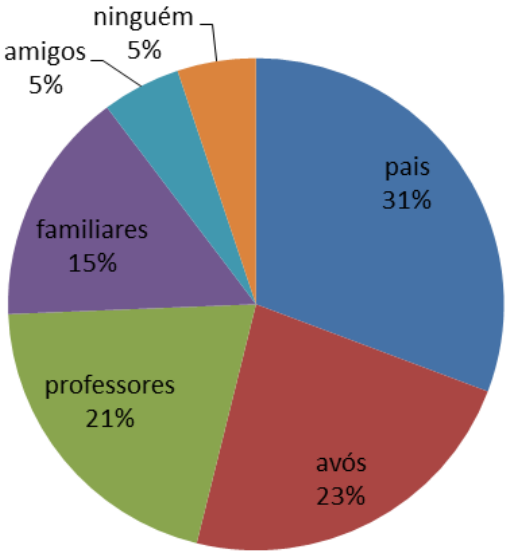
Pergunta 6: Se não os utilizas, diz a razão.

Razões apresentadas:

- «Não gosto.»
- «Não é preciso.»
- «Não é conveniente.»
- «Não é usual.»
- «Não sei muitos.»
- «Não é o meu estilo.»
- «Não sei por que razão não uso.»

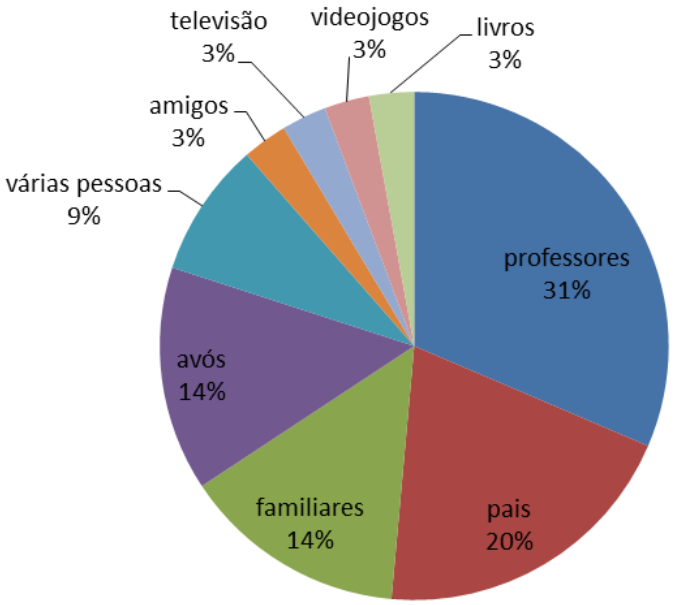
Pergunta 7: Conheces alguém que os utilize? Quem?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Pais	12	31%
Avós	9	23%
Professores	8	21%
Familiares	6	15%
Amigos	2	5%
Ninguém	2	5%



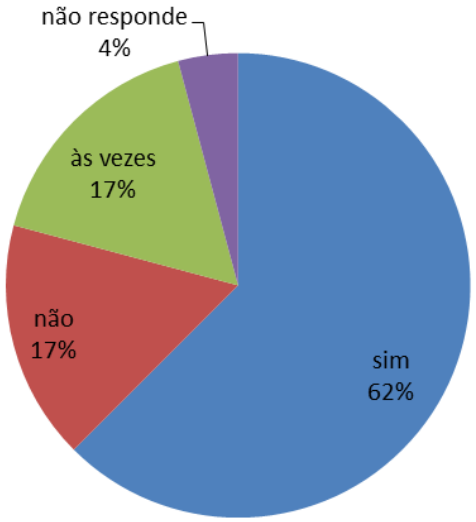
Pergunta 8: Quem te ensinou os provérbios que conheces?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Professores	11	31%
Pais	7	20%
Familiares	5	14%
Avós	5	14%
Várias pessoas	3	9%
Amigos	1	3%
Televisão	1	3%
Videojogos	1	3%
Livros	1	3%



Pergunta 9: Achas que os provérbios são úteis?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Sim	15	62%
Não	4	17%
Às vezes	4	17%
Não responde	1	4%

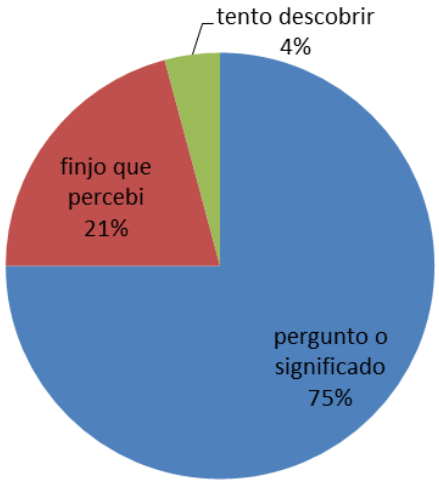


Razões apontadas para a utilidade dos provérbios:

- «São um ensinamento/uma lição de vida.»
- «São práticos.»
- «Tornam as conversas mais divertidas.»
- «Permitem dar exemplos.»
- «Fazem refletir.»
- «Tornam mais simples exprimir o que queremos.»
- «Permitem explicar uma situação.»

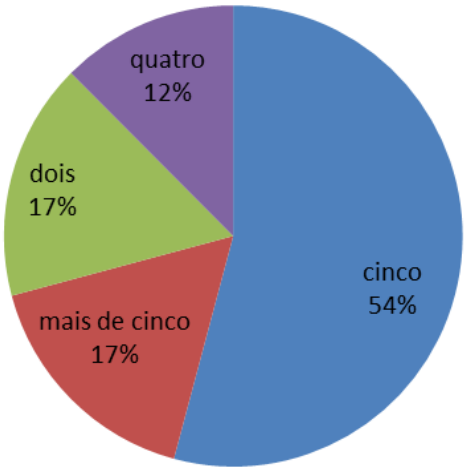
Pergunta 10: Como reages quando não entendes o significado de um provérbio?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Pergunto o significado	18	75%
Finjo que percebi	5	21%
Tento descobrir	1	4%



Pergunta 11: Diz cinco provérbios de que te lembres (anota aqueles de que te lembras, nem que seja apenas um)**.**

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Cinco provérbios	13	54%
Mais de cinco provérbios	4	17%
Dois provérbios	4	17%
Quatro provérbios	3	12%



Lista de provérbios registados pelos alunos do 8.º1 no inquérito de diagnose

Provérbios[43]	**N.º de vezes mencionado**
Água mole em pedra dura tanto dá/bate até que fura.	16
Grão a grão enche a galinha o papo.	13
Quem semeia ventos colhe tempestades.	11
A cavalo dado não se olha o dente.	8
Gato escaldado de água fria tem medo.	7
Quem tudo quer tudo perde.	7
Entre marido e mulher não se mete a colher.	7
Quem foi ao ar/mar perdeu o lugar.	6
Em abril, águas mil.	6
De Espanha nem bom vento nem bom casamento.	6
Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti.	3
Quem vai à guerra dá e leva.	3
Deitar cedo e cedo erguer dá saúde e faz crescer.	2
Todos os caminhos vão dar a Roma.	2
Mais vale só do que mal acompanhado.	2
Quem espera sempre alcança.	2
Mata um porco e vês o teu corpo.	2
O tempo corre, não anda, ele é quem manda.	2
Devagar se vai ao longe.	1
De pequenino se torce o pepino.	1
Quem conta um conto, acrescenta um ponto.	1
Diz-me com quem andas e dir-te-ei quem és.	1
Cão que ladra não morde.	1
Quem te avisa teu amigo é.	1
A mentira tem perna curta.	1
Em casa de ferreiro espeto de pau.	1

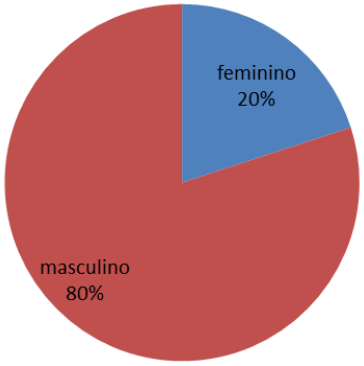
[43] Optámos por indicar todas as expressões referidas pelos alunos, independentemente de estas serem ou não, de facto, provérbios.

Quem espera desespera.	1
Casamento molhado, casamento abençoado.	1
A galinha da vizinha é sempre melhor do que a minha.	1
Pau que nasce torto, tarde ou nunca se endireita.	1
Em casa de duque não se passa fome.	1
De noite todos os gatos são pardos.	1
Zangam-se as comadres, sabem-se as verdades.	1
Número total de provérbios elencados: 33	

Anexo 4: Tabelas e gráficos dos resultados do inquérito de diagnose na turma do 10.º2 (Português)

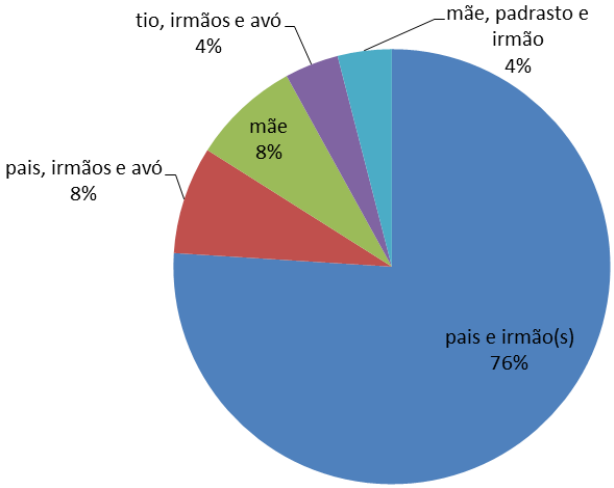
Dados pessoais – sexo

Sexo	N.º de alunos	Percentagem
Masculino	20	80%
Feminino	5	20%



Dados pessoais – agregado familiar

Agregado familiar	N.º de alunos	Percentagem
Pais e irmão(s)	19	76%
Mãe	2	8%
Pais, irmão(s) e avó	2	8%
Tio, irmãos e avó	1	4%
Mãe, padrasto e irmão	1	4%



Pergunta 1: Sabes o que é um provérbio? Define-o.

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Sim	16	64%
Não	5	20%
Sim mas não sei definir	4	16%



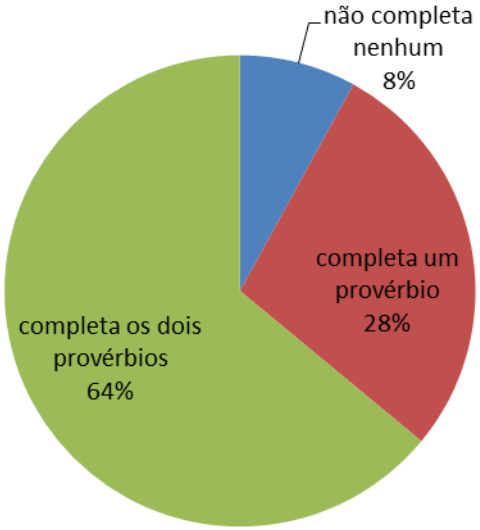
Definições apresentadas:

- «É uma frase em específico, usada para transmitir algo. Antigamente eram mais usados do que agora, contudo ainda hoje se ouvem vários provérbios.»
- «É uma frase com um certo significado, para uma situação que acontece várias vezes e então as pessoas fazem estes provérbios.»
- «Uma frase moral que traduz um acontecimento que acontece repetidamente.»
- «É uma frase, geralmente, que deseja aconselhar alguém, e que já aconteceu várias vezes.»
- «São frases que revelam situações do quotidiano.»
- «É uma frase em que se utilizam expressões do dia a dia com o objetivo de dar uma lição de moral.»
- «É uma frase que se adapta a casos reais e que passam de geração em geração.»
- «É uma expressão popular que serve para especificar e explicar algo que nos pode acontecer.»
- «É uma frase moral que se diz em certos casos. Põe alguém a pensar. É uma frase indireta.»

- «É uma frase que resume algum acontecimento que está sempre a acontecer.»
- «É uma frase popular que normalmente rima e que tem uma moral.»
- «É uma frase que expressa algo que acontece muitas vezes, no dia a dia.»
- «É uma frase popular que possui um certo sentido.»
- «Uma frase popular dita por outros, que tem um certo sentido.»
- «É uma frase moral (com base no saber milenar da população) e que é adaptada a uma situação que ocorre com alguma frequência.»
- «Uma frase adaptada a um acontecimento comum.»

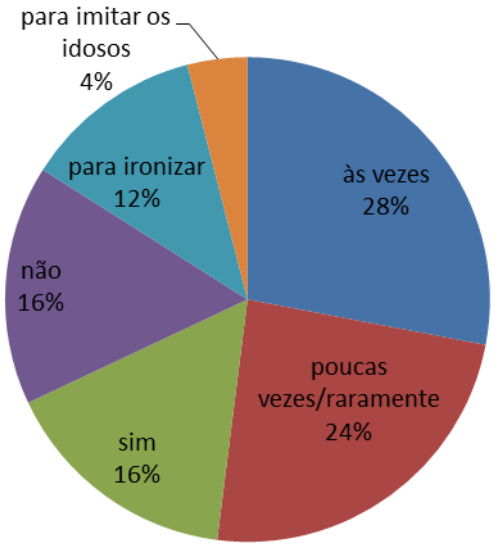
Pergunta 2: Completa. «Quem conta um conto...» e «Quem foi ao ar...»

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Completa os dois provérbios	16	64%
Completa um provérbio	7	28%
Não completa nenhum provérbio	2	8%



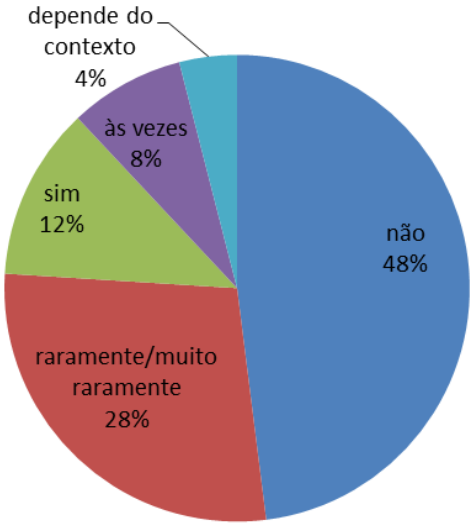
Pergunta 3: Usas provérbios quando falas?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Às vezes	7	28%
Poucas vezes/raramente	6	24%
Sim	4	16%
Não	4	16%
Para ironizar	3	12%
Para imitar os idosos	1	4%



Pergunta 4: E quando escreves?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Não	12	48%
Raramente/muito raramente	7	28%
Sim	3	12%
Às vezes	2	8%
Depende do contexto	1	4%



Pergunta 5: Em que contexto é que os usas?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Com os amigos	13	44%
Com a família	10	33%
Na escola	7	23%



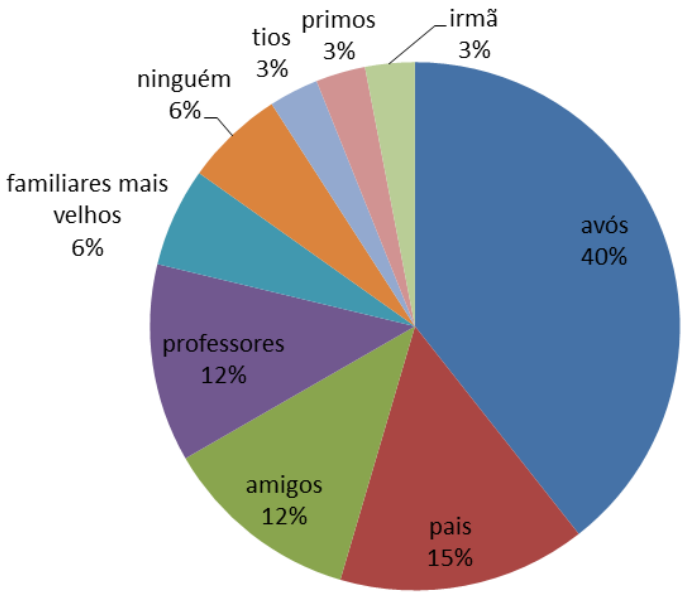
Pergunta 6: Se não os utilizas, diz a razão.

Razões apresentadas:

- «Não se adequa às conversas.»
- «Não sinto necessidade.»
- «Estão a cair em desuso.»
- «Porque não sei muitos.»
- «Só as pessoas idosas é que os utilizam.»
- «Porque não os sei de cor.»

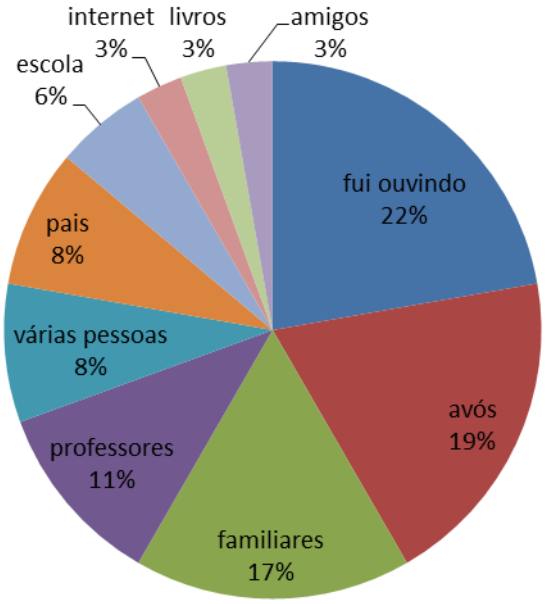
Pergunta 7: Conheces alguém que os utilize? Quem?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Avós	13	40%
Pais	5	15%
Amigos	4	12%
Professores	4	12%
Familiares mais velhos	2	6%
Ninguém	2	6%
Tios	1	3%
Primos	1	3%
Irmã	1	3%



Pergunta 8: Quem te ensinou os provérbios que conheces?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Fui ouvindo	8	22%
Avós	7	19%
Familiares	6	17%
Professores	4	11%
Várias pessoas	3	8%
Pais	3	8%
Escola	2	6%
Internet	1	3%
Livros	1	3%
Amigos	1	3%



Pergunta 9: Achas que os provérbios são úteis?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Sim	13	52%
Às vezes	6	24%
Não responde	3	12%
Não	2	8%
Depende do contexto	1	4%



Razões apontadas para a utilidade dos provérbios:

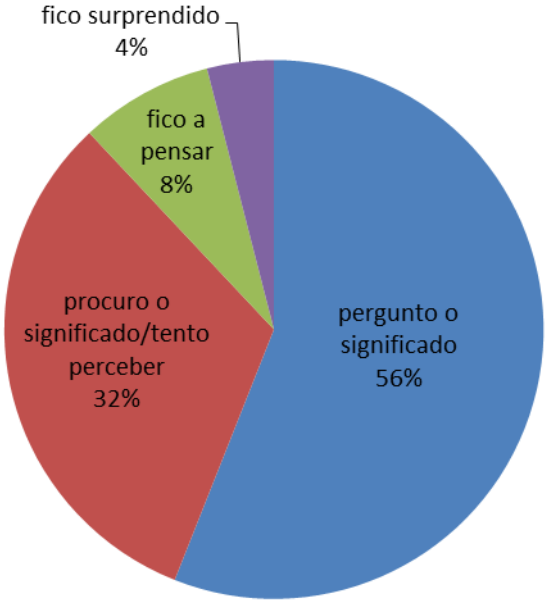
- «São parte do nosso país/da nossa cultura.»
- «Para passar mensagens de forma indireta.»
- «Por diversão.»
- «Ajudam-nos a expressar-nos melhor.»
- «Para dar uma lição de moral.»
- «Prático.»
- «Forma de transmitir algo de forma diferente.»

Razões apontadas para a não utilidade dos provérbios:

- «São pouco adequados.»
- «São pouco práticos.»

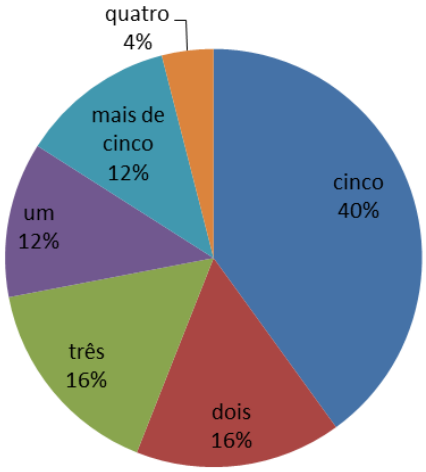
Pergunta 10: Como reages quando não entendes o significado de um provérbio?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Pergunto o significado	14	56%
Procuro o significado/tento perceber	8	32%
Fico a pensar	2	8%
Fico surprendido	1	4%



Pergunta 11: Diz cinco provérbios de que te lembres (anota aqueles de que te lembras, nem que seja apenas um)**.**

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Cinco provérbios	10	40%
Dois provérbios	4	16%
Três provérbios	4	16%
Um provérbio	3	12%
Mais de cinco provérbios	3	12%
Quatro provérbios	1	4%



Lista de provérbios registados pelos alunos do 10.º2 no inquérito de diagnose

Provérbios[44]	N.º de vezes mencionado
Água mole em pedra dura tanto dá/bate até que fura.	10
Quem foi ao ar/mar perdeu o lugar.	10
Cada cabeça sua sentença.	10
Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.	7
Grão a grão enche a galinha o papo.	5
Gato escaldado de água fria tem medo.	4
Quem tudo quer tudo perde.	4
Em terra de cegos quem tem olho é rei.	4
Mais depressa se apanha um mentiroso do que um coxo.	3

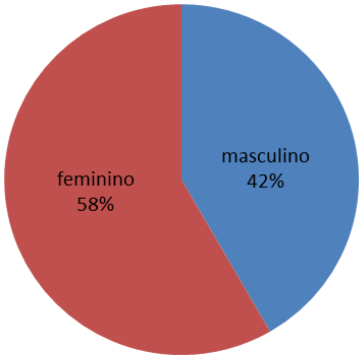
[44] Optámos por indicar todas as expressões referidas pelos alunos, independentemente de estas serem ou não, de facto, provérbios.

De pequenino é que se torce o pepino.	2
A curiosidade matou o gato.	2
Quem espera desespera.	2
Quem vê caras não vê corações.	2
Quem tem medo compra um cão.	2
Devagar se vai ao longe.	1
Quem conta um conto, acrescenta um ponto.	1
Deitar cedo e cedo erguer dá saúde e faz crescer.	1
Muito riso pouco siso.	1
Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti.	1
Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão.	1
Quem canta seus males espanta.	1
Não te rias do vizinho que o teu mal vem a caminho.	1
Quem espera sempre alcança.	1
A galinha da vizinha é sempre melhor do que a minha.	1
Se queres fama não fiques na cama.	1
A pensar morreu um burro.	1
A laranja de manhã é ouro, à tarde é prata e à noite mata.	1
Mais vale prevenir do que remediar.	1
À terceira é de vez.	1
Não há duas sem três.	1
Depressa e bem há pouco quem.	1
Tanto é ladrão quem rouba como quem fica à porta.	1
Quanto mais alto sobes maior é a queda.	1
Dos fracos não reza a história.	1
Antes cair em graça do que ser engraçado.	1
Quem muito escolhe pouco acerta.	1
O azar de uns é a sorte de outros.	1
Mais vale tarde do que nunca.	1
À primeira toda a gente cai, à segunda só cai quem quer.	1
Mais depressa nos afogamos num copo de vinho do que num oceano inteiro.	1
Número total de provérbios elencados: 40	

Anexo 5: Tabelas e gráficos dos resultados do inquérito de diagnose na turma do 7.º1/2 (Espanhol)

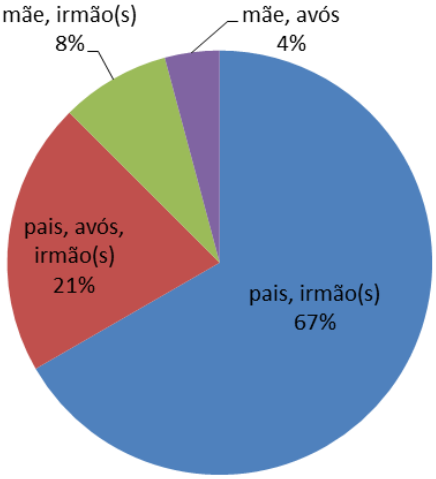
Dados pessoais – sexo

Sexo	N.º de alunos	Percentagem
Feminino	14	58%
Masculino	10	42%



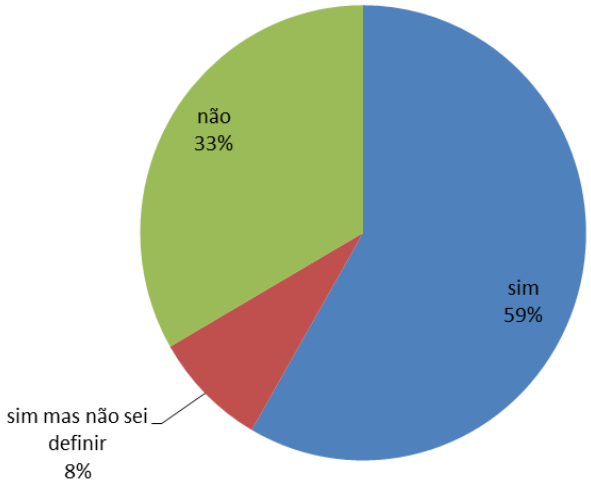
Dados pessoais – agregado familiar

Agregado familiar	N.º de alunos	Percentagem
Pais e irmão(s)	16	67%
Pais, avós e irmão(s)	5	21%
Mãe e irmão(s)	2	8%
Mãe e avós	1	4%



Pergunta 1: Sabes o que é um provérbio? Define-o.

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Sim	14	59%
Não	8	33%
Sim mas não sei definir	2	8%



Definições apresentadas:

- «É uma frase que pretende explicar uma moral a alguém.»
- «É uma frase que transmite uma mensagem ou uma moral.»
- «É uma frase que transmite uma mensagem de moral de uma forma que todos entendem.»
- «É uma expressão que se utiliza no dia a dia.»
- «É uma frase que se usava muito antigamente.»
- «É uma frase que quer dizer alguma coisa, mas indiretamente.»
- «São expressões utilizadas para servir de lição de moral.»
- «São expressões utilizadas para dar uma espécie de lição de moral.»
- «São pequenas frases que nos dão uma "lição de moral" ou que nos querem dizer alguma coisa.»
- «São expressões utilizadas que dão uma lição de moral.»
- «São expressões que podem ser engraçadas e transmitem uma mensagem.»
- «Uma frase com segundo sentido.»

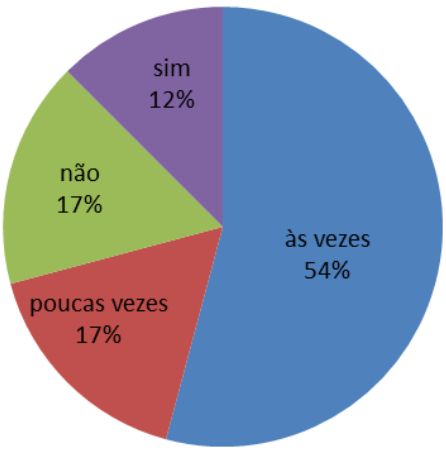
Pergunta 2: Completa. «Quem conta um conto...» e «Quem foi ao ar...»

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Completa os dois provérbios	19	79%
Completa um provérbio	5	21%



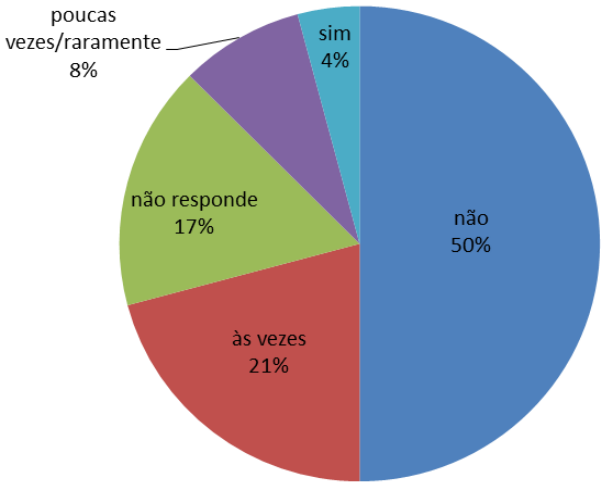
Pergunta 3: Usas provérbios quando falas?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Às vezes	13	54%
Poucas vezes	4	17%
Não	4	17%
Sim	3	12%



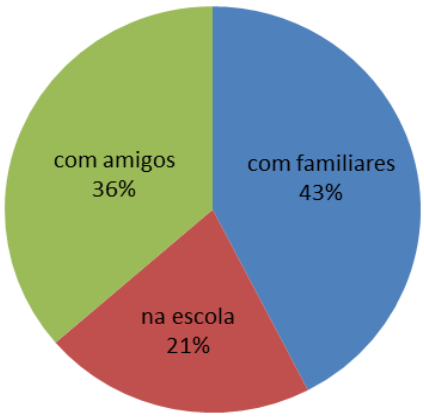
Pergunta 4: E quando escreves?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Não	12	50%
Às vezes	5	21%
Não responde	4	17%
Poucas vezes/raramente	2	8%
Sim	1	4%



Pergunta 5: Em que contexto é que os usas?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Com familiares	14	43%
Com amigos	12	36%
Na escola	7	21%



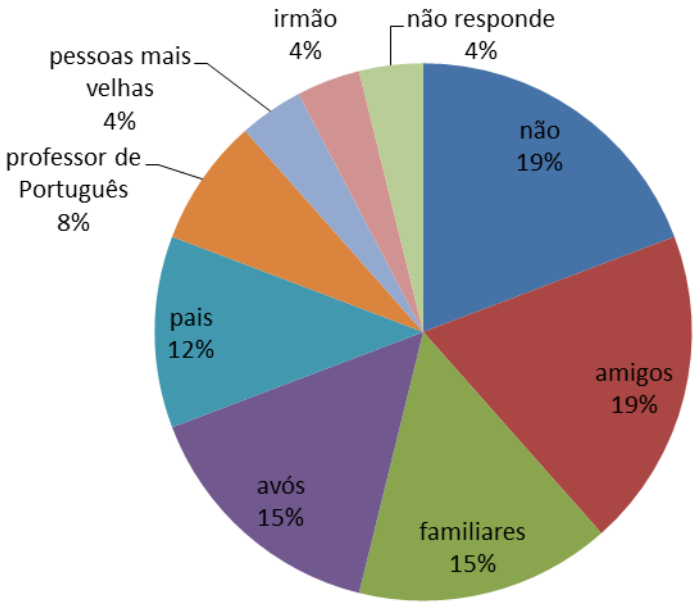
Pergunta 6: Se não os utilizas, diz a razão.

Razões apresentadas:

- «Porque não sei muitos.»
- «Porque não me lembro deles.»
- «Nem sempre é oportuno.»
- «Não sinto necessidade.»

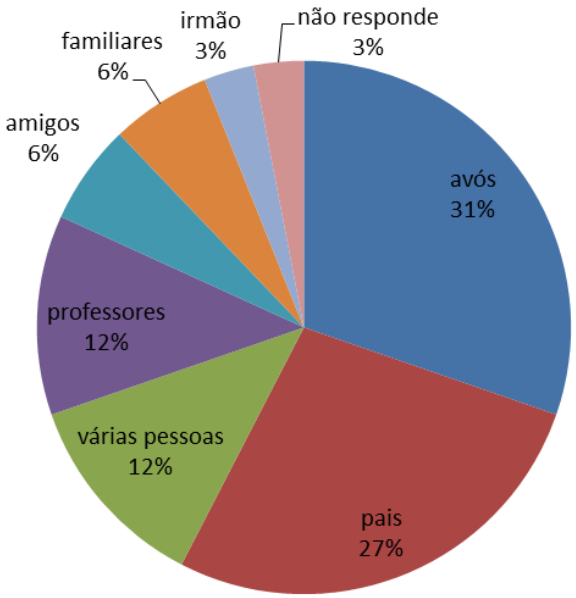
Pergunta 7: Conheces alguém que os utilize? Quem?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Não	5	19%
Amigos	5	19%
Familiares	4	15%
Avós	4	15%
Pais	3	12%
Professor de Português	2	8%
Pessoas mais velhas	1	4%
Irmão	1	4%
Não responde	1	4%



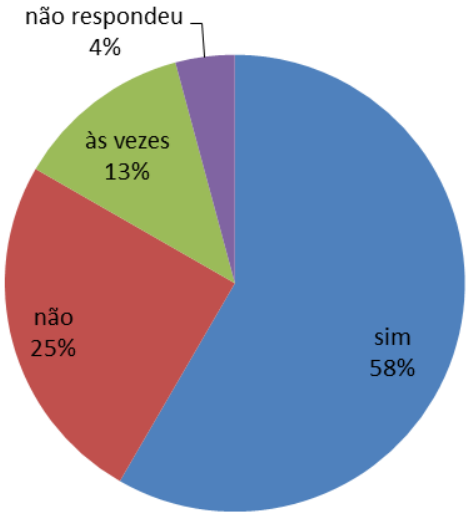
Pergunta 8: Quem te ensinou os provérbios que conheces?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Avós	10	31%
Pais	9	27%
Várias pessoas	4	12%
Professores	4	12%
Amigos	2	6%
Familiares	2	6%
Irmão	1	3%
Não responde	1	3%



Pergunta 9: Achas que os provérbios são úteis?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Sim	14	58%
Não	6	25%
Às vezes	3	13%
Não responde	1	4%



Razões apontadas para a utilidade dos provérbios:

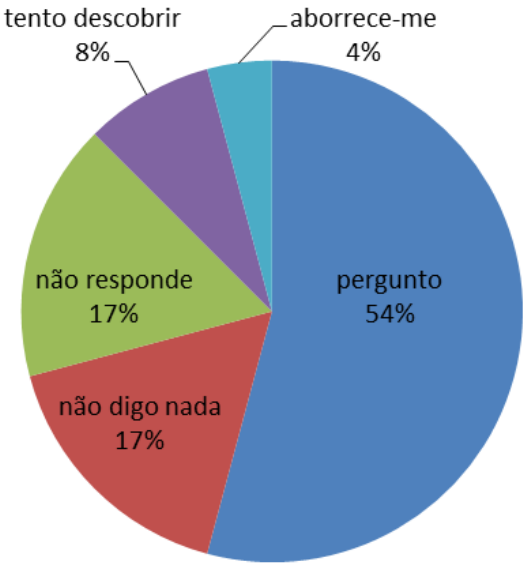
- «Quando estamos num problema e não sabemos como tratá-lo.»
- «Para dar uma lição de moral.»
- «Para explicar algo.»
- «São engraçados.»
- «Quando não nos lembramos de uma razão válida para qualquer coisa podemos usar os provérbios que se adequam à situação.»
- «Transmitem uma mensagem.»
- «São uma forma de fazermos entender uma situação.»
- «Ajuda a falar com a pessoa.»

Razões apontadas para a não utilidade dos provérbios:

- «Podemos usar outras palavras.»
- «Não são precisos.»
- «Consigo-me explicar bem sem recorrer a provérbios.»

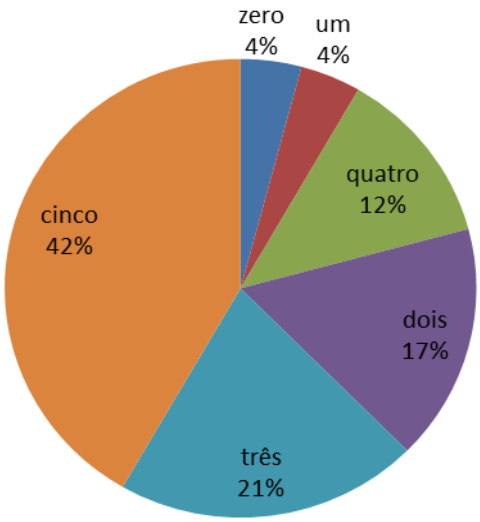
Pergunta 10: Como reages quando não entendes o significado de um provérbio?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Pergunto	13	54%
Não digo nada	4	17%
Não responde	4	17%
Tento descobrir	2	8%
Aborrece-me	1	4%



Pergunta 11: Diz cinco provérbios de que te lembres (anota aqueles de que te lembras, nem que seja apenas um)**.**

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Cinco provérbios	10	42%
Três provérbios	5	21%
Dois provérbios	4	17%
Quatro provérbios	3	12%
Um provérbio	1	4%
Zero provérbios	1	4%



Lista de provérbios registados pelos alunos do 7.º1/2 no inquérito de diagnose.

Provérbios[45]	N.º de vezes mencionado
Grão a grão, enche a galinha o papo.	11
Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.	8
Quem foi ar/mar perdeu o lugar.	8
Calças brancas em Janeiro, sinal de pouco dinheiro.	6
De pequenino se torce o pepino.	6
Amigos, amigos, negócios à parte.	6

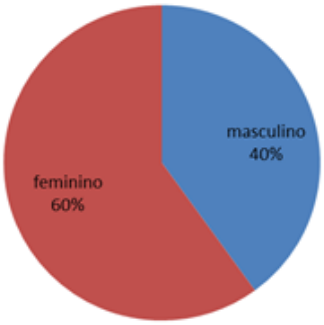
[45] Optámos por indicar todas as expressões referidas pelos alunos, independentemente de estas serem ou não, de facto, provérbios.

Em abril, águas mil.	5
Devagar se vai ao longe.	4
Quem conta um conto acrescenta um ponto.	4
Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje.	4
Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.	2
Quem não tem cão caça com gato.	2
Cão que ladra não morde.	2
Em casa do vizinho me envergonhei, em minha casa me remediei.	1
Deitar cedo e cedo erguer dá saúde e faz crescer.	1
Mais vale perder um minuto na vida que a vida num minuto.	1
Faz o que eu faço, não faças o que eu digo.	1
Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és.	1
O tempo voa.	1
Quem diz é quem é.	1
Gaivotas em terra, tempestade no mar.	1
Fia-te na Virgem e não corras.	1
Mente sã em corpo são.	1
Muito riso pouco siso.	1
A minha liberdade acaba quando a do outro começa.	1
Nem tudo o que parece é.	1
Não faças aos outros o que que não queres que te façam a ti.	1
Quando um burro fala, os outros baixam as orelhas.	1
Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão.	1
Quem vai por atalhos fica em trabalhos.	1
Gato escaldado de água fria tem medo.	1
Se tens medo compra um cão.	1
Quem te avisa teu amigo é.	1
A mentira tem perna curta.	1
Meter os pés pelas mãos.	1
O que arde cura, o que aperta segura.	1
A união faz a força.	1
Quem canta seus males espanta.	1
Número total de provérbios elencados: 38	

Anexo 6: Tabelas e gráficos dos resultados do inquérito de diagnose na turma do 10.º7 (Espanhol)

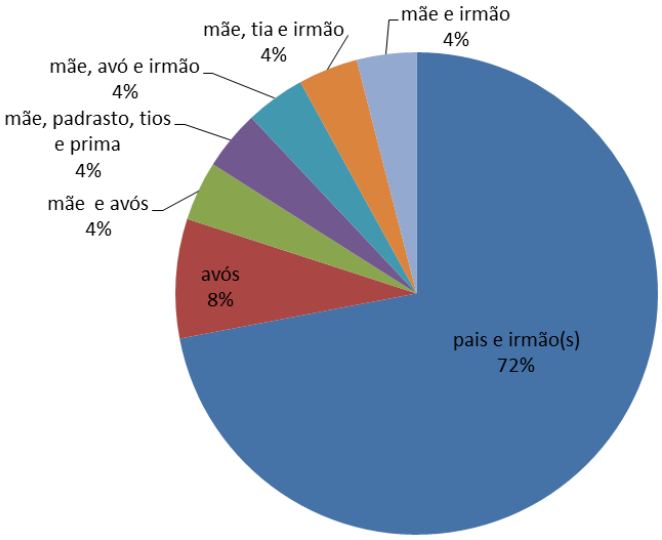
Dados pessoais – sexo

Sexo	N.º de alunos	Percentagem
Feminino	15	60%
Masculino	10	40%



Dados pessoais – agregado familiar

Agregado familiar	N.º de alunos	Percentagem
Pais e irmão(s)	18	72%
Avós	2	8%
Mãe e avós	1	4%
Mãe, padrasto, tios e prima	1	4%
Mãe, avó e irmão	1	4%
Mãe, tia e irmão	1	4%
Mãe e irmão	1	4%



Pergunta 1: Sabes o que é um provérbio? Define-o.

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Sim mas não sei definir	24	96%
Sim	1	4%

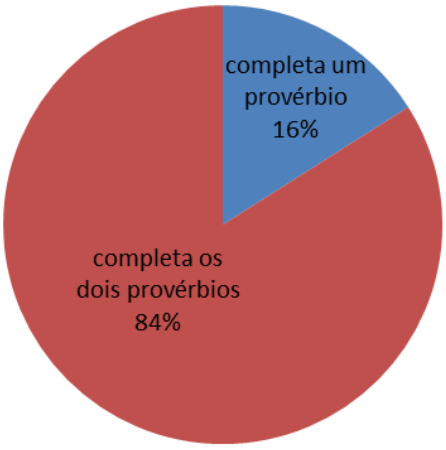


Definições apresentadas:

- «É uma espécie de frase popular, que dura de geração em geração.»

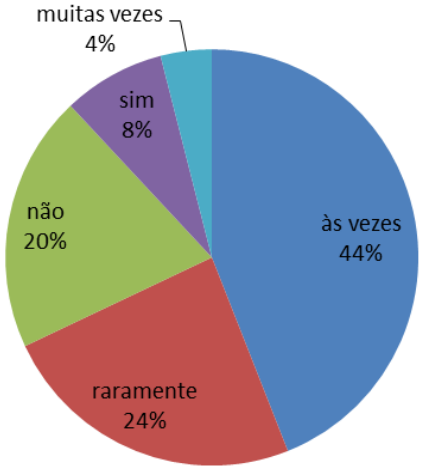
Pergunta 2: Completa. «Quem conta um conto...» e «Quem foi ao ar...»

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Completa os dois provérbios	21	84%
Completa um provérbio	4	16%



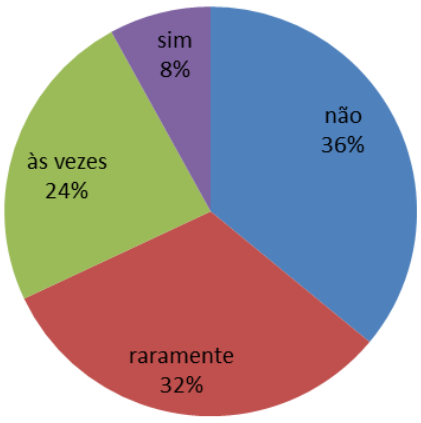
Pergunta 3: Usas provérbios quando falas?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Às vezes	11	44%
Raramente	6	24%
Não	5	20%
Sim	2	8%
Muitas vezes	1	4%



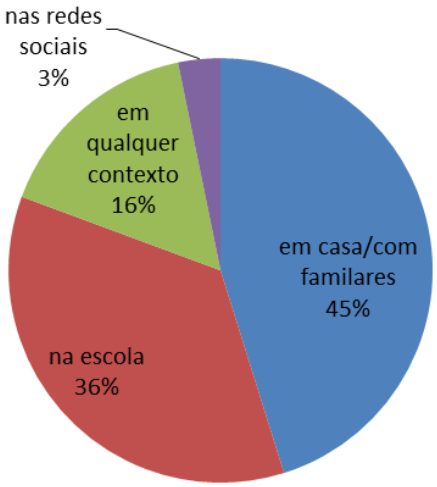
Pergunta 4: E quando escreves?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Não	9	36%
Raramente	8	32%
Às vezes	6	24%
Sim	2	8%



Pergunta 5: Em que contexto é que os usas?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Em casa/com familiares	14	45%
Na escola	11	36%
Em qualquer contexto	5	16%
Nas redes sociais	1	3%



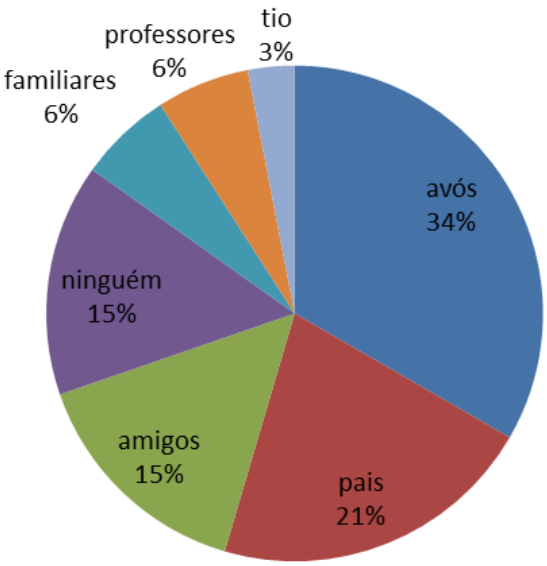
Pergunta 6: Se não os utilizas, diz a razão.

Razões apresentadas:

- «Não fazem parte do meu vocabulário habitual.»
- «Não fazem falta.»

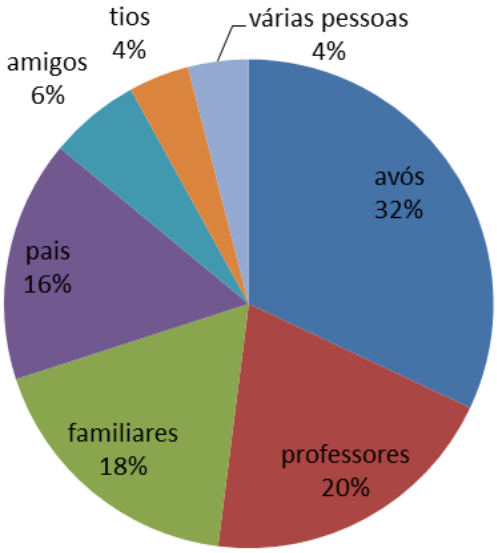
Pergunta 7: Conheces alguém que os utilize? Quem?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Avós	11	34%
Pais	7	21%
Amigos	5	15%
Ninguém	5	15%
Familiares	2	6%
Professores	2	6%
Tio	1	3%



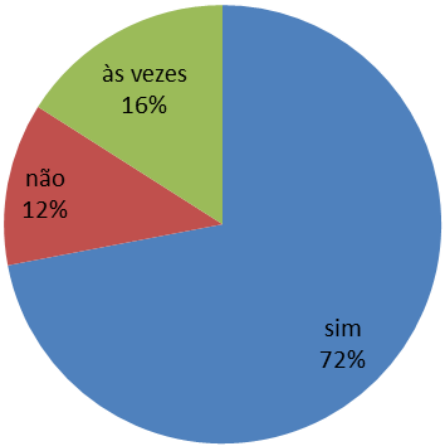
Pergunta 8: Quem te ensinou os provérbios que conheces?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Avós	16	32%
Professores	10	20%
Familiares	9	18%
Pais	8	16%
Amigos	3	6%
Tios	2	4%
Várias pessoas	2	4%



Pergunta 9: Achas que os provérbios são úteis?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Sim	18	72%
Às vezes	4	16%
Não	3	12%



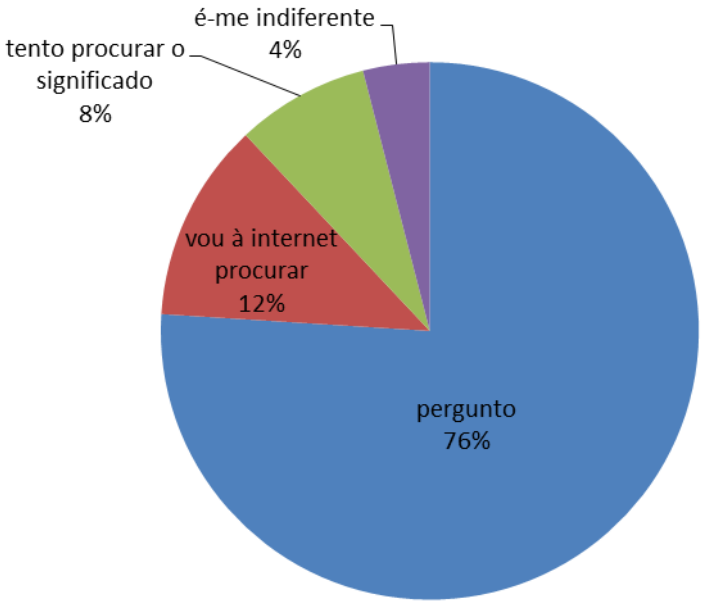
Razões apontadas para a utilidade dos provérbios:

- «Ajudam a dar lições de moral.»
- «Contêm ensinamentos.»
- «Para nos expressarmos melhor e explicarmos algo que não conseguimos explicar com as nossas palavras.»
- « Enriquecem a nossa cultura.»
- «Para explicar "as coisas" de maneira mais interessante.»
- «São engraçados.»
- «Estas expressões soam melhor do que se dissermos o que significam.»
- «Para explicar algo.»
- «Ajudam a perceber melhor certas "coisas".»
- «Ajudam a treinar a mente.»
- «Permitem identificar situações do dia a dia.»
- «Vêm a calhar.»
- «Permitem transmitir ideias em menos palavras.»
- «Com eles podemos dar exemplos de vida.»

- «Quando queremos dizer algo discretamente, optamos por um provérbio para comparar.»
- «Ajuda-nos a dizer aquilo que queremos, sem precisarmos de utilizar as nossas próprias palavras.»

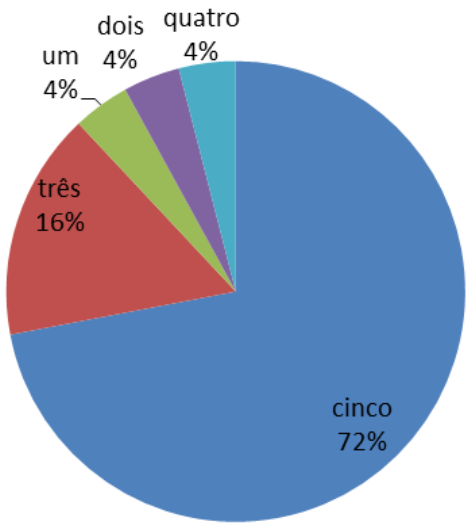
Pergunta 10: Como reages quando não entendes o significado de um provérbio?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Pergunto	19	76%
Vou à internet procurar	3	12%
Tento procurar o significado	2	8%
É-me indiferente	1	4%



Pergunta 11: Diz cinco provérbios de que te lembres (anota aqueles de que te lembras, nem que seja apenas um).

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Cinco provérbios	17	72%
Três provérbios	4	16%
Quatro provérbios	1	4%
Dois provérbios	1	4%
Um provérbio	1	4%



Lista de provérbios registados pelos alunos do 10.º7 no inquérito de diagnose.

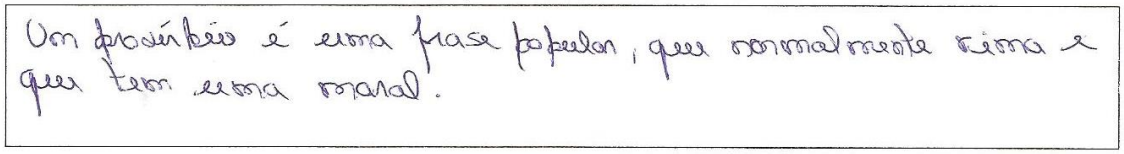
Provérbios[46]	N.º de vezes mencionado
Quem vai à guerra dá e leva.	18
Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.	14
Amor com amor se paga.	10
Quem semeia ventos colhe tempestades.	8
Grão a grão enche a galinha o papo.	7
Quem foi ao ar/mar perdeu o lugar.	6

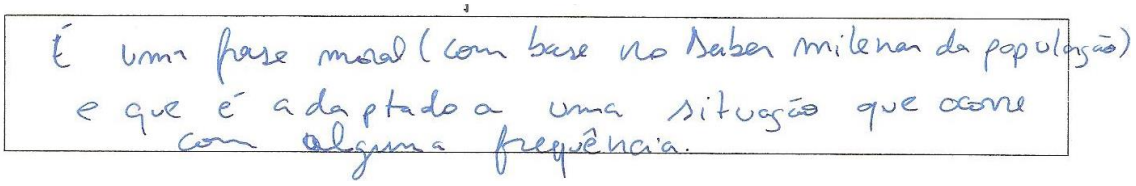
[46] Optámos por indicar todas as expressões referidas pelos alunos, independentemente de estas serem ou não, de facto, provérbios.

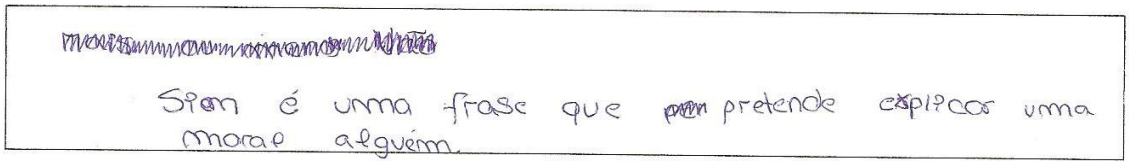
Em abril, águas mil.	6
O feitiço vira-se contra o feiticeiro.	5
Quem tem boca vai a Roma.	5
Deitar cedo e cedo erguer dá saúde e faz crescer.	4
Quanto mais me bates mais eu gosto de ti.	3
Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.	2
Quem conta um conto acrescenta um ponto.	2
Quem cala consente.	2
Cá se fazem, cá se pagam.	2
Não te rias do vizinho que o teu mal vem a caminho.	2
Se não queres ser lobo, não lhe vistas a pele.	2
De pequenino é que se torce o pepino.	1
Amigos, amigos, negócios à parte.	1
Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti.	1
Gato escaldado de água fria tem medo.	1
Quem desdenha quer comprar.	1
Não há luar como o de janeiro nem amor como o primeiro.	1
Não vale a pena chorar sobre leite derramado.	1
Em casa de ferreiro espeto de pau.	1
A cavalo dado não se olha o dente.	1
Mais depressa se apanha um mentiroso do que um coxo.	1
Mãos frias, coração quente, amor para sempre.	1
Quem rima sem querer é amado sem saber.	1
Quem dá e volta a tirar ao inferno vai parar.	1
Quem tudo quer tudo perde.	1
A curiosidade matou o gato.	1
Cão que ladra não morde.	1
Número total de provérbios elencados: 33	

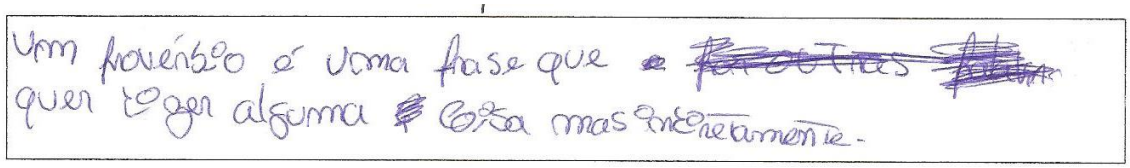
Anexo 7: Exemplos de respostas dos alunos ao inquérito de diagnose

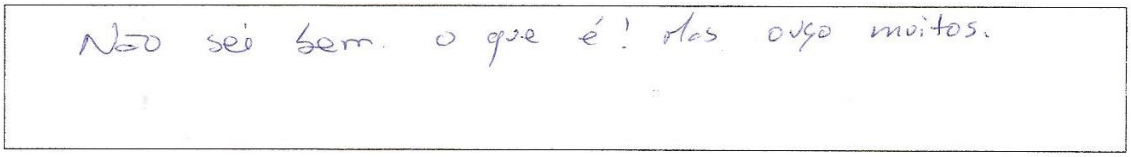
(Definição de provérbio)


Um provérbio é uma frase popular, que normalmente rima e que tem uma moral.

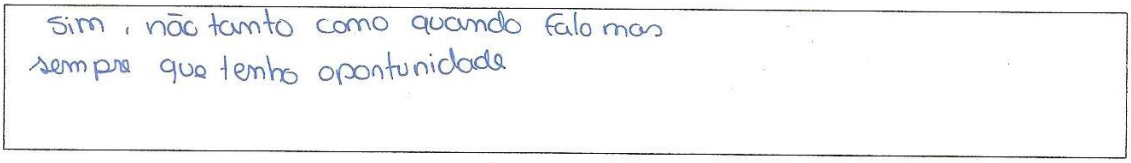

É uma frase moral (com base no saber milenar da população) e que é adaptado a uma situação que ocorre com alguma frequência.


Sim é uma frase que pretende explicar uma moral a alguém.

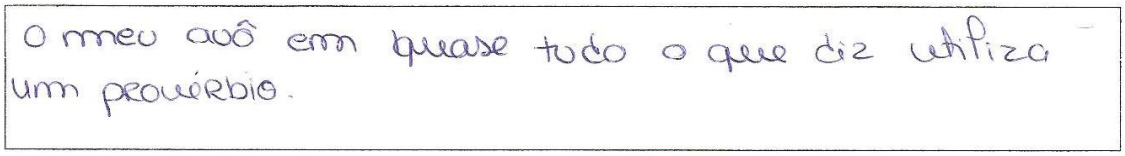

Um provérbio é uma frase que ~~[illegible]~~ quer dizer alguma coisa mas indiretamente.

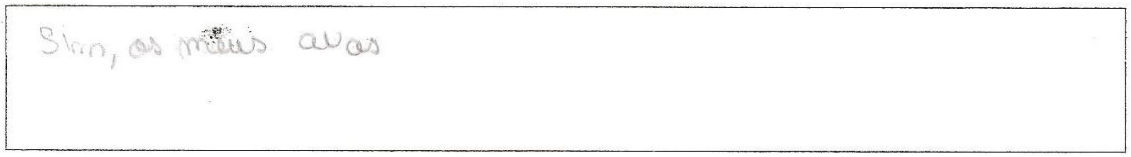

Não sei bem o que é! Mas ouço muitos.

(Usas provérbios quando escreves?)


Sim, não tanto como quando falo mas sempre que tenho oportunidade

(Conheces alguém que os utilize? Quem?)


O meu avô em quase tudo o que diz utiliza um provérbio.


Sim, os meus avos

(Achas que os provérbios são úteis?)

Não, são mais os idosos que utilizam os provérbios.

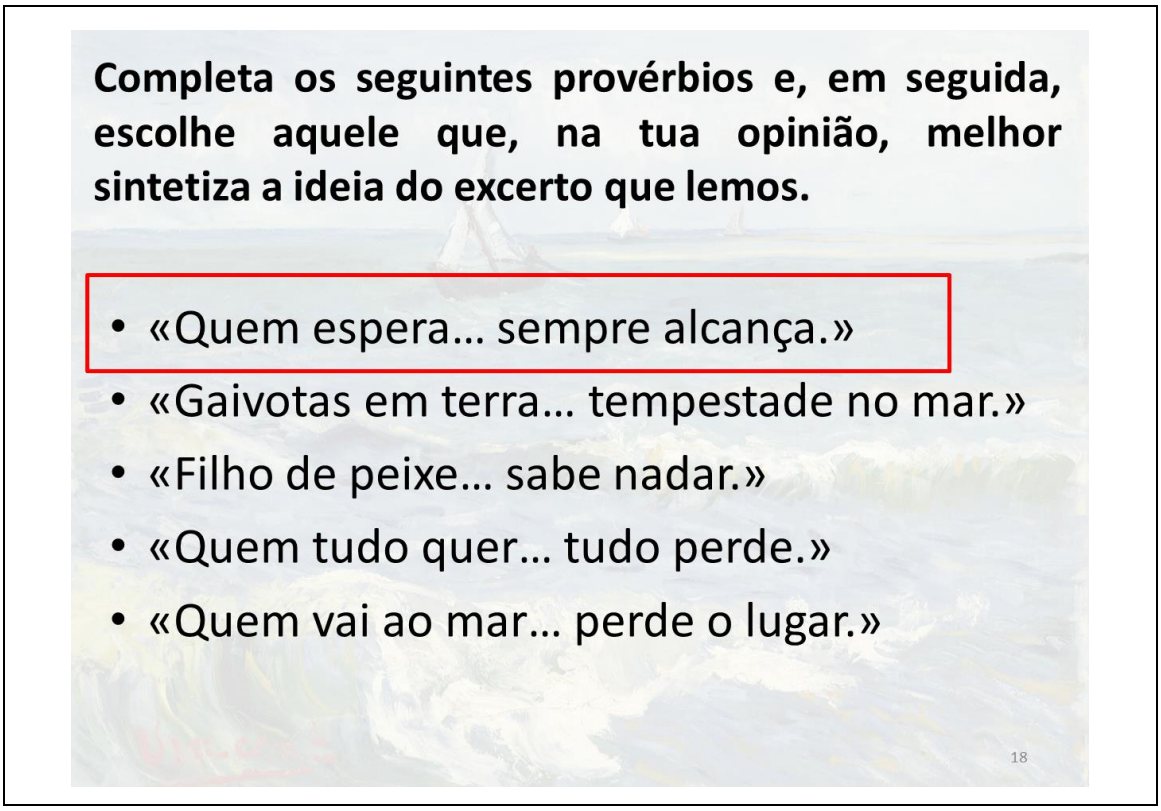
Em alguns casos, porque de vez em quando estas expressões soam melhor do que se dissessemos mesmo o que ela significam.

Sim porque é uma maneira, às vezes, de explicar as coisas de uma maneira mais interessante e são enguiçados.

Sim pois em poucas palavras podemos expressar bem a nossa opinião.

Anexo 8: Materiais usados nas propostas didáticas aplicadas nas turmas de Português

Primeira Unidade Didática – *Saga* (8.º1)



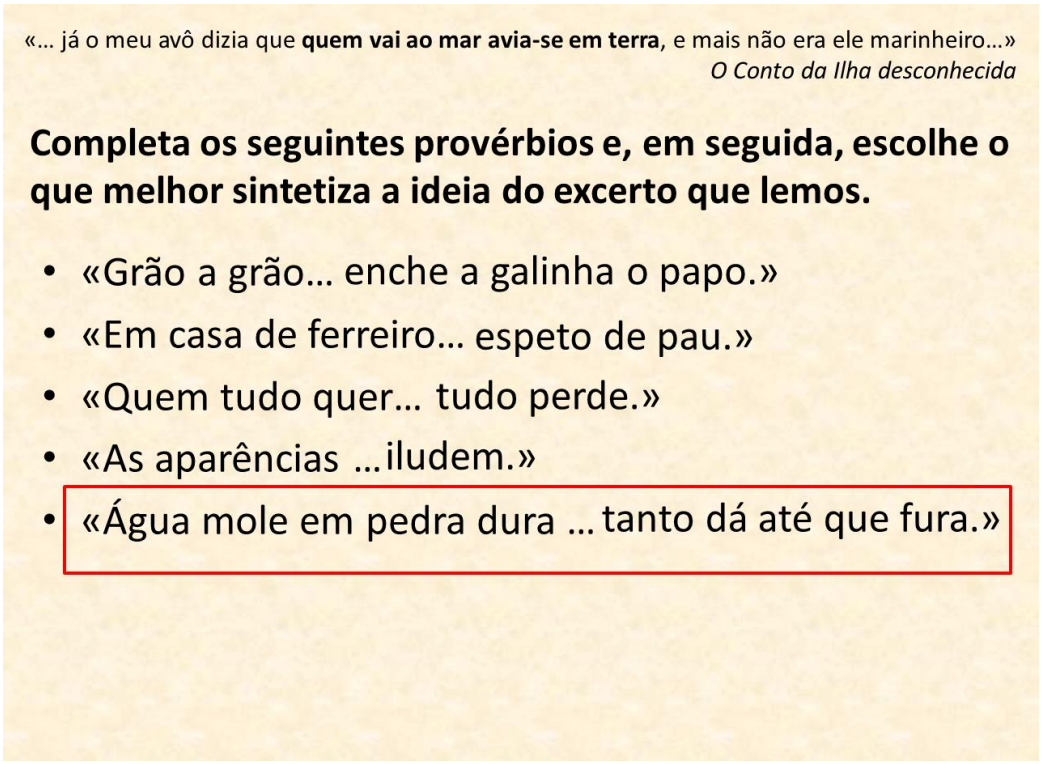
Completa os seguintes provérbios e, em seguida, escolhe aquele que, na tua opinião, melhor sintetiza a ideia do poema que lemos.

- "Quem vê caras… não vê corações"
- "Quem o feio ama… bonito lhe parece."
- "Nem tudo o que brilha… é ouro.""
- "Devagar… se vai ao longe."
- "Quem desdenha… quer comprar."

Completa os seguintes provérbios e, em seguida, escolhe aquele que, na tua opinião, melhor sintetiza a ideia do poema que lemos.

- "Longe da vista… longe do coração."
- "Mais vale prevenir… que remediar."
- "Quem canta… seus males espanta."
- "Quem não chora… não mama."
- "Quem lá vai,… lá vai."

Terceira Unidade Didática - *O conto da ilha desconhecida* (8.º1)



Quarta Unidade Didática - *Perdido num livro* (10.º2)

Quem conta um conto...[47]

"Toda a gente sabe contar uma história." Será? Dois contadores profissionais falam da importância dos contos e de uma ou outra regra para narrá-los bem. Têm de ser um acto de amor, dizem. [...]

As histórias da noite fazem parte de um ritual sagrado para muitas crianças, que muitas vezes é profanado pela falta de tempo, cansaço, má-disposição... Vale a pena não desistir. Todos concordam: os contos são fundamentais para alimentar o imaginário. Contá-los é um acto de amor, dizem os contadores.

E dizem também que o melhor é pôr os livros de lado e contar, olhos nos olhos, [...] Uma história é sempre melhor quando não há barreiras entre o narrador e o ouvinte.

Também ajuda lembrar as histórias que nos contavam os avós, os pais, os professores. "É bom recordar situações de infância", diz António Fontinha, contador de contos profissional. "Há um mundo, que tem a ver com a memória que é aquele que se está a tentar reacender. Temos de fazer arqueologia: ir aos sítios a que a memória está ligada, falar com as pessoas."

O conto é importante para ajudar a "desenvolver o espaço da oralidade em casa. Temos de reconstruir o espaço da oralidade para conviver ao nível do imaginário".

Não há maneira para contar bem uma história, porque "o que serve a um pode não servir a outro". Mas, diz, pode haver algumas técnicas: a repetição é uma regra de ouro. "As personagens ganham vida com o tempo. Começa-se a experimentar coisas. Diz-se que, quem conta um conto acrescenta um ponto. É esse ponto, o pormenor, que vai evoluindo."

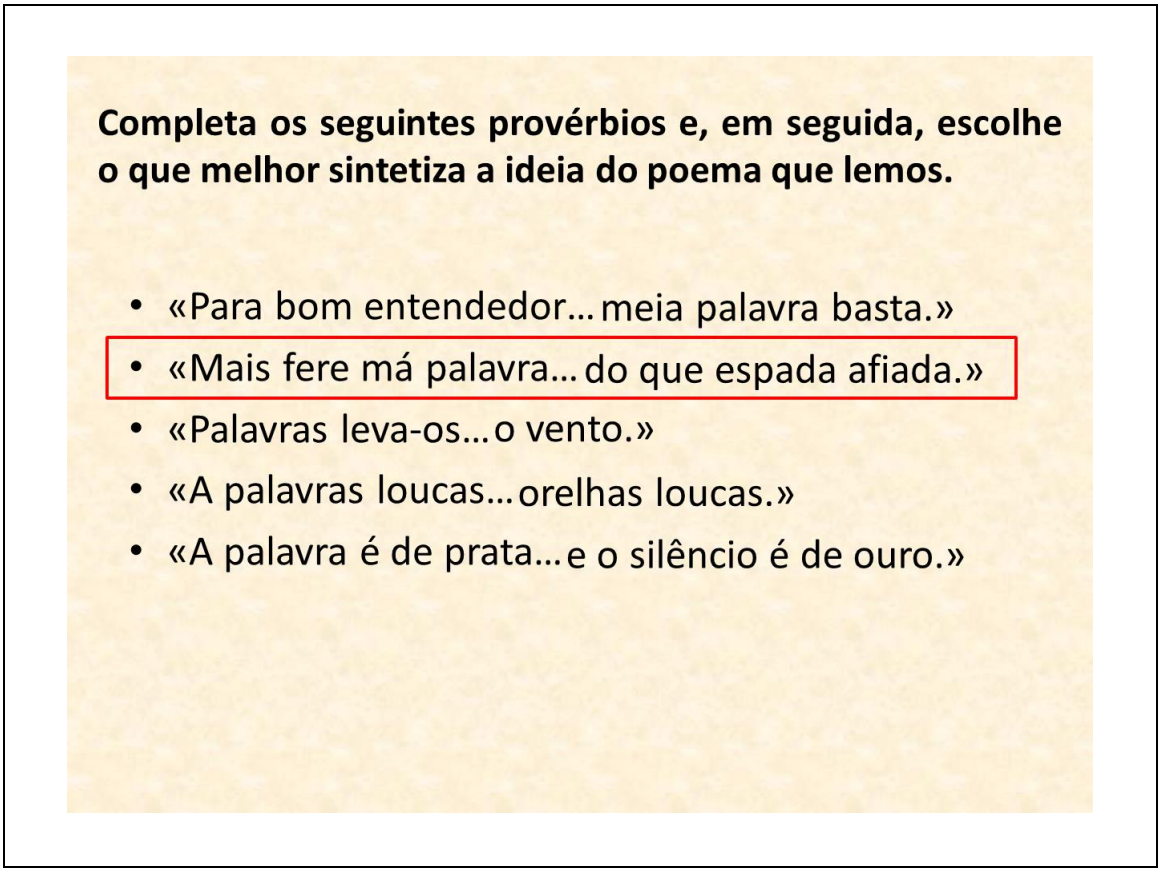
Isso também só acontece com as histórias que dão prazer contar. O que leva à segunda regra: "Nunca devemos contar um conto de que não gostamos."

"Toda a gente sabe contar uma história", defende o contador cabo-verdiano Horácio Santos. E, recorrendo também ao ditado popular, o contador acrescenta: "A forma de contar é que é o ponto. Ninguém conta a mesma coisa da mesma maneira."

Rita Pimenta, in Público, 5 de agosto de 2001 (excerto)

[47] Texto jornalístico estudado em aula no âmbito da quarta unidade didática lecionada.

Quinta Unidade Didática – *As Palavras* «Mais fere má palavra do que espada afiada» (8.º1)



Anexo 9: Materiais usados nas propostas didáticas aplicadas nas turmas de Espanhol

Primeira Unidade Didática – *La descripción de carácter* «*Caras vemos corazones no sabemos*» (7.º1/2)

Refrán

«Caras vemos, corazones no sabemos»

«Quem vê caras não vê corações»



Segunda Unidade Didática – *Material Escolar* «*Para gustos los colores*» (7.º1/2)

Refrán

«PARA GUSTOS, LOS COLORES»

«Gostos não se discutem»

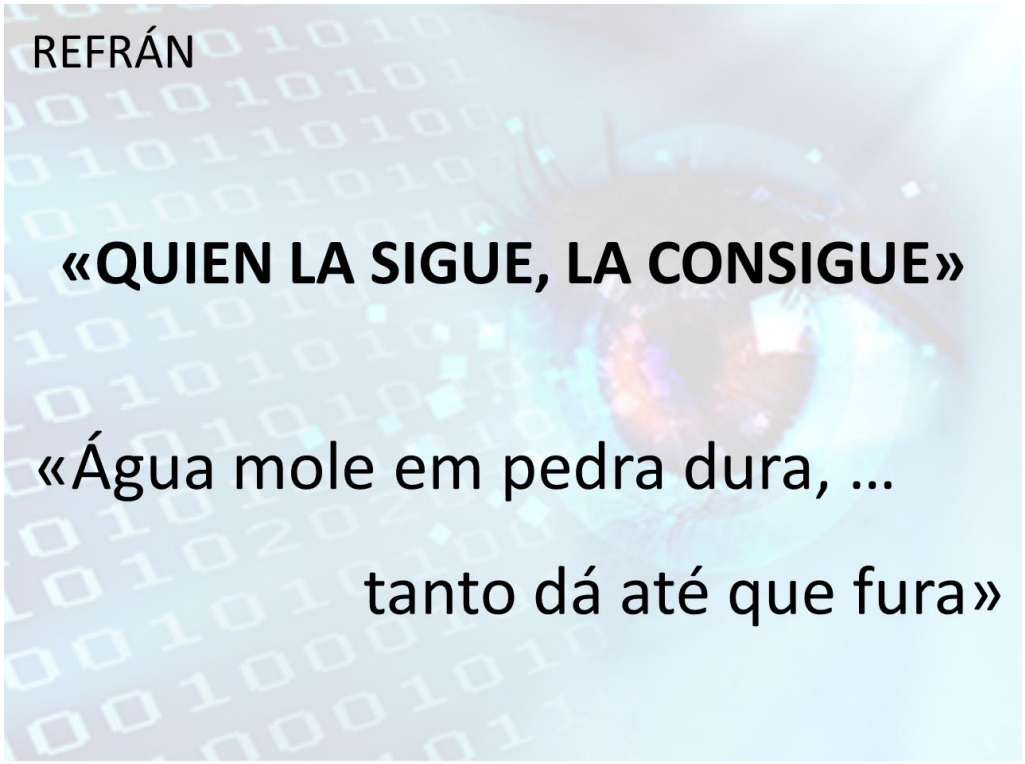
Voy a comprar esta carpeta. ¡Me encanta el color!

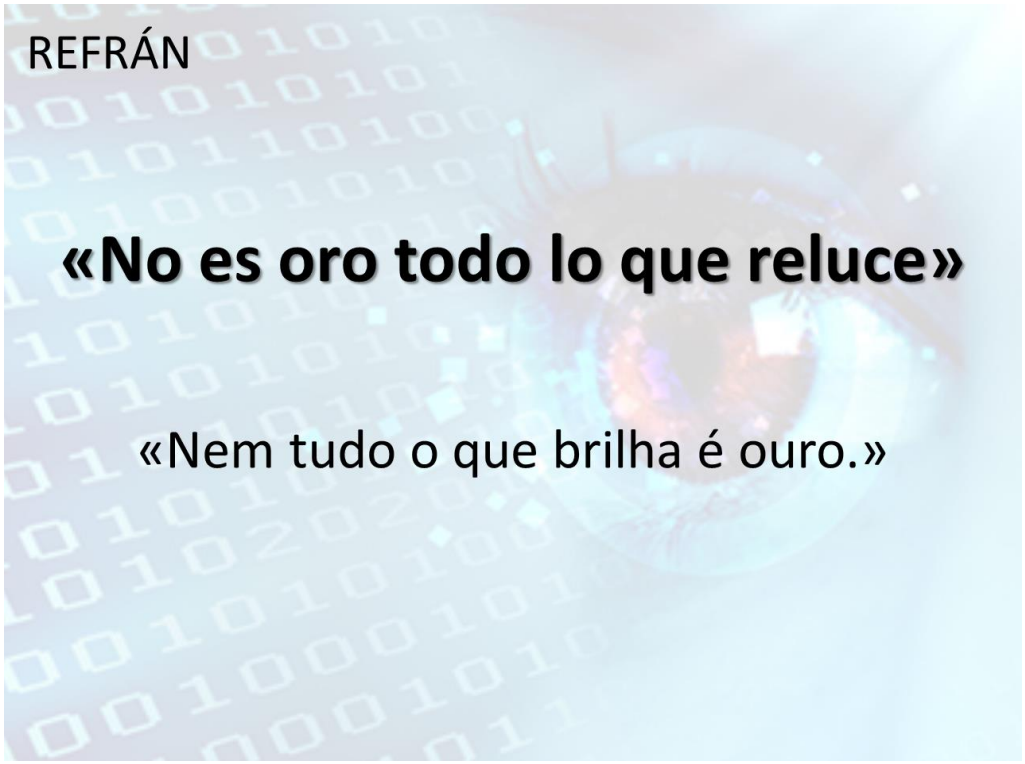
A



¡Qué carpeta más fea! No quiero una carpeta con corazones.

B


REFRÁN
«QUIEN LA SIGUE, LA CONSIGUE»
«Água mole em pedra dura, …
tanto dá até que fura»


REFRÁN
«No es oro todo lo que reluce»
«Nem tudo o que brilha é ouro.»

Quarta Unidade Didática - ¡*Feliz Cumpleaños*! «*A caballo regalado no le mires el diente*» (7.º1/2)



Quinta Unidade Didática - Barcelona «*Allá donde fueres haz lo que vieres*» (10.º7)



Si fuese a Barcelona...



... bailaría la Sardana.

REFRÁN

«Allá donde fueres haz lo que vieres»

«Em Roma sê romano»

Anexo 10: Quadro síntese dos provérbios estudados e respetivas turmas.

8º1	10º2	7º1/2	10º7
«Rei morto, rei posto.»	«Quem vê caras, não vê corações.»	«*Caras vemos, corazones no sabemos*.»	«*Quien la sigue, la consigue*.»
«Quem espera, sempre alcança.»	«Quem canta, seus males espanta.»	«*Para gustos, los colores*.»	«*No es oro todo lo que reluce*.»
«Quem não arrisca, não petisca.»	«Quem conta um conto, acrescenta um ponto.»	«*A caballo regalado no le mires el diente*.»	«*Quien bien quiere, tarde olvida*.»
«Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.»			«*Allá donde fueres haz lo que vieres*.»
«Mais fere má palavra do que espada afiada.»			

Anexo 11: Segundo inquérito aplicado na turma do 8.º1 (Português)

2º INQUÉRITO

1. **Completa os seguintes provérbios:**
   1.1. Água mole em pedra dura...
   1.2. Quem não arrisca...
   1.3. Quem espera...
   1.4. Rei morto...

2. **Consegues relacionar os provérbios que estudámos nas aulas com os textos aos quais os aplicámos?**
   Que sentido(s)/ideia(s) retiveste acerca dos textos que estudaste e que estes provérbios te ajudaram a fixar?

Provérbios	Textos
2.1. Água mole em pedra dura...	a) «Viagem» de Miguel Torga.
2.2. Quem não arrisca...	b) «Saga» de Sophia de Mello Breyner Andresen.
2.3. Quem espera...	c) «Tenório» de Miguel Torga.
2.4. Rei morto...	d) «O conto da ilha desconhecida» de José Saramago.

⇩

Provérbio 2.1. ↔ Texto ___ **Relação:**
Provérbio 2.2. ↔ Texto ___ **Relação:**
Provérbio 2.3. ↔ Texto ___ **Relação:**
Provérbio 2.4. ↔ Texto ___ **Relação:**

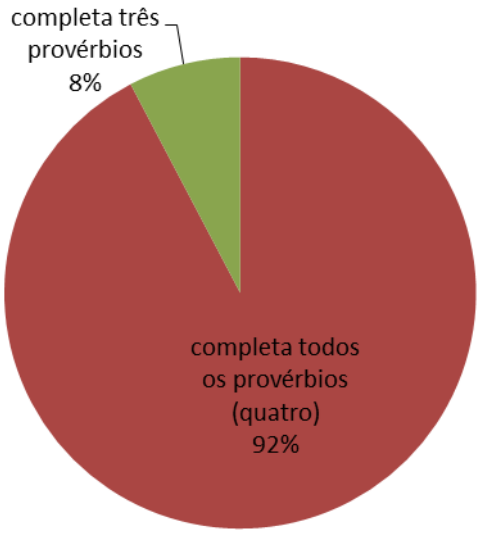
3. **Dá a tua opinião sincera: numa escala de 0 (nada) a 10 (bastante), achas que os provérbios te têm vindo a ajudar na aprendizagem e memorização dos conteúdos?**

☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Anexo 12: Tabelas e gráficos dos resultados do segundo inquérito aplicado na turma do 8.º1

Pergunta 1: Completa os seguintes provérbios.

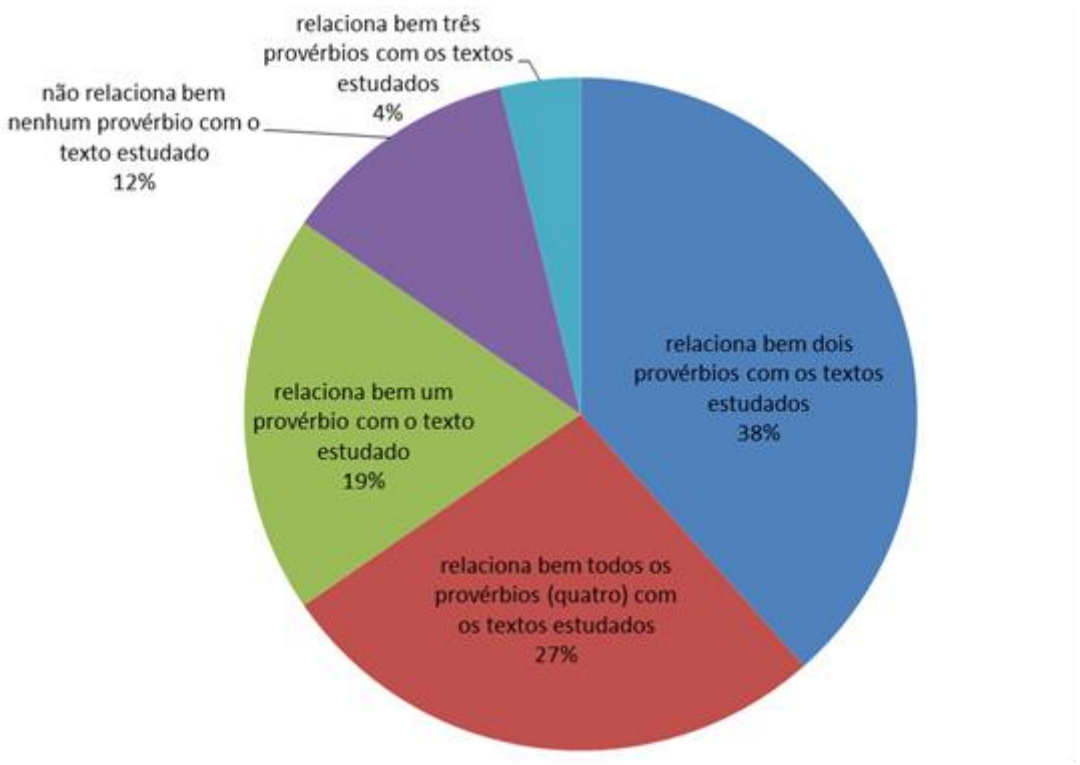
Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Completa todos os provérbios.	24	92%
Completa três provérbios.	2	8%



Pergunta 2:

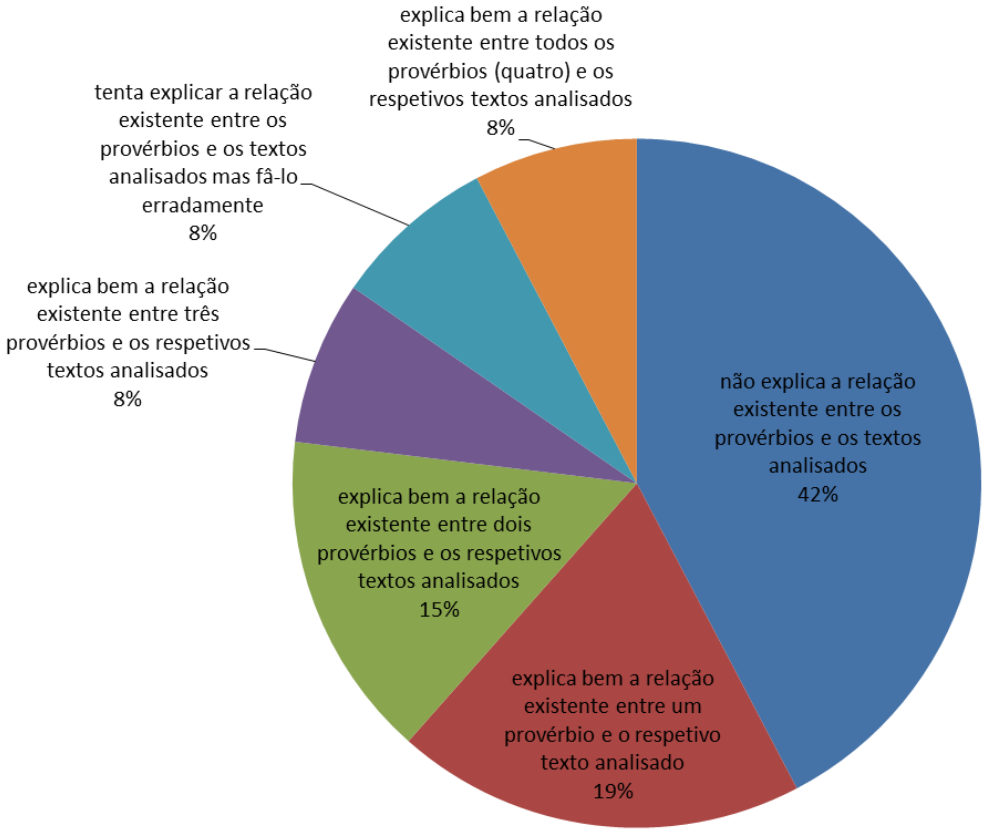
Consegues relacionar os provérbios que estudámos nas aulas com os textos aos quais os aplicámos?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Relaciona bem dois provérbios com os textos estudados.	10	38%
Relaciona bem todos os provérbios (quatro) com os textos estudados.	7	27%
Relaciona bem um provérbio com o texto estudado.	5	19%
Não relaciona bem nenhum provérbio com o texto estudado.	3	12%
Relaciona bem três provérbios com os textos estudados.	1	4%



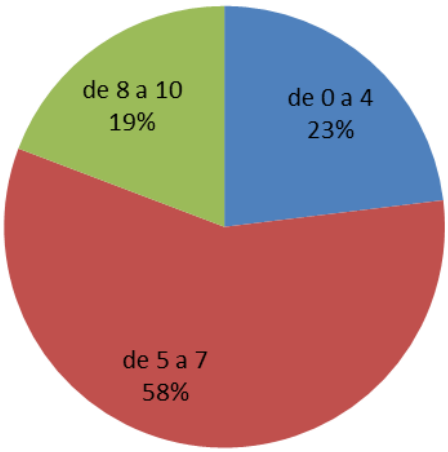
Que sentido(s)/ideia(s) retiveste acerca dos textos que estudaste, que estes provérbios te ajudaram a fixar?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Não explica a relação existente entre os provérbios e os textos analisados.	11	42%
Explica bem a relação existente entre um provérbio e o respetivo texto analisado.	5	19%
Explica bem a relação existente entre dois provérbios e os respetivos textos analisados.	4	15%
Explica bem a relação existente entre três provérbios e os respetivos textos analisados.	2	8%
Tenta explicar a relação existente entre os provérbios e os textos analisados, mas fá-lo erradamente.	2	8%
Explica bem a relação existente entre todos os provérbios (quatro) e os respetivos textos analisados.	2	8%



Pergunta 3. Dá a tua opinião sincera: numa escala de 0 (nada) a 10 (bastante), achas que os provérbios te têm vindo a ajudar na aprendizagem e memorização dos conteúdos?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
De 5 a 7.	15	58%
De 0 a 4.	6	23%
De 8 a 10.	5	19%



Anexo 13: Segundo inquérito aplicado na turma do 10.º2 (Português)

2º INQUÉRITO

1. **Completa os seguintes provérbios:**
   1.1. Quem vê caras...
   1.2. Quem canta...
   1.3. Quem conta um conto...

1. **Consegues relacionar os provérbios que estudámos nas aulas com os textos aos quais os aplicámos?**
   Que sentido(s)/ideias retiveste acerca dos textos que estudaste, que estes provérbios te ajudaram a fixar?

Provérbios	Textos
1.1. Quem conta um conto...	a) «Descalça vai para a fonte» de Luís Vaz de Camões.
1.2. Quem canta...	b) Artigo de jornal de Rita Pimenta.
1.3. Quem vê caras...	c) «Na fonte está Leonor», de Luís Vaz de Camões.

⇩

Provérbio 2.1. ↔ Texto ___ **Relação:**
Provérbio 2.2. ↔ Texto ___ **Relação:**
Provérbio 2.3. ↔ Texto ___ **Relação:**

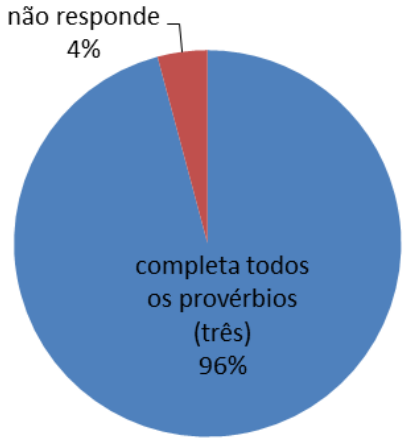
2. **Dá a tua opinião sincera: numa escala de 0 (nada) a 10 (bastante), achas que os provérbios te têm vindo a ajudar na aprendizagem e memorização dos conteúdos?**

☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Anexo 14: Tabelas e gráficos dos resultados do segundo inquérito aplicado na turma do 10.º2

Pergunta 1: Completa os seguintes provérbios.

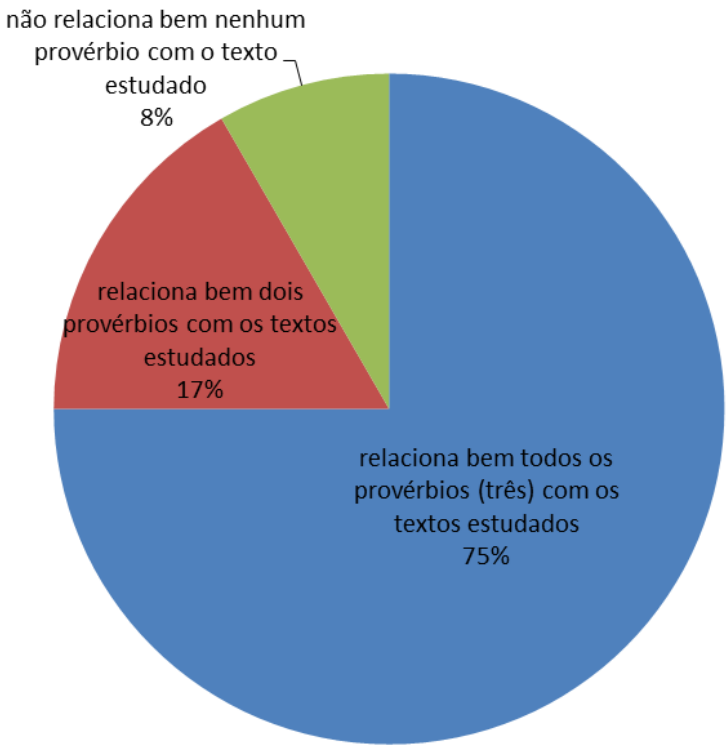
Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Completa todos os provérbios (três).	23	96%
Não responde.	1	4%



Pergunta 2:

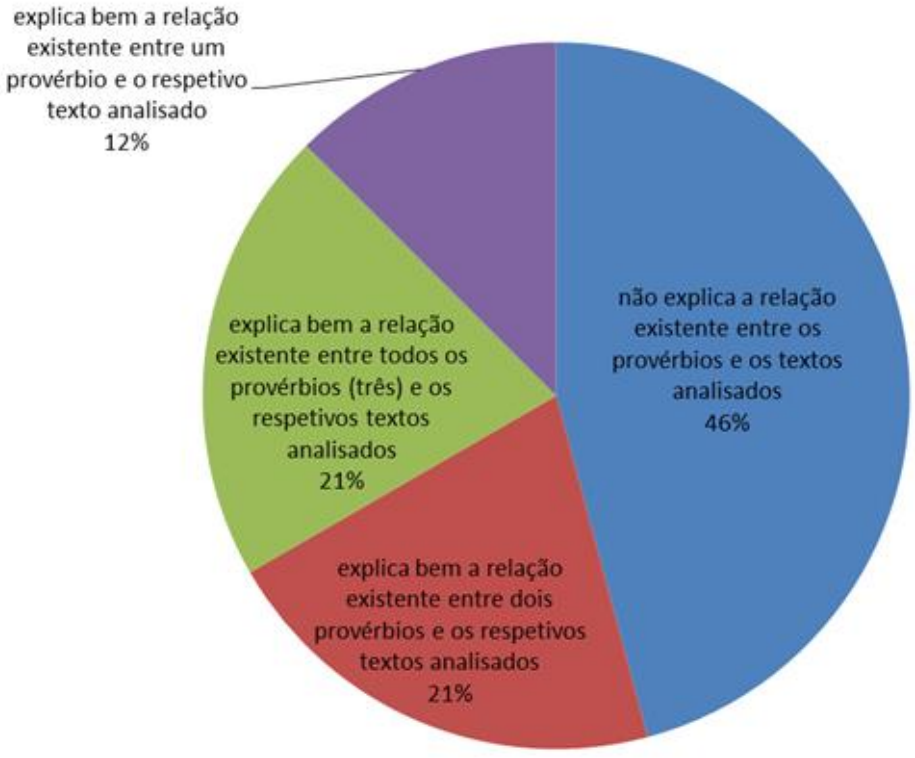
Consegues relacionar os provérbios que estudámos nas aulas com os textos aos quais os aplicámos?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Relaciona bem todos os provérbios (três) com os textos estudados.	18	75%
Relaciona bem dois provérbios com os textos estudados.	4	17%
Não relaciona bem nenhum provérbio com o texto estudado.	2	8%



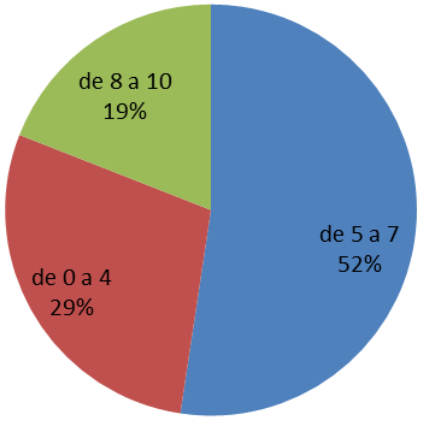
Que sentido(s)/ideias retiveste acerca dos textos que estudaste, que estes provérbios te ajudaram a fixar?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Não explica a relação existente entre os provérbios e os textos analisados.	11	46%
Explica bem a relação existente entre dois provérbios e os respetivos textos analisados.	5	21%
Explica bem a relação existente entre todos os provérbios (três) e os respetivos textos analisados.	5	21%
Explica bem a relação existente entre um provérbio e o respetivo texto analisado.	3	12%



Pergunta 3. Dá a tua opinião sincera: numa escala de 0 (nada) a 10 (bastante), achas que os provérbios te têm vindo a ajudar na aprendizagem e memorização dos conteúdos?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
De 5 a 7.	11	52%
De 0 a 4.	6	29%
De 8 a 10.	4	19%



Anexo 15: Segundo inquérito aplicado na turma do 7.º1/2 (Espanhol)

2º INQUÉRITO

1. **Consegues relacionar os provérbios que estudámos nas aulas com os temas socioculturais aos quais os aplicámos? Que relação pode existir entre estes provérbios e estes temas?**

Provérbios	Temas
1.1. Para gustos los colores.	a) Descripción física y descripción psicológica.
1.2. Caras vemos corazones no sabemos.	b) El día de cumpleaños.
1.3. A caballo regalado no le mires el diente.	c) Material escolar.

⇩

Provérbio 1.1. ↔ Tema ___ **Relação:**
Provérbio 1.2. ↔ Tema ___ **Relação:**
Provérbio 1.3. ↔ Tema ___ **Relação:**

2. **Completa os seguintes provérbios portugueses equivalentes a estes provérbios espanhóis que aprendeste:**
   a. Quem vê caras...
   b. Os gostos não...
   c. A cavalo dado...

3. **Dá a tua opinião sincera: numa escala de 0 (nada) a 10 (bastante), achas que os provérbios te têm vindo a ajudar na aprendizagem e memorização dos conteúdos?**

☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Anexo 16: Tabelas e gráficos dos resultados do segundo inquérito aplicado na turma do 7.º1/2

Pergunta 1:

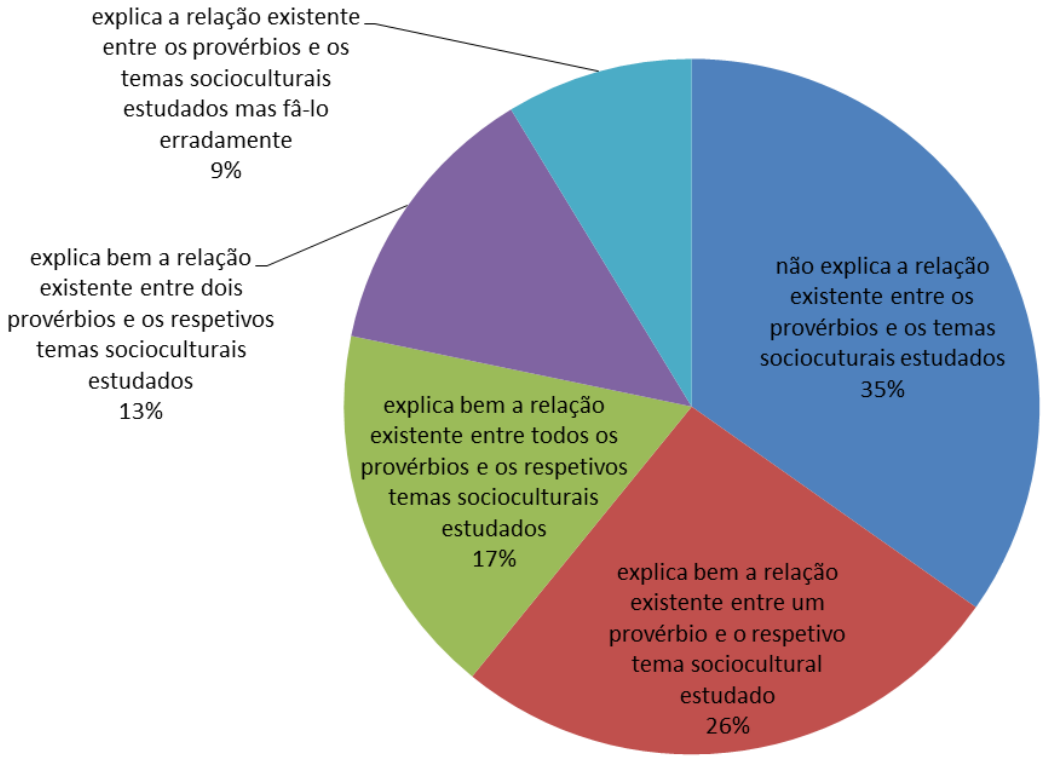
Consegues relacionar os provérbios que estudámos nas aulas com os temas socioculturais aos quais os aplicámos?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Relaciona bem todos os provérbios com os temas socioculturais estudados.	16	70%
Relaciona bem um provérbio com o tema sociocultural estudado.	7	30%



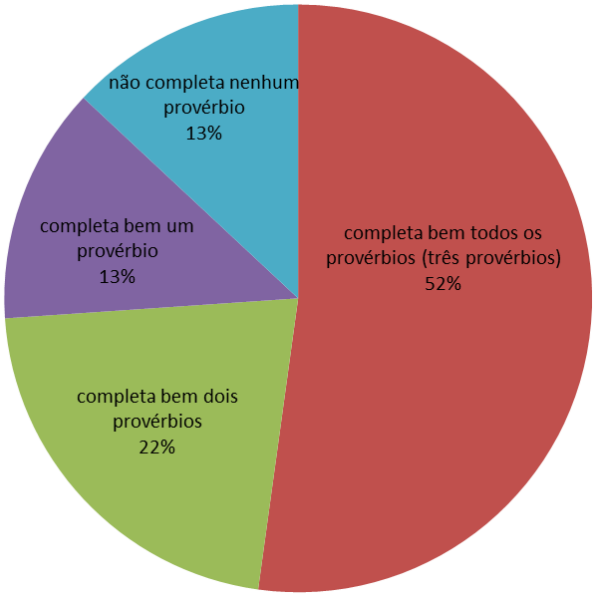
Que relação pode existir entre estes provérbios e estes temas?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Não explica a relação existente entre os provérbios e os temas socioculturais estudados.	8	35%
Explica bem a relação existente entre um provérbio e o respetivo tema sociocultural estudado.	6	26%
Explica bem a relação existente entre todos os provérbios e os respetivos temas socioculturais estudados.	4	17%
Explica bem a relação existente entre dois provérbios e os respetivos temas socioculturais estudados.	3	13%
Explica a relação entre os provérbios e os temas socioculturais estudados mas fá-lo erradamente.	2	9%



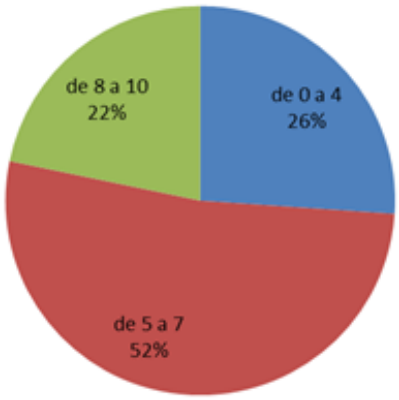
Pergunta 2: Completa os seguintes provérbios portugueses equivalentes a estes provérbios espanhóis que aprendeste:

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Completa bem todos os provérbios (três provérbios).	12	52%
Completa bem dois provérbios.	5	22%
Completa bem um provérbio.	3	13%
Não completa nenhum provérbio.	3	13%



Pergunta 3: Dá a tua opinião sincera: numa escala de 0 (nada) a 10 (bastante), achas que os provérbios te têm vindo a ajudar na aprendizagem e memorização dos conteúdos?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
De 5 a 7.	12	52%
De 0 a 4.	6	26%
De 8 a 10.	5	22%



Anexo 17: Segundo inquérito aplicado na turma do 10.º7 (Espanhol)

2º INQUÉRITO

1. **Consegues relacionar os provérbios que estudámos nas aulas com os temas socioculturais aos quais os aplicámos? Que relação pode existir entre estes provérbios e estes temas?**

Provérbios	Temas
2.1. No es oro todo lo que reluce.	a) Poema XX de Pablo Neruda
2.2. Quien bien quiere tarde olvida.	b) Desventajas de los nuevos medios de comunicación
2.3. Quien la sigue la consigue.	c) Invenciones

⇩

Provérbio 1.1. ↔ Tema ___ **Relação:**
Provérbio 1.2. ↔ Tema ___ **Relação:**
Provérbio 1.3. ↔ Tema ___ **Relação:**

2. **Completa os seguintes provérbios portugueses equivalentes a estes provérbios espanhóis que aprendeste:**
   a. Água mole em pedra dura...
   b. Nem tudo o que brilha...
   c. Amor verdadeiro...

3. **Dá a tua opinião sincera: numa escala de 0 (nada) a 10 (bastante), achas que os provérbios te têm vindo a ajudar na aprendizagem e memorização dos conteúdos?**

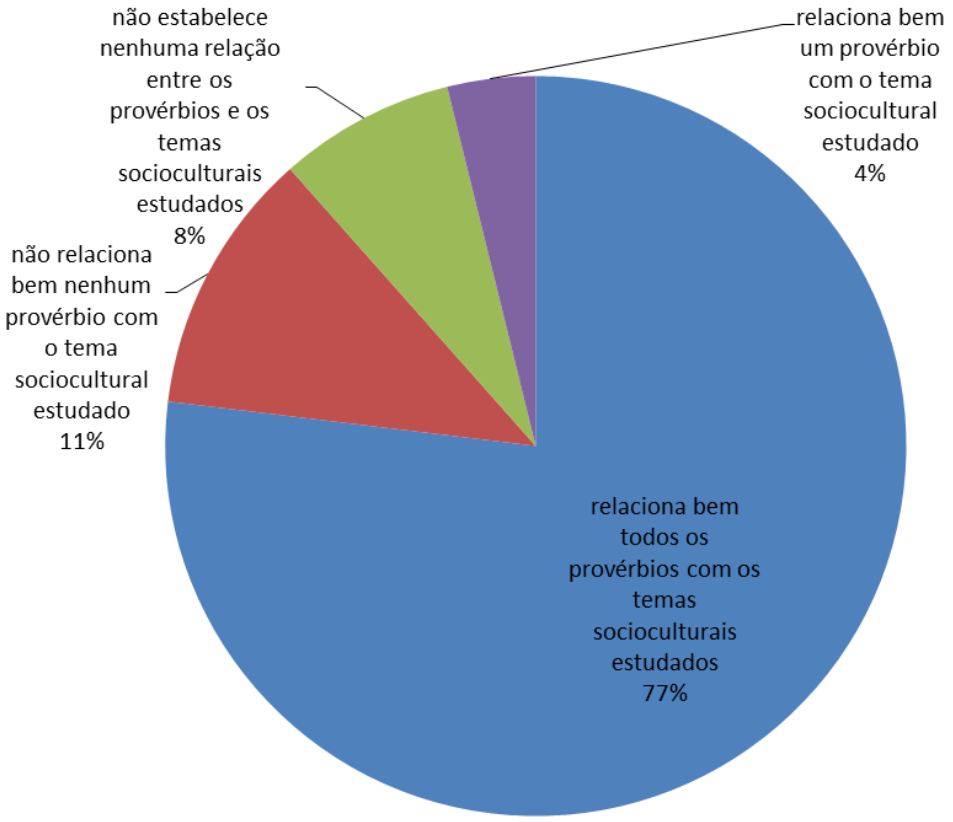
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Anexo 18: Tabelas e gráficos dos resultados do segundo inquérito aplicado na turma do 10.º7

Pergunta 1:

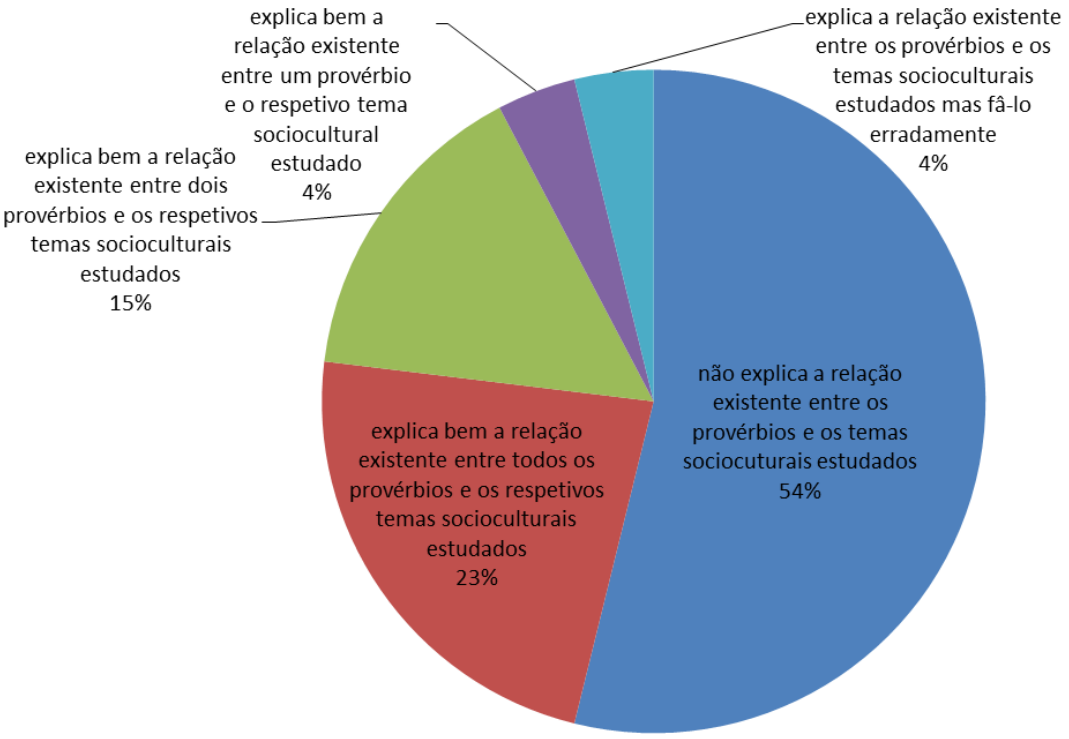
Consegues relacionar os provérbios que estudámos nas aulas com os temas socioculturais aos quais os aplicámos?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Relaciona bem todos os provérbios com os temas socioculturais estudados.	20	77%
Não relaciona bem nenhum provérbio com o tema sociocultural estudado.	3	11%
Não estabelece nenhuma relação entre os provérbios e os temas socioculturais estudados.	2	8%
Relaciona bem um provérbio com o tema sociocultural estudado.	1	4%



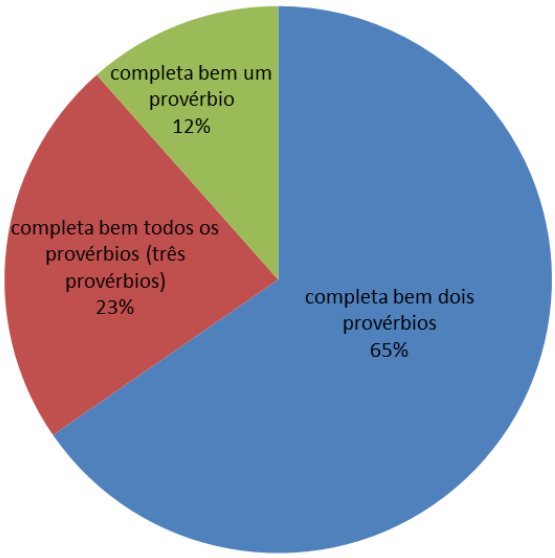
Que relação pode existir entre estes provérbios e estes temas?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Não explica a relação existente entre os provérbios e os temas socioculturais estudados.	14	54%
Explica bem a relação existente entre todos os provérbios e os respetivos temas socioculturais estudados.	6	23%
Explica bem a relação existente entre dois provérbios e os respetivos temas socioculturais estudados.	4	15%
Explica bem a relação existente entre um provérbio e o respetivo tema sociocultural estudado.	1	4%
Explica a relação existente entre os provérbios e os temas socioculturais estudados, mas fá-lo erradamente.	1	4%



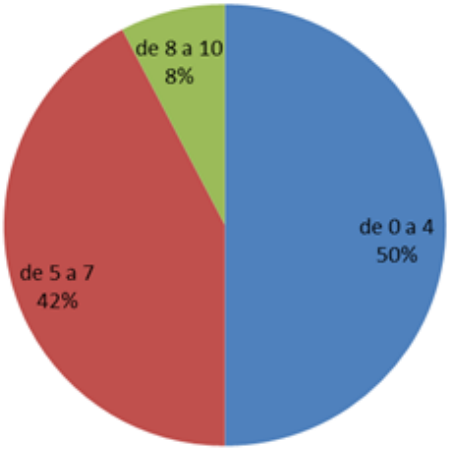
Pergunta 2: Completa os seguintes provérbios portugueses equivalentes a estes provérbios espanhóis que aprendeste:

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Completa bem dois provérbios.	17	65%
Completa bem todos os provérbios (três provérbios).	6	23%
Completa bem um provérbio.	3	12%



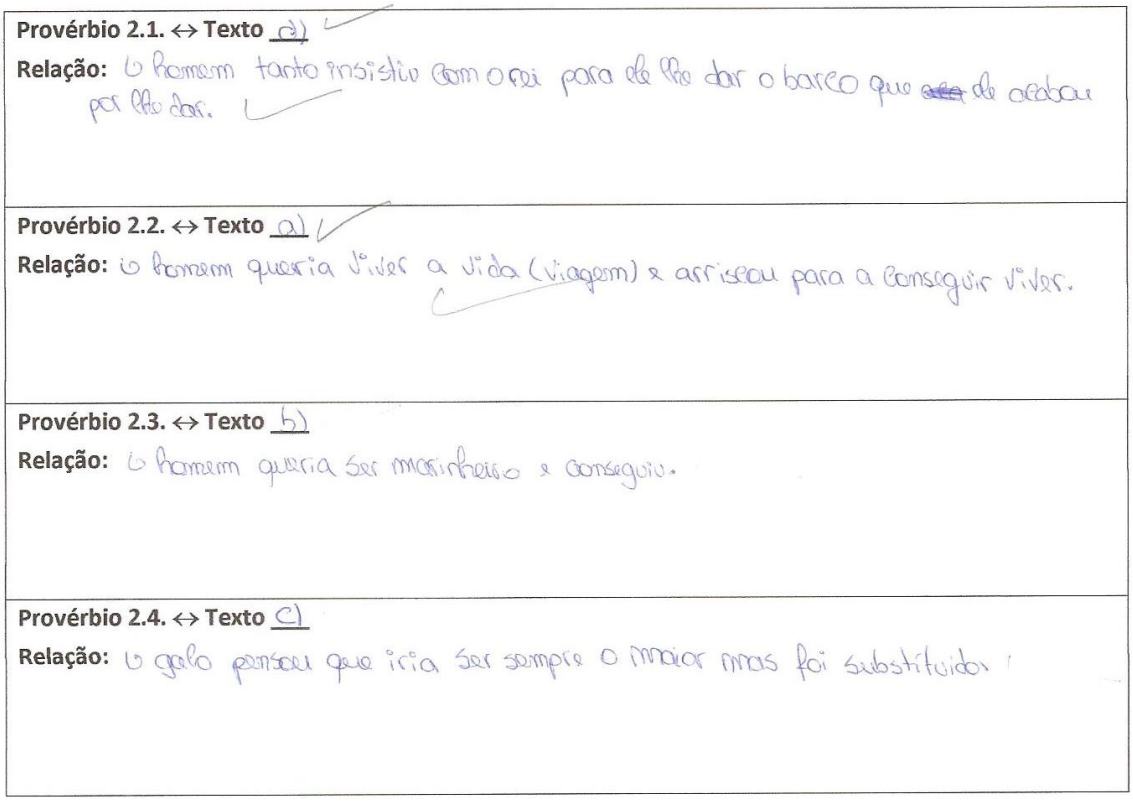
Pergunta 3: Dá a tua opinião sincera: numa escala de 0 (nada) a 10 (bastante), achas que os provérbios te têm vindo a ajudar na aprendizagem e memorização dos conteúdos?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
De 0 a 4.	13	50%
De 5 a 7.	11	42%
De 8 a 10.	2	8%

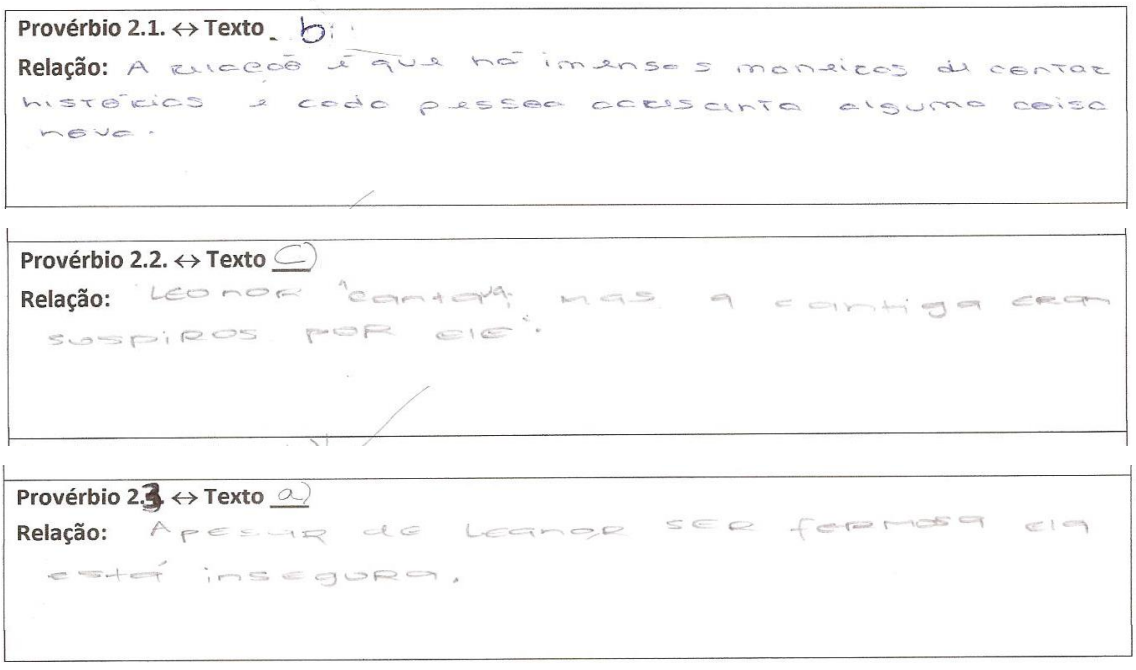


Anexo 19: Exemplos de respostas dos alunos ao segundo inquérito

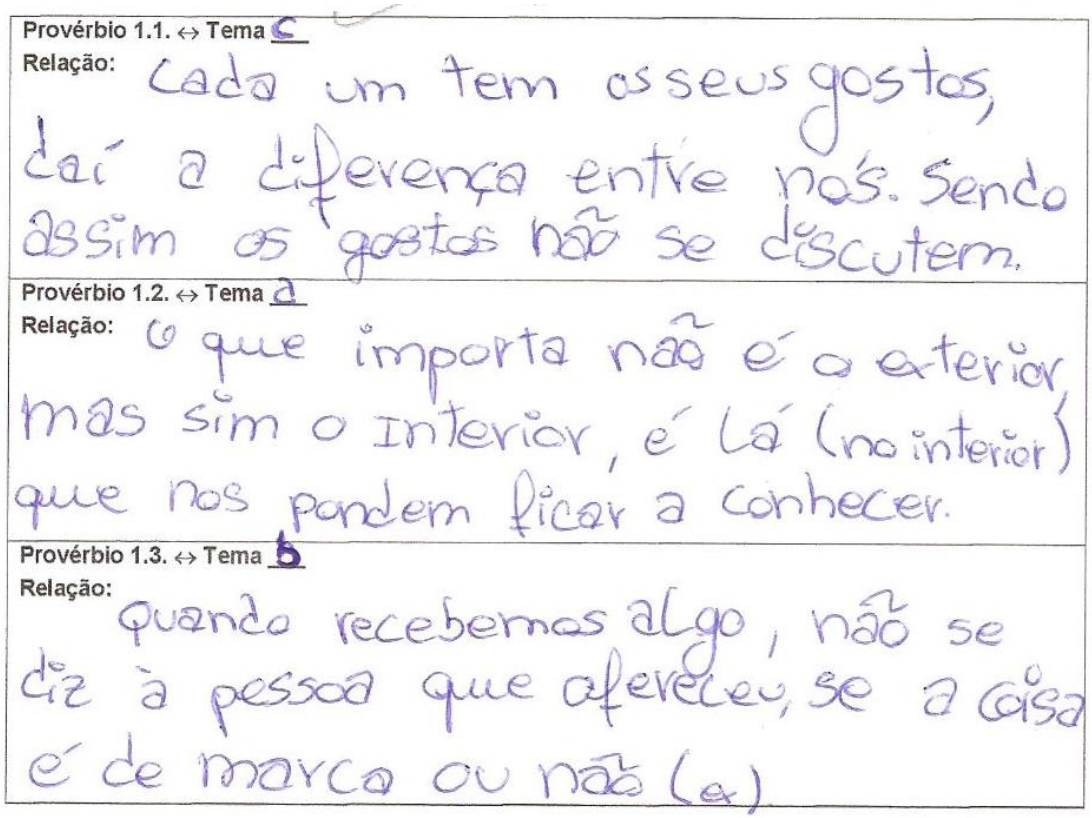
(turma do 8.º1)



(turma do10.º2)



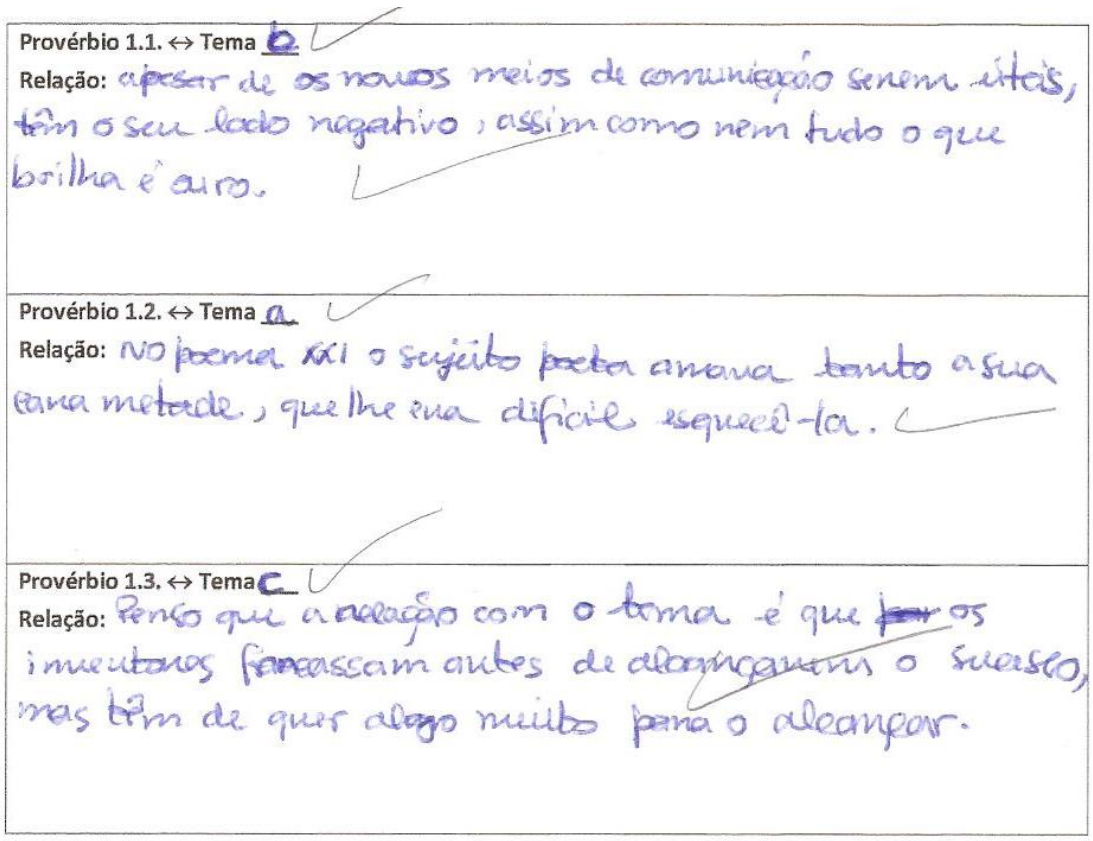
(turma do 7.º1/2)


Provérbio 1.1. ↔ Tema C
Relação: Cada um tem os seus gostos, daí a diferença entre nós. Sendo assim os gostos não se discutem.

Provérbio 1.2. ↔ Tema a
Relação: O que importa não é o exterior, mas sim o interior, é lá (no interior) que nos podem ficar a conhecer.

Provérbio 1.3. ↔ Tema b
Relação: Quando recebemos algo, não se diz à pessoa que ofereceu, se a coisa é de marca ou não (a)

(turma do 10.º7)


Provérbio 1.1. ↔ Tema b
Relação: apesar de os novos meios de comunicação serem úteis, têm o seu lado negativo, assim como nem tudo o que brilha é ouro.

Provérbio 1.2. ↔ Tema a
Relação: No poema XXI o sujeito poético amava tanto a sua cara metade, que lhe era difícil esquecê-la.

Provérbio 1.3. ↔ Tema C
Relação: Penso que a relação com o tema é que os inventores fracassam antes de alcançarem o sucesso, mas têm de ser algo muito para o alcançar.

Anexo 20: Terceiro inquérito

Turma: ____

3.º INQUÉRITO

1. **Em relação ao início do ano letivo, tens agora mais sensibilidade quanto à utilização dos provérbios (prestas mais atenção quando ouves algum, pensas agora que podem ser mais úteis do que pensavas no início do ano...)?**

   ☐ Sim ☐ A mesma que já tinha ☐ Não

2. **Usas agora, quando falas ou escreves, mais provérbios do que no início do ano?**

   ☐ Sim ☐ Igual ☐ Não

3. **Como classificarias as atividades que realizámos, ao longo deste ano letivo, com provérbios?**

   ☐ interessantes e produtivas ☐ pouco significativas ☐ desinteressantes e inúteis

4. **(para os alunos de português) Gostaste mais de reconhecer provérbios que já sabias ou de aprender provérbios novos?**

   ☐ Reconhecer provérbios ☐ Aprender provérbios novos

5. **Achas que o ensino dos provérbios é importante na aprendizagem de uma língua estrangeira?**

   ☐ Sim ☐ Não

6. **Classifica, numa escala de 0 a 10 (em que 0 = nada importante e 10 = importantíssimo), essa importância.**

☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

7. **(apenas para os alunos de espanhol) Já conhecias algum provérbio espanhol antes do início deste ano letivo?**

☐ Sim ☐ Não

Qual?/Quais?

8. **Lembras-te do último provérbio que aprendemos nas aulas? Transcreve-o e associa-o ao contexto em que surgiu (poema, texto, tema…).**

9. **Diz dez provérbios de que te lembres.** (anota aqueles de que te lembres, nem que seja apenas um)

1.
2.
3.
4.
5.
6.
7.
8.
9.
10.

Anexo 21: Tabelas e gráficos dos resultados do terceiro inquérito na turma do 8.º1 (Português)

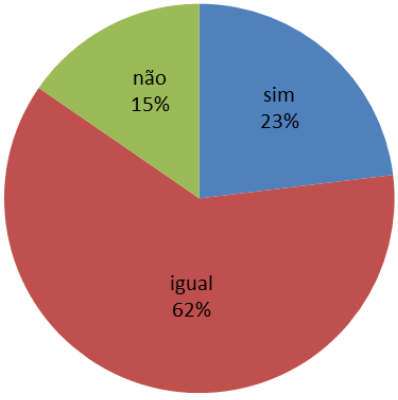
Pergunta 1: Em relação ao início do ano letivo, tens agora mais sensibilidade quanto à utilização dos provérbios (prestas mais atenção quando ouves algum, pensas agora que podem ser mais úteis do que pensavas no início do ano...)?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Sim	15	58%
A mesma que já tinha	11	42%
Não	-	-



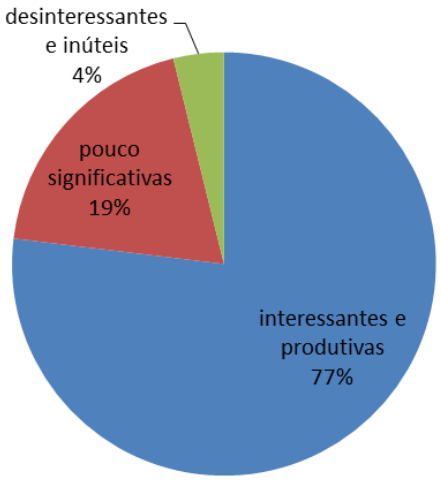
Pergunta 2: Usas agora, quando falas ou escreves, mais provérbios do que no início do ano?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Igual	16	62%
Sim	6	23%
Não	4	15%



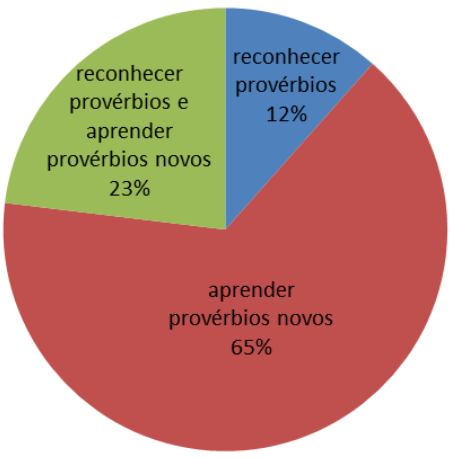
Pergunta 3: Como classificarias as atividades que realizámos, ao longo deste ano letivo, com provérbios?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Interessantes e produtivas	20	77%
Pouco significativas	5	19%
Desinteressantes e inúteis	1	4%



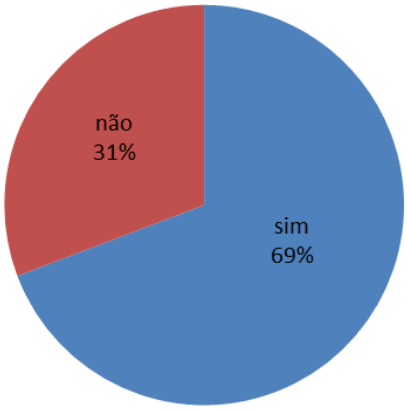
Pergunta 4: Gostaste mais de reconhecer provérbios que já sabias ou de aprender provérbios novos?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Aprender provérbios novos.	17	65%
Reconhecer provérbios e aprender provérbios novos.	6	23%
Reconhecer provérbios.	3	12%



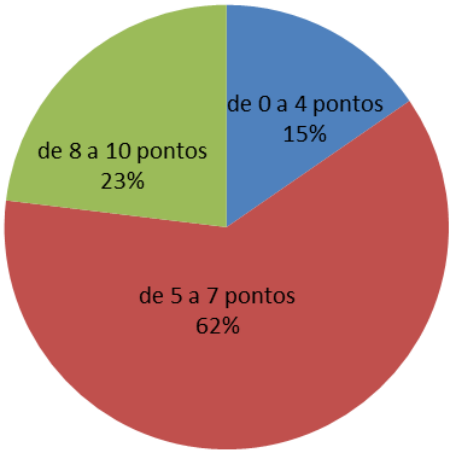
Pergunta 5: Achas que o ensino dos provérbios é importante na aprendizagem de uma língua estrangeira?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Sim	18	69%
Não	8	31%



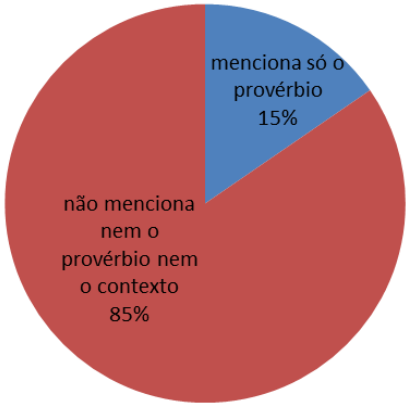
Pergunta 6: Classifica, numa escala de 0 a 10 (em que 0 = nada importante e 10 = importantíssimo), essa importância.

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
De 5 a 7 pontos.	16	62%
De 8 a 10 pontos.	6	23%
De 0 a 4 pontos.	4	15%



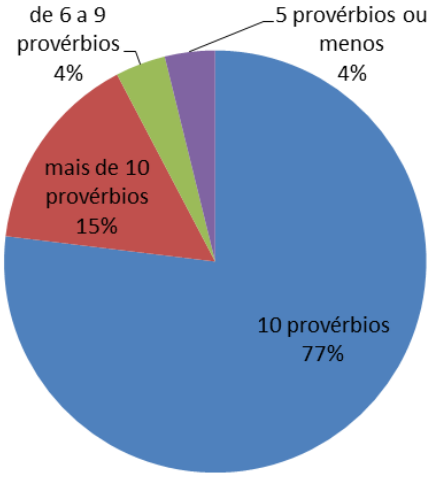
Pergunta 8[48]**: Lembras-te do último provérbio que aprendemos nas aulas? Transcreve-o e associa-o ao contexto em que surgiu (poema, texto, tema…).**

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Não menciona nem o provérbio nem o contexto.	22	85%
Menciona só o provérbio.	4	15%



Pergunta 9: Diz dez provérbios de que te lembres. (anota aqueles de que te lembres, nem que seja apenas um)

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Anota 10 provérbios.	20	77%
Anota mais de 10 provérbios.	4	15%
Anota de 6 a 9 provérbios.	1	4%
Anota 5 provérbios ou menos.	1	4%



[48] A pergunta sete do terceiro inquérito era dirigida apenas aos alunos de ELE.

Lista dos provérbios registados pelos alunos do 8.º1 no terceiro inquérito.

Provérbios	N.º de vezes mencionado
Grão a grão enche a galinha o papo.	24
Água mole em pedra dura tanto dá/bate até que fura.	22
Quem conta um conto acrescenta um ponto.	20
Quem semeia ventos colhe tempestades.	19
Quem tudo quer tudo perde.	18
Gato escaldado de água fria tem medo.	18
Em terra de cegos quem tem olho é rei.	15
Zangam-se as comadres, descobrem-se as verdades.	11
Entre marido e mulher ninguém mete a colher.	11
Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.	10
Quem foi ao ar/mar perdeu o lugar.	9
À noite todos os gatos são pardos.	9
Mais vale tarde do que nunca.	6
Quem espera sempre alcança.	6
Quem não arrisca não petisca.	6
Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti.	6
De pequenino é que se torce o pepino.	6
A cavalo dado não se olha o dente.	5
Deitar cedo e cedo erguer dá saúde e faz crescer.	4
Em casa de ferreiro, espeto de pau.	4
Gaivotas em terra, tempestade no mar.	4
O pior cego é aquele que não quer ver.	4
De Espanha nem bom vento nem bom casamento.	3
Quem não sabe é como quem não vê.	3
Quem não deve não teme.	2
A esperança é sempre a última a morrer.	2
Quem espera desespera.	2
Mais depressa se apanha um mentiroso do que um coxo.	2
A verdade vem sempre ao de cima.	2
Querer é poder.	2

Dá Deus nozes a quem não tem dentes.	2
A curiosidade matou o gato.	2
A galinha da vizinha é sempre melhor do que a minha.	1
Nem tudo o que brilha é ouro.	1
Rei morto, rei posto.	1
Mais vale só que mal acompanhado.	1
Número total de provérbios elencados: 36	

Anexo 22: Tabelas e gráficos dos resultados do terceiro inquérito na turma 10.º2 (Português)

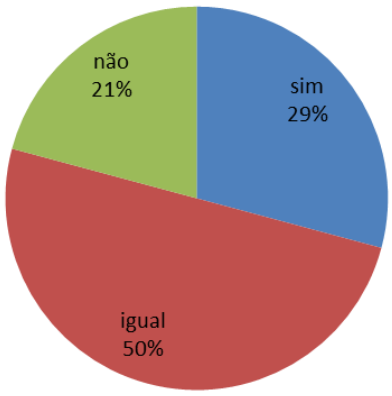
Pergunta 1: Em relação ao início do ano letivo, tens agora mais sensibilidade quanto à utilização dos provérbios (prestas mais atenção quando ouves algum, pensas agora que podem ser mais úteis do que pensavas no início do ano...)?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Sim	12	50%
A mesma que já tinha	9	37%
Não	3	13%



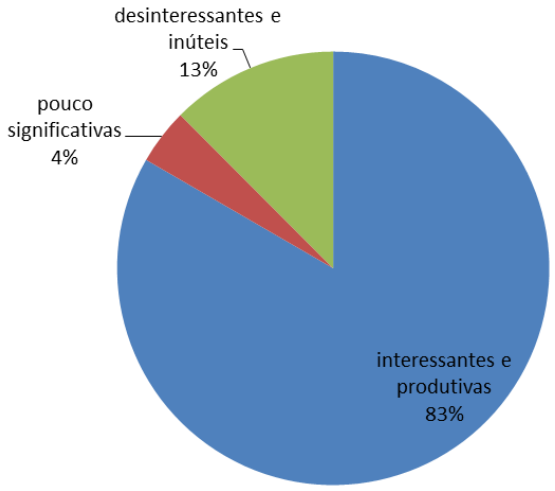
Pergunta 2: Usas agora, quando falas ou escreves, mais provérbios do que no início do ano?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Igual	12	50%
Sim	7	29%
Não	5	21%



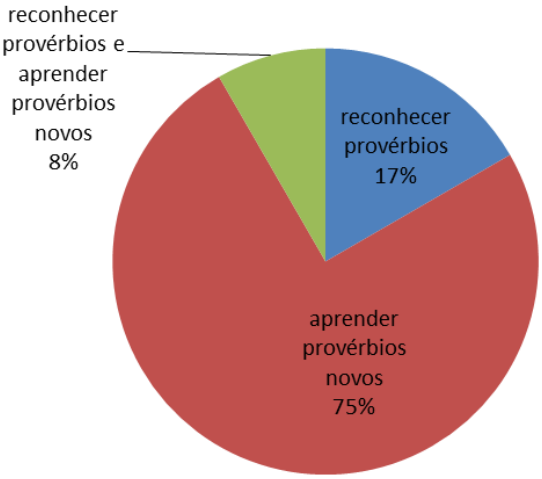
Pergunta 3: Como classificarias as atividades que realizámos, ao longo deste ano letivo, com provérbios?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Interessantes e produtivas	20	83%
Desinteressantes e inúteis	3	13%
Pouco significativas	1	4%



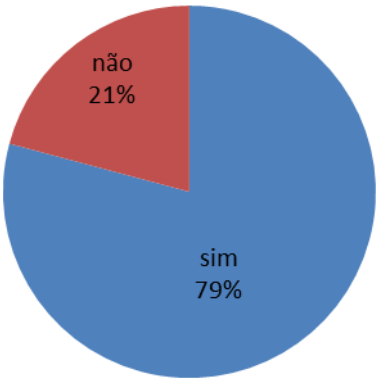
Pergunta 4: Gostaste mais de reconhecer provérbios que já sabias ou de aprender provérbios novos?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Aprender provérbios novos.	18	75%
Reconhecer provérbios.	4	17%
Reconhecer provérbios e aprender provérbios novos.	2	8%



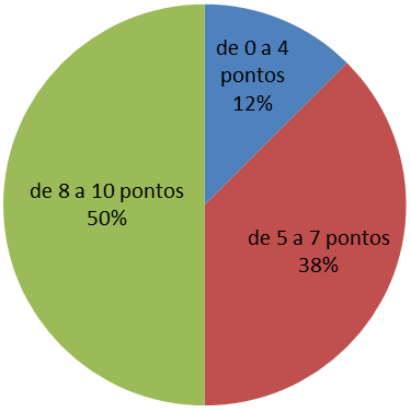
Pergunta 5: Achas que o ensino dos provérbios é importante na aprendizagem de uma língua estrangeira?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Sim	19	79%
Não	5	21%



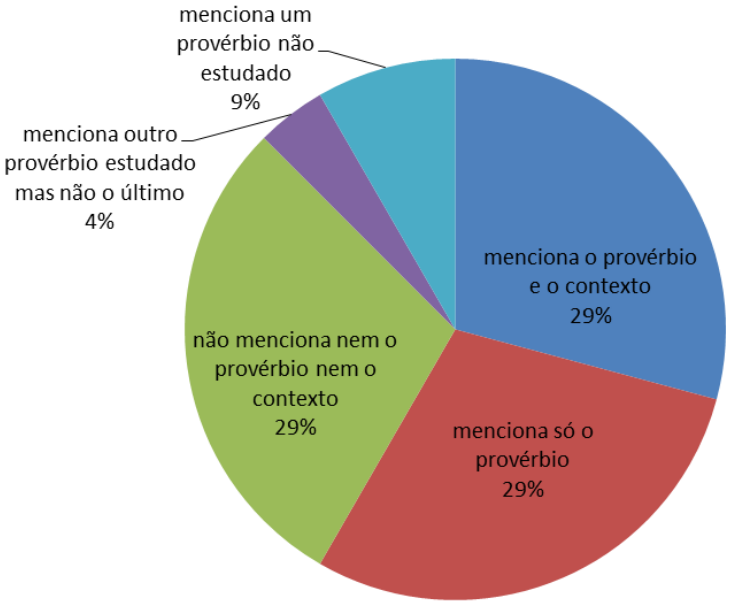
Pergunta 6. Classifica, numa escala de 0 a 10 (em que 0 = nada importante e 10 = importantíssimo), essa importância.

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
De 8 a 10 pontos.	12	50%
De 5 a 7 pontos.	9	38%
De 0 a 4 pontos.	3	12%



Pergunta 8[49]: Lembras-te do último provérbio que aprendemos nas aulas? Transcreve-o e associa-o ao contexto em que surgiu (poema, texto, tema…).

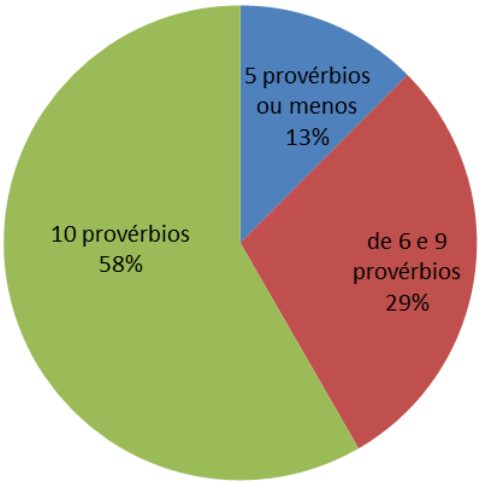
Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Menciona o provérbio e o contexto.	7	29%
Menciona só o provérbio.	7	29%
Não menciona nem o provérbio nem o contexto.	7	29%
Menciona um provérbio não estudado.	2	9%
Menciona outro provérbio estudado mas não o último.	1	4%



[49] A pergunta sete do terceiro inquérito era dirigida apenas aos alunos de ELE.

Pergunta 9: Diz dez provérbios de que te lembres (anota aqueles de que te lembres, nem que seja apenas um).

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Anota 10 provérbios.	14	58%
Anota de 6 a 9 provérbios.	7	29%
Anota 5 provérbios ou menos.	3	13%



Lista dos provérbios registados pelos alunos do 10.º2 no terceiro inquérito.

Provérbios	N.º de vezes mencionado
Quem foi ao ar/mar perdeu o lugar.	23
Quem conta um conto acrescenta um ponto.	20
Água mole em pedra dura tanto dá/bate até que fura.	14
Gato escaldado de água fria tem medo.	14
A curiosidade matou o gato.	13
Grão a grão enche a galinha o papo.	11
Em terra de cegos quem tem olho é rei.	9
Quem vê caras não vê corações.	7
Cada cabeça sua sentença.	6
Quem canta seus males espanta.	6
Quem tudo quer tudo perde.	6
Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.	6
Nem tudo o que parece é.	5

Vozes de burro não chegam ao céu.	5
As aparências iludem.	5
Quem desdenha quer comprar.	4
O maior/pior cego é aquele que não quer ver.	4
A mentira tem perna curta.	3
Pela boca morre o peixe.	3
A pensar morreu um burro.	3
Na escola onde você estuda eu já fui professor.	3
Não te rias do vizinho que o teu mal vem a caminho.	3
Deitar cedo e cedo erguer dá saúde e faz crescer.	3
Vão-se os anéis e fiquem os dedos.	2
De manhã, a laranja é ouro, à tarde é prata e à noite mata.	2
O barco só passa uma vez.	2
Há mais marés do que marinheiros.	2
Quem tem medo compra um cão.	2
Quem te avisa teu amigo é.	2
Perdido por cem, perdido por mil.	2
Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão.	2
Mais depressa se apanha um mentiroso do que um coxo.	2
Todos os caminhos vão dar a Roma.	1
Quem anda à chuva molha-se.	1
Devagar se vai ao longe.	1
Quando um burro fala, os outros baixam as orelhas.	1
Quem ri por último ri melhor.	1
O segredo é a alma do negócio.	1
Quem não tem telhados de vidro que atire a primeira pedra.	1
Quando tu vais com a farinha, eu já venho com o pão.	1
Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti.	1
De pequenino se torce o pepino.	1
Número total de provérbios elencados: 42	

Anexo 23: Tabelas e gráficos dos resultados do terceiro inquérito na turma do 7.º1/2 (Espanhol)

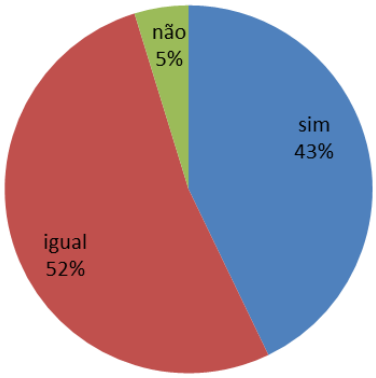
Pergunta 1: Em relação ao início do ano letivo, tens agora mais sensibilidade quanto à utilização dos provérbios (prestas mais atenção quando ouves algum, pensas agora que podem ser mais úteis do que pensavas no início do ano...)?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Sim	11	52%
A mesma que já tinha	10	48%
Não	-	-



Pergunta 2: Usas agora, quando falas ou escreves, mais provérbios do que no início do ano?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Igual	11	52%
Sim	9	43%
Não	1	5%



Pergunta 3: Como classificarias as atividades que realizámos, ao longo deste ano letivo, com provérbios?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Interessantes e produtivas	18	86%
Pouco significativas	3	14%
Desinteressantes e inúteis	-	-



Pergunta 5[50]: Achas que o ensino dos provérbios é importante na aprendizagem de uma língua estrangeira?

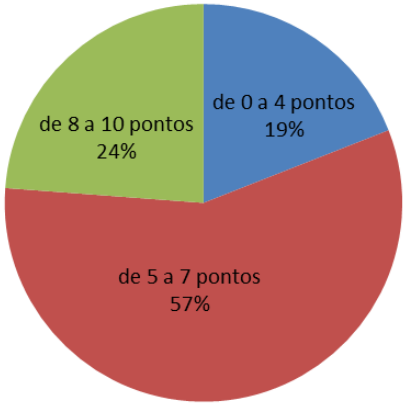
Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Sim	17	81%
Não	4	19%



[50] A pergunta quatro do terceiro inquérito era dirigida apenas aos alunos de PLM.

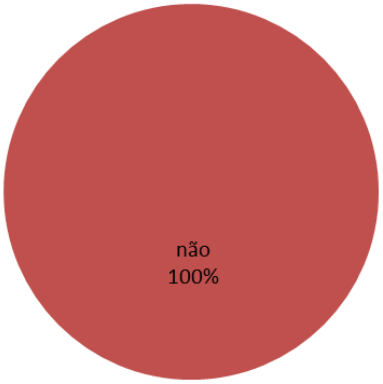
Pergunta 6. Classifica, numa escala de 0 a 10 (em que 0 = nada importante e 10 = importantíssimo), essa importância.

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
De 5 a 7 pontos.	12	57%
De 8 a 10 pontos.	4	24%
De 0 a 4 pontos.	5	19%



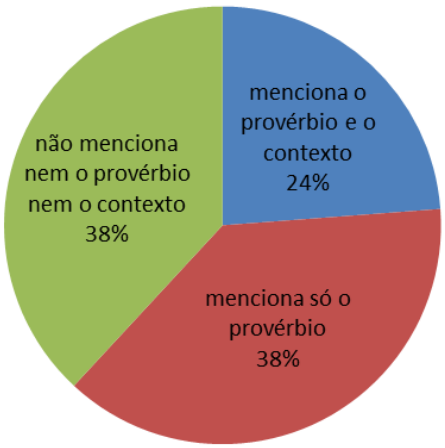
Pergunta 7: Já conhecias algum provérbio espanhol antes do início deste ano letivo?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Não	21	100%



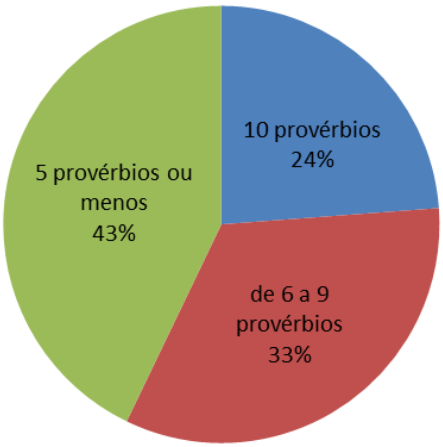
Pergunta 8: Lembras-te do último provérbio que aprendemos nas aulas? Transcreve-o e associa-o ao contexto em que surgiu (poema, texto, tema…).

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Menciona só o provérbio.	8	38%
Não menciona nem o provérbio nem o contexto.	8	38%
Menciona o provérbio e o contexto.	5	24%



Pergunta 9: Diz dez provérbios de que te lembres. (anota aqueles de que te lembres, nem que seja apenas um)

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Anota 5 provérbios ou menos.	9	43%
Anota de 6 a 9 provérbios.	7	33%
Anota 10 provérbios.	5	24%



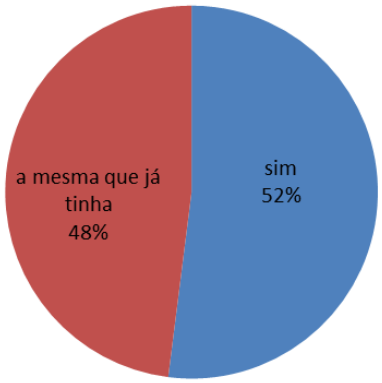
Lista de provérbios registados pelos alunos do 7.º1/2 no terceiro inquérito.

Provérbios	N.º de vezes mencionado
Grão a grão enche a galinha o papo.	17
Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje.	16
De pequenino é que se torce o pepino.	15
Devagar se vai ao longe.	11
Em abril, águas mil.	9
Quem não tem cão caça com gato.	9
Cão que ladra não morde.	8
A cavalo dado não se olha o dente.	6
A união faz a força.	6
Fia-te na Virgem e não corras.	5
Quem não arrisca não petisca.	4
Quem te avisa teu amigo é.	4
Água mole em pedra dura tanto dá/bate até que fura.	3
Deitar cedo e cedo erguer dá saúde e faz crescer.	3
Preso por ter cão e preso por não ter.	3
Quem vê caras não vê corações.	3
Gaivotas em terra, tempestade no mar.	2
Os gostos não se discutem.	2
Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.	1
Quanto mais alto se sobe maior é a queda.	1
Dar tempo ao tempo.	1
Número total de provérbios elencados: 21	

Anexo 24: Tabelas e gráficos dos resultados do terceiro inquérito na turma do 10.º7 (Espanhol)

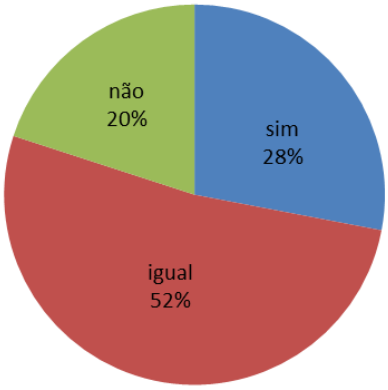
Pergunta 1: Em relação ao início do ano letivo, tens agora mais sensibilidade quanto à utilização dos provérbios (prestas mais atenção quando ouves algum, pensas agora que podem ser mais úteis do que pensavas no início do ano...)?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Sim	13	52%
A mesma que já tinha	12	48%
Não	-	-



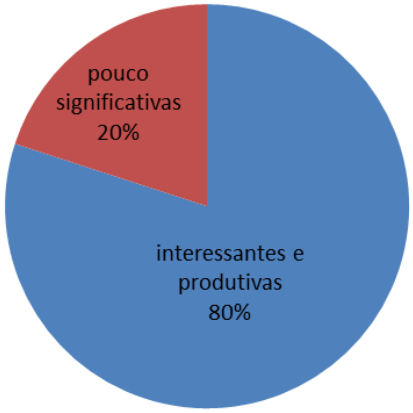
Pergunta 2: Usas agora, quando falas ou escreves, mais provérbios do que no início do ano?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Igual	13	52%
Sim	7	28%
Não	5	20%



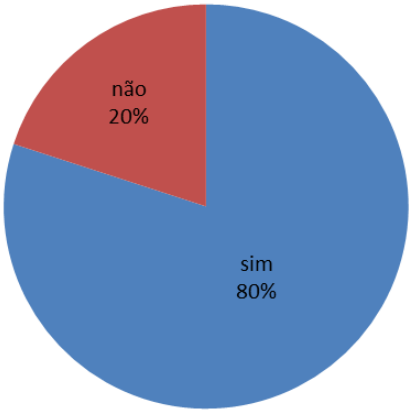
Pergunta 3: Como classificarias as atividades que realizámos, ao longo deste ano letivo, com provérbios?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Interessantes e produtivas	20	80%
Pouco significativas	5	20%
Desinteressantes e inúteis	-	-



Pergunta 5[51]: Achas que o ensino dos provérbios é importante na aprendizagem de uma língua estrangeira?

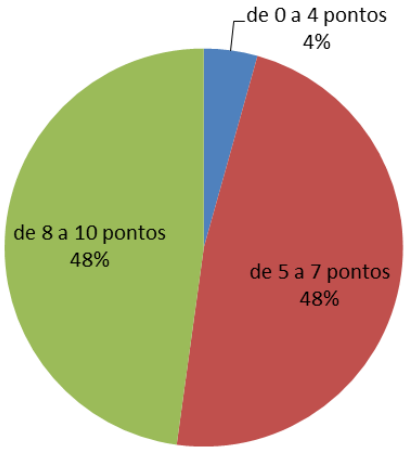
Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Sim	20	80%
Não	5	20%



[51] A pergunta quatro do terceiro inquérito era dirigida apenas aos alunos de PLM.

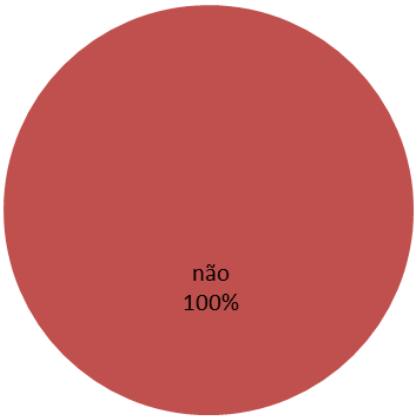
Pergunta 6. Classifica, numa escala de 0 a 10 (em que 0 = nada importante e 10 = importantíssimo), essa importância.

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
De 5 a 7 pontos.	11	48%
De 8 a 10 pontos.	11	48%
De 0 a 4 pontos.	1	4%



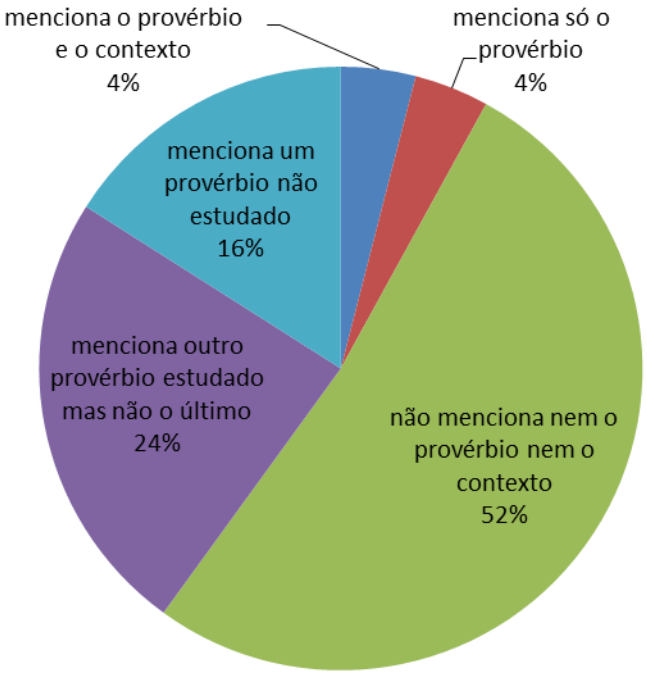
Pergunta 7: Já conhecias algum provérbio espanhol antes do início deste ano letivo?

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Não.	25	100%



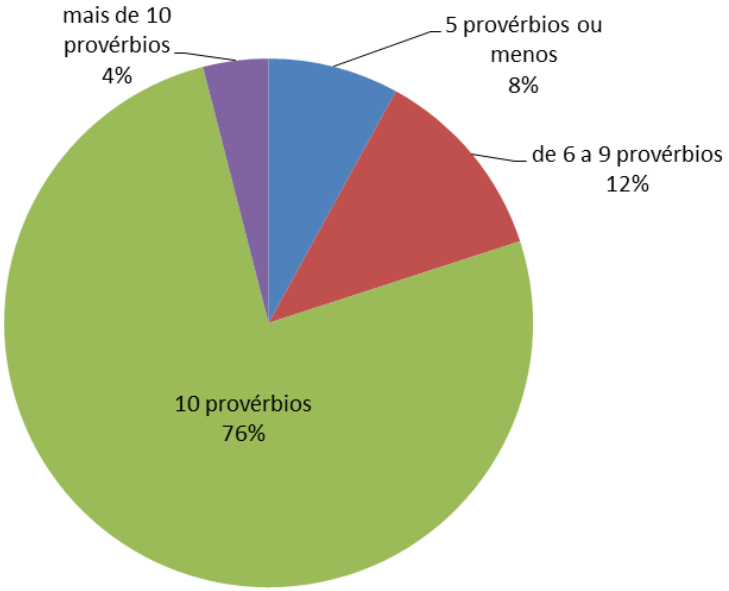
Pergunta 8: Lembras-te do último provérbio que aprendemos nas aulas? Transcreve-o e associa-o ao contexto em que surgiu (poema, texto, tema…).

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Não menciona nem o provérbio nem o contexto.	13	52%
Menciona outro provérbio estudado mas não o último.	6	24%
Menciona um provérbio não estudado.	4	16%
Menciona o provérbio e o contexto.	1	4%
Menciona só o provérbio.	1	4%



Pergunta 9: Diz dez provérbios de que te lembres. (anota aqueles de que te lembres, nem que seja apenas um)

Respostas	N.º de alunos	Percentagem
Anota 10 provérbios.	19	76%
Anota de 6 a 9 provérbios.	3	12%
Anota 5 provérbios ou menos.	2	8%
Anota mais de 10 provérbios.	1	4%



Lista dos provérbios registados pelos alunos do 10.º7 no terceiro inquérito.

Provérbios	N.º de vezes mencionado
De pequenino é que se torce o pepino.	22
Água mole em pedra dura tanto dá/bate até que fura.	19
Grão a grão enche a galinha o papo.	18
Quem semeia ventos colhe tempestades.	16
Nem tudo o que brilha é ouro.	16
Amor com amor se paga.	16
Quem tem boca vai a Roma.	15
Deitar cedo e cedo erguer dá saúde e faz crescer.	14
Todos os caminhos vão dar a Roma.	9
Quem foi ao ar/mar perdeu o lugar.	8

Quem vai à guerra dá e leva.	7
O feitiço vira-se contra o feiticeiro.	6
Entre marido e mulher ninguém mete a colher.	5
Quem é vivo sempre aparece.	4
Em abril, águas mil.	4
A cavalo dado não se olha o dente.	4
Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.	4
Em casa de ferreiro, espeto de pau.	4
Não há luar como em janeiro nem amor como o primeiro.	4
Chapa ganha, chapa gasta.	3
Quem desdenha quer comprar.	3
Quem não quer ser lobo não lhe veste a pele.	2
Quem tudo quer tudo perde.	2
A pressa é inimiga da perfeição.	1
Quanto mais alto se sobe maior é a queda.	1
Mãos frias, coração quente, amor para sempre.	1
Não vale a pena chorar sobre leite derramado.	1
Cá se fazem cá se pagam.	1
Quanto mais me bates mais eu gosto de ti.	1
Na casa em que fores viver farás como vires fazer.	1
Fala-se no diabo e aparece-lhe o rabo.	1
Em terra de cegos quem tem olho é rei.	1
Mais vale tarde do que nunca.	1
Quem não arrisca não petisca.	1
Não te rias do vizinho que o teu mal vem a caminho.	1
Quando um burro fala, o outro baixa as orelhas.	1
Quem vê caras não vê corações.	1
Nem tudo o que parece é.	1
Quem tem telhados de vidro, não atira pedras ao do vizinho.	1
Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão.	1
Número total de provérbios elencados: 40	